este cabeçalho pode valer-lhe mais de mil contos

Diário de Lisboa

Edição da noite

FUNDADOR: JOAQUIM MANSO DIRECTOR: A. RUELLA RAMOS

QUINTA-FEIRA, 25 DE MARÇO DE 1971 N.º 17 333 ANO 50.º PREÇO 1$50

luz verde nos caminhos da FORTUNA

1 X 2

TOTOBOLA

sonho e realidade

LEITOR DO Diário de Lisboa

Do sonho à realidade pode haver apenas um passo chamado «DIÁRIO DE LISBOA». A nova iniciativa que temos vindo a anunciar vai, efectivamente, dar azo a que muitos dos nossos leitores concretizem se não todos, pelo menos alguns dos seus sonhos mais difíceis de realizar. Quer o confessemos quer não, todos acalentamos um sonho qualquer que por vezes nem queremos reconhecer por não o considerarmos à nossa altura ou à altura do momento em que vivemos. Haverá quem não tenha sonhado em ter uma janela para o mar, um apartamento que proporcione à família férias saudáveis e bem passadas? Haverá quem nunca tenha sonhado ser senhorio de si mesmo ou em melhorar a sua casa na certeza de não estar a regar uma seara alheia? Julgamos que poucas pessoas poderão responder negativamente a estas perguntas porque ser pro-

(Continua na pág. seguinte)

A BELA MADELINE SMITH é um trunfo televisivo que os ingleses estão a jogar repetidamente. Depois de uma série romântica foi agora convidada a interpretar um folhetim «médico», tão do agrado das plateias domésticas. O seu exterior saudável ajuda muito

MAO TSÉ TUNG — UM DOS DEZ MAIS BEM VESTIDOS

LONDRES, 25 — (R.) — Mick Jagger, o astro britânico da música «pop», e o dirigente chinês Mao Tse Tung estão incluídos numa lista dos 10 homens que melhor vestem no Mundo, compilada pela revista «Tailor and Cutter», segundo foi revelado hoje.

Na lista, que deverá ser publicada amanhã, encontravam-se, também, Teddy Walson, alfaiate do príncipe Carlos, mas não o próprio príncipe, cujo vestuário foi criticado recentemente por Karl Dallas, que compilou a lista.

Havia um total de 100 individualidades na lista, incluindo os cantores Tom Jones e Engelbert Humperdinck, os actores Warren Beatty e Peter Fonda e Malcolme Leigh, director de «Games Lovers Play», um dos filmes de maior êxito do ano.

Na lista apareciam, também, entre outros, os nomes de Noel Coward, George Best, o famoso jogador de futebol do Manchester United, e o príncipe William de Gloucester.

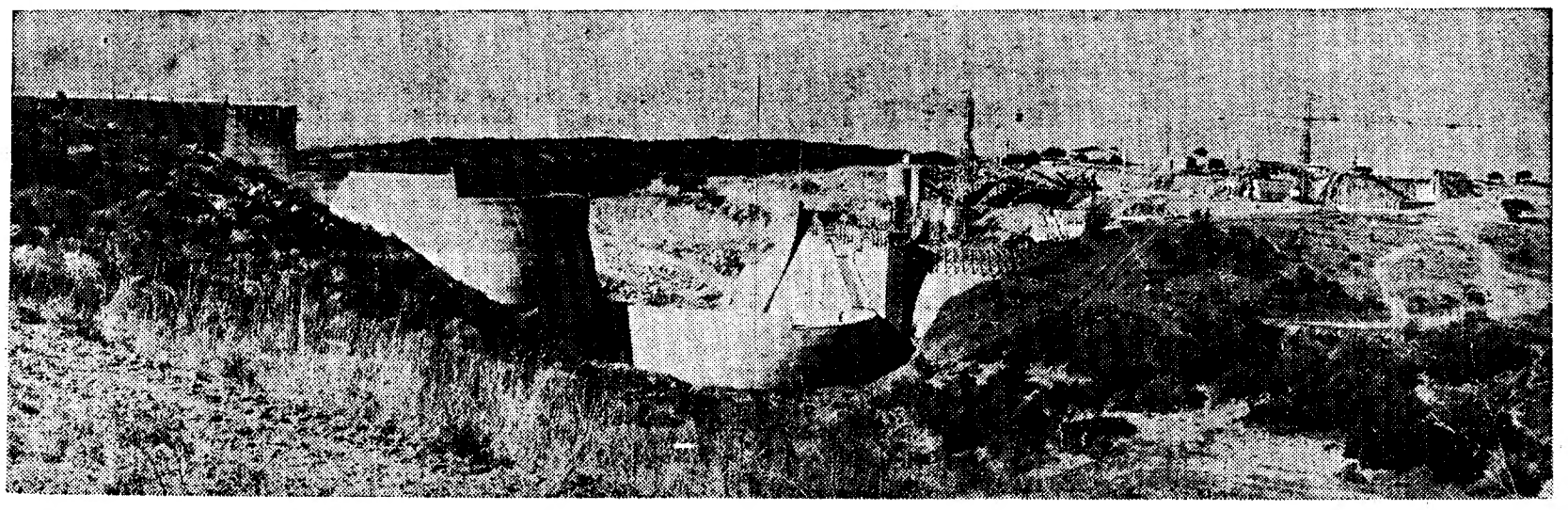
PAPEL DA BANCA COMERCIAL NA PROMOÇÃO DE ANGOLA E MOÇAMBIQUE

FOCADO PELO DR. MIGUEL QUINA NA ASSEMBLEIA GERAL DO BANCO DE CRÉDITO COMERCIAL E INDUSTRIAL

(LER NA 5.ª PÁGINA)

ÚLTIMAS NOTÍCIAS — LER NA PÁG. 24

Eis como se encontra actualmente, em adiantada fase de construção, a barragem de Odivelas, que amanhã será visitada pelos ministro e subsecretário de Estado das Obras Públicas. O enchimento da albufeira deverá iniciar-se em Novembro ou Dezembro do corrente ano, para, em 1972, beneficiar 7300 hectares de terras,



HOJE 32 PAGS.
VISADO PELA CENSURA

Os decretos que instituem serviços de acção social abrangendo quatro ministérios

No decreto pelo qual se cria a Obra Social dos Ministérios das Obras Publicas e Comunicações (resultante da fusão do Cofre de Auxílio dos Funcionários do Ministério das Obras Publicas e dos Serviços Sociais do Ministério das Comunicações) salienta-se que o organismo tem por fim «*auxiliar a satisfação das necessidades de ordem económica, social e cultural dos servidores dos dois Ministérios e desenvolver os laços de solidariedade entre eles*».

Para efeitos organicos, ficará dependente do Ministério das Obras Publicas.

A acção da Obra Social (que terá direcção, conselho consultivo e comissão verificadora de contas) poderá vir a tornar-se extensiva ao agregado familiar dos beneficiários; aos aposentados e aos servidores que, por motivo de doença, tenham sido colocados em licença ilimitada ou desligados do serviço.

As modalidades de acção a exercer, condições de admissão, etc., constarão de regulamento a aprovar pelos ministros das Obras Publicas e das Comunicações. O decreto entra em vigor no dia 1 de Maio.

Os Serviços Sociais dos Ministérios da Economia e das Finanças

O decreto, aprovado no ultimo Conselho de Ministros, pelo qual se tornam extensivas aos funcionários do Ministério das Finanças as disposições do Decreto-Lei n.º 48 687, de 15 de Novembro de 1968 que instituiu os Serviços Sociais do Ministério da Economia (criando-se assim os Serviços Sociais dos Ministerios das Finanças e da Economia), determina que a respectiva direcção terá um presidente, um vice-presidente e vogais representantes dos dois departamentos oficiais, em numero a fixar em regulamento.

No entanto, enquanto não for publicado o citado regulamento, manter-se-ão em funções os actuais representantes

A homenagem a Luís Teixeira

Encerram-se hoje, as 21 horas, as inscrições para o anunciado jantar de homenagem ao nosso camarada de imprensa, Luís Teixeira, o qual está marcado para amanhã ás 21 horas, no Hotel Embaixador.

As inscrições podem fazer-se nas delegações do «Diário de Notícias» (Rossio e Chiado), de «O Século» (Rossio) e do «Diário Popular» Largo de S. Domingos), e no Hotel Embaixador.

Uma série de colóquios no Centro Nacional de Cultura sobre a reforma do ensino

Começa hoje, ás 21 e 30, no Centro Nacional de Cultura, uma série de colóquios sobre a Reforma do Ensino. O calendário é o seguinte: hoje — «A Reforma do Ensino e a Autonomia da Universidade», pelos profs. Lindley Cintra e Orlando de Carvalho; 1 de Abril — «A Reforma e a *Democratização* do Ensino» — pelo prof. Francisco Pereira de Moura e pelo dr. Rui Grácio; 15 de Abril — «A Reforma e os Meios Humanos da sua Realização I — O Problema dos Professores», pelo prof. Vítor Matos e pelo dr. Joel Serrão; 22 de Abril — «A Reforma do Ensino e os Meios Humanos da sua Realização — II — O Problema Estudantil», por António Reis e José Mariano Gago; 29 de Abril — «Para uma Rede de Instalações Escolares», pelo arquitecto Nuno Portas e pelo eng. Prostes da Fonseca.

SAIU HOJE

motor

NESTE NÚMERO

- Reportagem do Rallye das Camélias (AUGUSTO VILELA, com fotos de SALVADOR RIBEIRO)
- «Camélias 71» ou o entusiasmo em flor (ADRIANO CERVEIRA))
- Carlos Bandeira Vieira ganhou o Rallye B. C. A.
- Regazzoni venceu a Corrida dos Campeões
- Larrousse-Elford salvaram a Porsche
- 4 Horas de Monza (PHILIPPE TOUSSAINT)
- Carta da Africa do Sul (PHILIPPE TOUSSAINT)
- Nauticampo V: Maior em 1971... que não melhor (MARIA DO CÉU)
- Karting: Uma nova Classe nos «Nacionais» de 1971 (HERLANDER GARCIA)
- Página de Aviação (ALVES SARAIVA)
- Noticiário e as habituais secções

motor ensaio

OPEL 1604 S

Um «road-test» de BANDEIRA DE LIMA

EM SUPLEMENTO ESPECIAL

TUDO SOBRE O V RALLYE A MONÇÃO

32 PÁGINAS PREÇO: 2$50

LEITOR DO Diário de Lisboa

(Cont. da página anterior)

prietário da casa em que se habita é uma das ambições mais generalizadas do homem do nosso tempo. A casa de campo ou de praia, por outro lado — ainda que habitável todo o ano por estar situada ao pé do local de trabalho — é outro elemento que está na base de muitos sonhos e, mesmo, de muitas preocupações.

À medida que se aproxima o Verão e, com ele, as férias da criançada, o problema de encontrar uma casa de renda acessível onde a família se possa instalar durante uns tempos, reveste-se de uma acuidade que ninguém negará.

Três dos participantes da nova iniciativa do «Diário de Lisboa» vão ver esse problema resolvido para sempre e vão, simultâneamente, concretizar o sonho de se tornarem proprietários da sua própria casa...

O homem, porém, não sonha apenas em ter casa para estar — muitos há que sonham precisamente o contrário: em sair de casa para percorrer o mundo, conhecendo novas terras e nova gente.

Muitos dos que sonham em viajar vão ter a possibilidade de concretizar os seus sonhos participando na iniciativa a que nos vimos referindo, porque fazem parte da lista dos prémios várias viagens ao estrangeiro que sabemos agradarem a muitos dos nossos leitores por ainda não termos esquecido o êxito do nosso concurso «Férias no Mundo...»

Ir ao Rio de Janeiro, por exemplo, é, para muita gente, um sonho quase irrealizável que um leitor do «Diário de Lisboa» vai concretizar tal como outros vão concretizar a ambição de conhecer o norte da Europa.

Para muitos, por outro lado, o sonho é ter um automóvel e percorrer as estradas em busca de aventura. Símbolo de coisas tão diversas, no entender dos psicólogos que não vale sequer a pena tentar enumerá-las, o automóvel é, sobretudo, o símbolo do nosso tempo, o objecto mais ambicionado pelo homem que vive na cidade e para quem este cavalo metálico tanto representa uma possibilidade de fuga ao quotidiano como instrumento de trabalho.

Também os sonhos dos leitores que ambicionam tornar-se proprietários de automóveis podem realizar-se por intermédio desta nova iniciativa.

Não falamos, hoje, nos restantes prémios que aguardam os leitores do «Diário de Lisboa» por entendermos que apartamentos, automóveis e viagens chegam para um dia, como chegam para alimentar os sonhos de quantos poderão concretizá-los no decorrer da nossa própria iniciativa.

O parecer da Câmara Corporativa favorável ao projecto de lei sobre reabilitação dos deficientes

A Câmara Corporativa, ao emitir o parecer sobre o projecto de lei da autoria do deputado Cancela de Abreu acerca da reabilitação e integração social de indivíduos deficientes, de que foi relator o dr. Lino Neto, acentua que parte do preceituado «constitui repetição de regras e conceitos já existentes» mas logo acrescenta que inclui «assuntos novos de indiscutível relevancia, em que sobressaem a concepção global de reabilitação, a realizar através da coordenação de diversas modalidades, a definição oficial de deficiente e a delimitação das pessoas com direito aos serviços de reabilitação».

A Câmara aprova o projecto na generalidade, mas propõe várias alterações na especialidade.

Casa do Algarve

Foi convocada para o dia 31, ás 20 e 30, na respectiva sede, a assembleia geral ordinária da Casa do Algarve para apreciar e votar o relatório e contas da gerência de 1970 e eleger os corpos gerentes para o biénio de 1971-1972.

Actualizados os planos de estudos dos cursos de Engenharia da Academia Militar

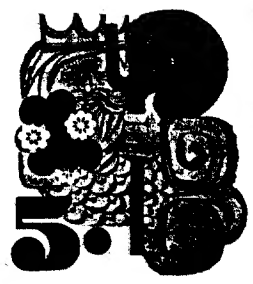
Uma portaria hoje publicada no «Diário do Governo» adapta os planos de estudos dos cursos de Engenharia da Academia Militar.

São eles reduzidos de um ano e os ramos das diferentes especialidades de Engenharia, bem como as cadeiras de opção a frequentar, em cada ano, pelos alunos da academia Militar, serão fixados por despacho ministerial.

Os actuais 5.º, 6.º e 7.º anos, reduzido o 7.º apenas a um semestre, continuam no Instituto Superior Técnico. Para o Instituto Superior Técnico são transferidos os actuais 3.º e 4.º anos, excepto Engenharia Militar. Os actuais 1.º e 2.º anos dos cursos de Engenharia da Academia Militar seguem os planos fixados para o Instituto Superior Técnico, com as mesmas designações e programas.

O TURISMO NOS AÇORES

Foi confirmada a declaração de utilidade turística da Estalagem de Santa Cruz, que a Comissão Regional de Turismo da Horta edificou a título prévio.



NAUTICAMPO

AS ÚLTIMAS NOVIDADES EM EQUIPAMENTO PARA FÉRIAS AO AR LIVRE

HORARIO:
Hoje e amanhã — das 17 às 24 horas

até 28 de MARÇO na FEIRA INTERNACIONAL DE LISBOA

entrada 5$00

TCHAD: MEDIAÇÕES AFRICANAS E BUSCA DE UMA SOLUÇÃO POLÍTICA

Terá lugar, dentro de dias, em Fort-Archambault, a assembleia do Partido Progressista do Tchad. A crer nas conclusões duma reunião extraordinária dos dirigentes do partido único tchadiano, que teve, recentemente, lugar em Fort-Lamy, nenhuma modificação da equipa governamental será anunciada naquela altura. Em contra-partida, não se exclui a possibilidade de François Tombalbaye dar conta, no decurso do encontro de Fort-Archambault, dos progressos verificados na procura de uma solução política para a rebelião tchadiana.

No centro do país, onde a Frente de Libertação Nacional (FROLINA), do dr. Abba Siddick, estava, ainda há uns meses, sólidamente implantada ao que parece, as apresentações têm-se multiplicado. Mas não se conhece o número exacto dessas rendições, nem se sabe se as mesmas têm sido ou não feitas com o acordo da direcção política da FROLINA.

No Norte, na região de Bourkou, Ennedi e Tibesti, onde a maior parte do corpo expedicionário tem estado empenhado, têm-se estabelecido contactos discretos com os dissidentes «toubbou», em especial, com o respectivo chefe, o «Derde», há muitos meses instalado na Líbia.

Por ocasião da conferência dos chefes de Estado da Organização Comum Africana, Malgache e Mauriciana, que teve lugar, em Fort-Lamy, no passado mês de Janeiro, François Tombalbaye pediu a alguns dos seus colegas que agissem como medianeiros e que o auxiliassem a pôr cobro á rebelião. Depois a Tripoli, onde se encontrou com o «Derde»; o coronel Kadhafi foi hóspede oficial da Tunísia e recebeu em Túnis diversos emissários do Governo senegalês que com ele vieram tratar do problema tchadiano; enfim, o presidente Nemeiry, do Sudão, visitou o Tchade a convite de François Tombalbaye.

Primeiro chefe de Estado da África francófona a visitar Tripoli, Diori Hamani sublinhou junto dos seus interlocutores líbios que, apesar de pertencer ao círculo francófono da CAM, pretendia manter estreitas relações com o mundo árabe. Único Estado membro do Conselho da «entente» cuja maior parte dos países vizinhos — cinco num total de sete — é muçulmana, povoado por uma forte minoria Haoussa islamizada que constitui, na fronteira meridional, a maioria da população nigeriana a República do Niger encontra-se, tal como o Rhad ou a Mauritânia, colocada na charneira entre o mundo mediterrânico branco e o mundo negro. Esta posição geográfica explica que, durante a guerra civil nigero-biafrense, os dirigentes de Niamey se tivessem recusado a apoiar os separatistas do Biafra e tivessem pelo contrário, dado o seu apoio ao Governo Federal de Lagos. Explica que actualmente, o presidente do Niger se possa colocar na posição de medianeiro entre certos dirigentes da rebelião e Fort-Lamy.

Estão instaladas na parte oriental do território do Niger importantes minorias Toubbou. Estas mantiveram-se, sempre, leais ao Governo de Diori Hamani, mas também é certo que a persistência dum estado de insegurança no território tchadiano pode constituir para elas um mau exemplo. Desejoso de auxiliar o seu colega de Fort-Lamy, o presidente da Reoublica do Niger mostra-se, também, ansioso por preservar uma parte dos seus concidadãos do contágio da desordem.

O actual Chefe do Estado-Maior do exército líbio é de origem «toubbou» e, no tempo em que a monarquia «sénoussi» reinava em Tripoli, os «toubbou» desempenhavam importante papel na guarda do rei Idriss I. Tanto em Niamey como em Tripoli, está-se pois, tanto mais interessado na solução pacífica da questão «Toubbou» na medida em que não se ignoram os prolongamentos que esta poderia, eventualmente, ter, em direcção ao Niger e á Líbia.

Estes diversos elementos são susceptíveis de facilitar uma solução política para a revolta tchadiana. O acordo deveria ter lugar o mais depressa possível, tanto mais que o cansaço se apoderou de ambos os campos: em Fort-Lamy não se ignora que a partida das tropas francesas continua fixada para o fim do ano; o «Derde» dos «toubbou» deseja, ardentemente, regressar ao país e está disposto a render-se ao Governo de Fort-Lamy, se este lhe der um mínimo de garantias quanto á segurança da sua pessoa e bens, enfim. Abba Siddick, que hoje conta apenas com o apoio de Argel e do Cairo, não é sem dúvida, irredutivelmente hostil á abertura de negociações com as autoridades tchadianas.

Por PHILIPPE DECRAENE

(Exclusivo «Le Monde»-«Diário de Lisboa»)

NOTA DIÁRIA

O CUSTO E O RENDIMENTO

A PREVISÃO DE FACILIDADES de transporte para professores e alunos, com vista a cumprir-se o preceito da escolaridade obrigatória está incluída num diploma legal aprovado no Conselho de Ministros desta semana. É fácil de entender. Só custa a entender que tenha levado tanto tempo a admitir-se o que parece de entendimento fácil e geral. Em duas penadas é isto: pela província fora há pequenos povoados onde não há população bastante para justificar a existência de uma escola; a escola existente mais próxima fica longe, na sede do concelho, ou mesmo da freguesia, mas são quilómetros de distância; como obrigar as crianças, aliás, como obrigar os pais?

É esse o caso. Não parece possível obrigar as crianças a palmilhar montes e vales, por todo o tempo, para chegar à escola. Nem parece possível obrigar os pais a pagar-lhes os transportes na «carreira», quando a há, porque às vezes os magros tostões mal chegam para o «primum vivere». O Estado aparece a suprir. É uma forma de auxílio, como se queira chamar, subsídio às famílias, bolsas a estudantes, o que se quiser, mas a finalidade é essa, a de subvencionar as famílias modestas, com filhos pequenos, pondo-as ao abrigo de renunciarem à sua educação por não poderem pagar-lhes a deslocação diária entre a casa e a escola.

É um ponto admitido. O Estado, por um lado, desiste da posição meramente declaratória de vir decretar que é obrigatório ir à escola sem querer saber das condições em que estivessem as famílias para executar ou não essa regra apresentada como um dever. Em vez disso, o Estado prepara-se agora para assumir a posição de estabelecer as condições que tornem possível esse seu voto, amparando-o na atribuição dos meios materiais que escasseavam. Quer dizer, o Estado liberta-se, tanto quanto pode, da ideia de que a Educação é um serviço como outro qualquer a regular em termos de mera execução orçamental, quanto mais económico melhor.

Há outras considerações para além das do custo de ensino. São as do seu rendimento. Os interessados de várias tendências e os técnicos que se presumem de nenhuma tendência, todos se põem de acordo para considerar que num processo de desenvolvimento económico que se pretenda instalar e desencadear, o ensino é a pedra que se põe à frente, a de rendimento certo e de repercussão mais imediata, com a particularidade, verdadeiramente excepcional, de se operar esse crescimento em progressão exponencial nalguns sectores: cada professor formado, quantos alunos prepara logo no ano seguinte? Onde está o que renda mais e tão depressa?

Em discussões públicas, fomentadas no âmbito do desejo ministerial que tal se fizesse em relação ao projecto de reforma das estruturas do ensino, tem-se posto com muita frequência a oportunidade de considerar o problema chamado do pré-salário. Isto é, o estudante tem direito a uma retribuição pelo seu trabalho de estudante, a qual lhe assegura a sua própria subsistência. Havemos de não esquecer que, nalguns casos, mandar o filho à escola é um encargo com que a família não pode, não pelo que paga, mas pelo que perde. Quem faz o trabalho do pequeno pastor que aos oito ou dez anos sobe a serra a tomar conta no rebanho? Ou quem substitui em casa a presença da filha de oito ou dez anos que fica a tomar conta nos mais pequenos enquanto pai e mãe vão à faina? Nas pequenas economias é um factor de força decisiva.

36 MENSALIDADES

SUAVES E SEM FIADOR

MÁQ. LAVAR ROUPA E LOIÇA

FRIGORIFICOS

FOGÕES

ESQUENTADORES

ASPIRADORES

TELEVISORES

GRAVADORES

GIRA-DISCOS

e outros

M. L. FERREIRA

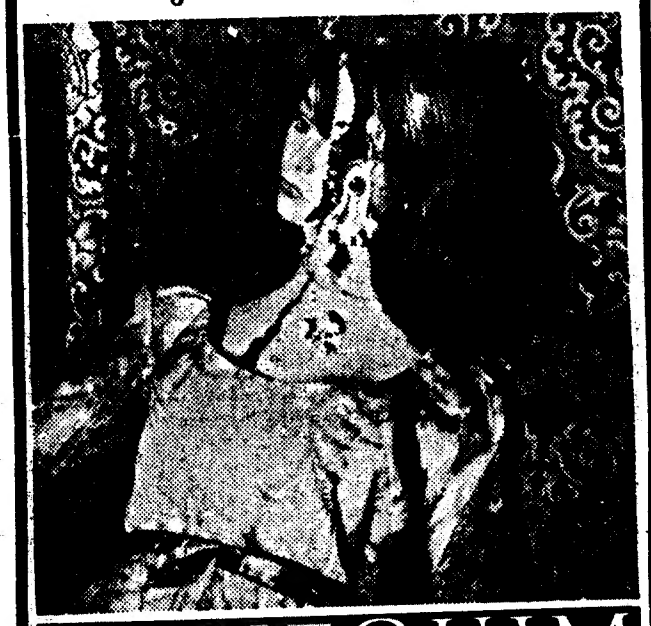
R. Dona Estefânia, 48-A (Junto ao largo)

LISBOA

AUTO-INDUSTRIAL VAUXHALL BEDFORD AUTO-INDUSTRIAL

GM

UM DESAFIO AOS SEUS NERVOS
EM 95 MINUTOS DE AMOR,
EMOÇÃO E TERROR!



MANEQUIM DESFIGURADO
'CRESCENDO'

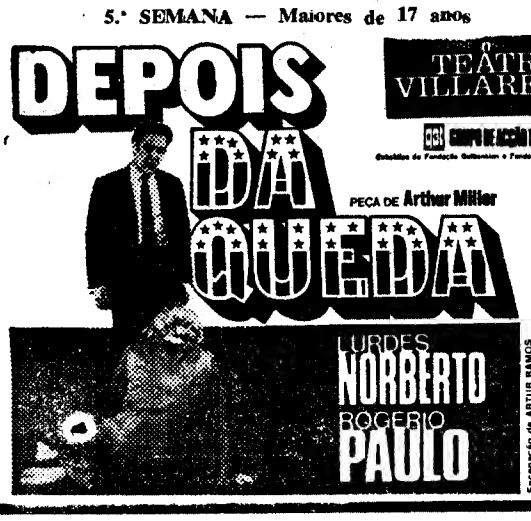
STEFANIE POWERS · JAMES OLSON
MARGARETTA SCOTT · JANE LaPOTAIRE · JOSS ACKLAND

Exclus. ASTORIA FILMES
TECHNICOLOR WARNER BROS.
MAIORES DE 17 ANOS

HOJE ESTREIA
EDEN
AS 21.45

TODAS AS NOITES ÀS 21.45 HORAS
5.ª SEMANA — Maiores de 17 anos

DEPOIS DA QUEDA
PEÇA DE Arthur Miller



TEATRO VILLARET
CPE COMPANHIA PORTUGUESA DE ESPECTACULOS
Subsídio da Fundação Calouste Gulbenkian e Fundo de Teatro

LURDES NORBERTO · RÓGERIO PAULO

Encenação de ARTUR RAMOS
Tradução de LUIZ FRANCISCO REBELLO e JAIME SALAZAR SAMPAIO
Cenografia e direcção plástica de JOÃO MEDEIROS MARTA
Figurinos de ARTUR CASAIS

Teatro TELEF. 717017
Maria Matos
SÓ 6 DIAS
ÚLTIMOS E DEFINITIVOS DE UM GRANDE ÊXITO

Todas as noites às 21.45
HOJE NOITE POPULAR
com a tabela reduzida das tarde de sábado
Balcão: 10$, 15$ e 30$
Plateia: 30$ e 50$

(M/ 17 anos)

o inocente

DE 1 A 11 DE ABRIL
CURTA SÉRIE DE ESPECTACULOS
as irmãzinhas grupo 4

Um filme verdadeiro
sobre um verdadeiro problema!
RENAUD VERLEY · JANE BIRKIN

os caminhos de
KATMANDOU
(LES CHEMINS DE KATMANDOU)
com
PASCALE AUDRET · SERGE GAINSBOURG · DAVID O'BRIEN
ELSA MARTINELLI · ARLENE DAHL
Um filme de ANDRÉ COUTTE · EASTMANCOLOR · ADULTOS

4.ª SEMANA!
VOX

PASTA
Perdeu-se, contendo documentos importantes. Recompensa-se bem quem entregar. Resposta ao n.º 750 deste jornal.

cial
CENTRO DE LÍNGUAS

CINEMA BRASILEIRO

«Macunaíma» (J. Pedro de Andrade

A Antropofagia esteve na base do modernismo literário no Brasil. Nascido da «Semana de Arte Moderna» (Rio de Janeiro, 1922), nele se salientaram dois escritores (Mário de Andrade, autor de «Macunaíma», e Oswaldo de Andrade, autor do manifesto «A Antropofagia»), a pintora Tarsila e o compositor Villa-Lobos. Joaquim Pedro de Andrade, em 1970, vai ressuscitar essa tradição «modernista» brasileira, adaptando ao cinema «Macunaíma» sob a égide do Antropofagismo e do Autofagismo.

«*Macunaíma é a história de um brasileiro que foi comido pelo Brasil*». É Joaquim Pedro de Andrade quem o diz. E mais: «*Os novos heróis à procura da consciência colectiva, partem para devorar quem nos devora, mas fracos ainda, são transformados em produto pelos órgãos de divulgação e consumidos.*» «*À esquerda, enquanto é devorada pela direita, treina e purifica-se pela Antofagia canibalismo dos fracos.*» «*Mais numerosamente, enquanto isso o Brasil devora os brasileiros.*» Cremos que estas palavras do autor podem servir de *senha* para entrar no universo inquietante do seu cinema.

«Macunaíma» é a história de um aprendizado: de como devorar para não ser devorado. As referências á Antropofagia são constantes, desde o tempo de Macunaíma-menino (que pede de comer a um tio, o qual corta um pedaço de carne da sua perna e lho dá, passando a chamar-lhe «carne da minha perna»), até ao monstruoso banquete do gigante Wenceslau Pietro Pietra (uma monumental feijoada humana), passando pela não menos evidente Antropofagia sexual da quase totalidade das heroínas com quem Macunaíma «brinca». Da Antropofagia á Antofagia vai um passo: Macunaíma encontra um vagabundo que lhe dá a provar das *partes* e o aconselha a amputar-se para refeição condigna. *Dói?*, pergunta o herói. *É até gostoso!*, responde o vagabundo (os factos provaram que assim não é). A Antropofagia é também a arte de burlar os outros. «Macunaíma» exemplifica a lição em vários tons, desde o «conto do vigário» (o pato que deita moedas) até ao episódio do pequeno engraxador roubado a quem o herói pergunta se sobrou algum (Então, deixa ver), para fugir depois de lhe bater.

Universo satírico e grotesco, «Macunaíma» mostra como os grandes comem os pequenos, e de como estes, enquanto se aprestam para devorar os grandes, se alimentam de si mesmos. Joaquim Pedro de Andrade, para explicar a parábola, dirige um filme avassalador de imaginação, som e cor, caleidoscópio tropical onde se encontram vestígios de toda uma cultura que vai buscar á velha Europa e á jovem África parte do seu ser (significativo é o facto de Macunaíma, que é preto e branco, quando calha ter como irmão um branco muito velho e um negro em plena maturidade).

Monumento á glória do «herói» nacional que acaba devorado pela bela sereia, «Macunaíma» fica como um dos mais belos e frenéticos filmes que atravessaram Lisboa nos últimos anos. Brilhante é a interpretação de Grande Otelo, Dina Sfat, Paulo José ou Jardel Filho (bem acompanhados por todos os restantes) e excelentes são a banda sonora (que mistura Chico Alves, Orestes Barbosa, Roberto Carlos, Sílvio Caldas, Strauss, Villa-Lobos, Angela Maria, etc.) e a fotografia de Guido Cosulich.

De «Macunaíma», dizer-se que se trata de uma obra-prima é dizer pouco. «Macunaíma» abre perspectivas ao cinema como raras vezes um filme o faz. Impõe-se que um distribuidor arrojado (mas será mesmo arrojo? Não seria, antes, um bom negócio?) compre uma cópia para explorar comercialmente entre nós. Bem assim como de mais meia dúzia de títulos que aguardamos ver reexibidos nas nossas salas. Mas esse é um outro problema...

LAURO ANTÓNIO

CHURCHILL JÁ TEM «PAI»

LONDRES, 25 — (A. N. I.) — O actor e dramaturgo inglês Robert Shaw desempenhará o papel de pai de Winston Churchill no filme «o jovem Winston» sobre a juventude do falecido estadista britanico — foi anunciado em Londres.

No seu papel de Lord *Randolph Churchill, Shaw contracenta com Anne Bancroft, escolhida no princípio deste mês para desempenhar o papel de mãe de Winston. O filme é produzido por Carl Foreman e dirigido por Richard Attenborough.*

TEATRO CAPITÓLIO
TEL. 327493
HOJE: ÀS 21.45 H.

VASCO MORGADO APRESENTA
LAURA ALVES
a QUERIDA MAMA
"LA MAMMA"
Domingos: à tarde, às 16 h. (Adultos)
10.ª SEMANA

TEATRO MONUMENTAL
TEL. 555133
HOJE: ÀS 21.45 H.
(Maiores de 17 anos)
SÓ ATÉ DOMINGO
VASCO MORGADO APRESENTA
Em 5.º mês
A Casa das Cabras
com MILU na protagonista. Armando Cortez, Mário Jacques, Guida Maria, Luis Pinhão, Óscar Caetano, Norberto de Sousa, António Machado, António Semedo
Entradas gratuitas à Colónia Espanhola
Sábado, 2 sessões, 21 e 23 h.
Domingo: ULTIMA

TEATRO LAURA ALVES
TEL. 864756
HOJE: ÀS 21.45 H.
M/12 ANOS

santo porca
de ARIANO SUASSUNA
Sábado e Domingo: «Matinées» às 16 h.

TEATRO VARIEDADES
TEL. 326037
HOJE: ÀS 21.45 H.
UMA COMÉDIA DE GARGALHADA PERMANENTE
de Francis Veber
o contrato
(Adultos)
com RIBEIRINHO ● HENRIQUE SANTANA ● e estreia no teatro declamado SIMONE DE OLIVEIRA ● ainda NICHOLSON
Sábado: 2 sessões 20.45 e 23 h.

Teatro MONUMENTAL
BREVEMENTE
VASCO MORGADO apresenta
QUARENTA QUILATES
Uma comédia de Barillet & Grédy
Tradução de Jerónimo Bragança
(Adultos)

TEATRO
GIL VICENTE
CASCAIS — 280919
Todas as noites, às 21.45
Domingo, às 16 e 21.45
Ultimas representações
A MALUQUINHA DE ARROIOS
de André Brun
pelo
TEATRO EXPERIMENTAL DE CASCAIS
Adultos
Brevemente: IVONNE, princesa de Borgonha, de GOMBROWICZ

O DESENVOLVIMENTO DE ANGOLA E MOÇAMBIQUE

O REFORÇO DA ACTUAÇÃO DOS BANCOS DE DEPÓSITO NO APOIO AO INVESTIMENTO DEVERÁ SER GARANTIDO AO SE ESTRUTURAREM OS MECANISMOS DO MERCADO FINANCEIRO — SUBLINHOU O DR. MIGUEL QUINA NA ASSEMBLEIA GERAL DO BANCO DE CRÉDITO

Está a decorrer, á hora de fecho da nossa edição, a assembleia geral ordinária do Banco de Crédito Comercial e Industrial, para apreciação do balanço e das contas referentes ao último exercício. A direcção dos trabalhos foi assumida pelo vice-presidente da mesa, sr. dr. Ffinto Elísio Monteiro Gomes.

O Presidente do Conselho de Administração, sr. dr. Miguel Quina, pronunciou antes da ordem do dia um importante discurso, adiante transcrito na íntegra, que constitui oportuno estudo das actividades económicas e financeiras de Angola e Moçambique, na perspectiva de interdependência em que se situam no âmbito da zona do escudo.

O crescimento do produto interno bruto nas 2 províncias, que se prevê tenha excedido em 1970 o nível médio de 7 % considerado no III Plano de Fomento, não tem sido acompanhado por correspondente movimento dinamizador da liquidez monetária, o que põe em evidência — como acentua o orador — a crescente inoperancia dos mecanismos monetários instituídos no âmbito do sistema interterritorial de pagamentos, daqui resultando sensível acréscimo dos saldos líquidos devedores a residentes na Metrópole, cujo valor acumulado se aproximava dos sete milhões de contos no final de 1970.

Não tendo a política de livre cambismo no espaço nacional sido acompanhada de acção coordenada de investimento visando a atenuação das disparidades de níveis de desenvolvimento das várias parcelas do território, impõe-se, no entender do dr. Miguel Quina, uma revisão global do sistema interterritorial de pagamentos e a constituição de novos e mais amplos mecanismos de financiamento a nível oficial que assegurem a progressiva monetarização da economia.

A regulamentação legal dos departamentos financeiros em Angola e Moçambique constitui — acentuou o orador — iniciativa lúcida e oportuna, que põe em evidência o papel da banca comercial no financiamento a médio e a longo prazo das actividades produtivas e a necessidade de promover a criação de um mercado financeiro activo e diversificado.

Homenagem do dr. Miguel Quina ao Conde da Covilhã

As primeiras palavras do dr. Miguel Quina foram de sentida evocação do Conde da Covilhã, nos seguintes termos:

«Na última Assembleia Geral do Banco Borges & Irmão, fundador e matriz do vosso Banco, evocou-se a morte, ocorrida em 16 de Abril do ano que findou, do Conde da Covilhã, seu Ilustre Presidente — Chefe de todos querido e respeitado.

Esta evocação desejaria revivê-la aqui — homenagem devida e justa de amigos que tanto estimou e de colaboradores que sempre honrou com a sua chefia exemplarmente digna, compreensiva e superior.

Sei que me acompanham quando formulo o voto de que saibamos guardar, juntamente com a imensa saudade que nos deixou, as lições de fortaleza de ânimo e sentido do dever, coragem na adversidade, modéstia no triunfo, delicadeza na generosidade, elegância de trato e de expressão e nobreza de sentimentos. E, por sobre toda essa enorme riqueza de atributos naturais e pessoalíssimos, a sua exuberante e generosa alegria de viver e de realizar.

Vamos continuar a sua obra, com respeito e amor pela sua memória, e a mesma intransigente determinação de prosseguir, com simplicidade, o bem comum.»

Os principais indicadores mostram notável dinamismo da conjuntura interna de Angola

Entrando depois na análise económica e financeira, o dr. Miguel Quina disse:

«Os escassos indicadores já disponíveis sobre a evolução das economias de Angola e Moçambique em 1970 revelam que se confirmou a tendência expansionista que vinha a assinalar-se desde a clara viragem da conjuntura operada em 1969. É de prever que em ambas as províncias — mas com particular realce no caso de Angola — o crescimento do produto interno bruto global tenha excedido em 1970 o nível médio de 7 por cento previsto no III Plano de Fomento.

Sob a impulsão conjugada do investimento público, dirigido em especial para as infra-estruturas económicas e sociais, e do financiamento de empreendimentos privados de carácter reprodutivo (particularmente nos sectores da agricultura, indústrias extractivas e transformadoras, construção e serviços), a taxa de crescimento do produto interno bruto global, em termos reais, terá atingido em 1969 os níveis impressivos de 9,1 por cento em Angola e 8,9 por cento em Moçambique. Se considerarmos apenas os circuitos monetários — excluindo as zonas de economia de subsistência do cálculo do produto interno — obteremos para esse ano as progressões, bem mais significativas ainda, de 12,4 por cento em Angola e 11,6 por cento em Moçambique, igualmente a preços constantes.

Por outro lado, a comprovar a celeridade das mutações estruturais, os índices de monetarização, exprimindo a relação do produto interno bruto global, elevavam-se a 74,3 por cento e 70,6 por cento em 1969, respectivamente para Angola e Moçambique, contra 60,4 por cento e 59,4 por cento em 1965.

No caso de Angola, a espectacular recuperação da balança comercial (medida com base nas estatísticas aduaneiras) coincide com uma fase particularmente auspiciosa da evolução da economia da província.

Aos saldos positivos tradicionalmente verificados contrapôs-se, em 1967 e 1968, a formação de défices superiores a 1 milhão de contos. Mas a deterioração deu-se fundamentalmente no primeiro desses anos, em que a lenta progressão das exportações contrastou com a subida fulgurante das importações — em parte relacionada, aliás, com o esforço de apetrechamento industrial da província. Depois de, em 1968, se ter verificado uma evolução quase paralela dos valores relativos ás entradas e ás saídas de mercadorias, iniciou-se em 1969 o grande surto exportador, confirmado e ampliado em 1970.

Não se dispõe ainda de dados relativos á totalidade deste último ano; mas é significativo que no primeiro semestre de 1970 as exportações tenham aumentado 27 por cento em relação ao período homólogo de 1969, ao passo que o incremento das importações, já de si apreciável, a reflectir o dinamismo da conjuntura interna, não ultrapassou os 14 por cento; e que até final de Novembro de 1970 o saldo da balança comercial apresente a notável expressão positiva de 1273 milhões de escudos — superior em 1144 milhões ao modesto saldo positivo apurado em todo o ano de 1969.

A composição da balança comercial de Angola continua, porém, a revelar as insuficiências da estrutura produtiva da província. Quatro únicos produtos — café, diamantes, minérios de ferro, petróleo em bruto — asseguram três quartas partes das exportações totais. Torna-se indispensável, a par da intensificação da exploração de outros recursos naturais, a prossecução dos esforços tendentes a dotar Angola de uma rede de indústrias transformadoras susceptível de tornar a economia menos dependente dos sectores primários da agricultura e das indústrias extractivas.

Em 1970 o saldo global negativo da balança de pagamentos foi de 759 milhões de escudos em Angola contra 1570 milhões de escudos em Moçambique

No caso de Moçambique, a factores de vulnerabilidade do tipo dos que se referiram a propósito da economia angolana acrescem os elementos de fragilidade decorrentes da inexistência de explorações mineiras de dimensões comparáveis ás de Angola.

A balança comercial moçambicana relativa aos três primeiros trimestres de 1970 regista uma posição deficitária de 3529 milhões de escudos, a qual está na base da grave situação cambial em que a província se debate.

Encontra-se assim excedido o défice de 3410 milhões de escudos apurado no conjunto do ano de 1969 e largamente ultrapassadas as posições, também negativas, obtidas em 1968 e 1967 (2320 milhões e 2226 milhões, respectivamente).

O esforço de fomento e valorização das produções locais e, em particular, de instalações de novas indústrias extractivas e transformadoras assume, pois, ainda maior urgência do que o esforço de diversificação das actividades produtivas, recomendado para Angola.

As balanças de pagamentos das províncias ultramarinas, que são estabelecidas com base nas liquidações efectuadas, reflectem por vezes situações bem diferentes, em matéria de comércio externo, das situações reais decorrentes das estatísticas aduaneiras. O desvio entre as duas ópticas é particularmente sensível no caso de Angola. Por esse motivo, mais do que os movimentos de mercadorias, que o exame directo das rubricas do comércio externo (mau grado o atraso com que são divulgadas) melhor possibilita, a análise das balanças de pagamentos de Angola e de Moçambique é relevante para o exame da situação global das transacções correntes.

Neste capítulo, depara-se-nos certa convergência de posições em Moçambique e Angola, na medida em que ao défice de invisíveis correntes da província do Atlântico se contrapõe o tradicional excedente do mesmo grupo de rubricas na província do Índico — relacionado, como é sabido, com as receitas dos transportes.

Em 1970, ambas as províncias acusaram, assim, posições negativas de valor comparável em transacções correntes (1360 milhões de escudos a de Angola e 1319 milhões de escudos a de Moçambique); mas dada a saída líquida de capitais registada em Moçambique — fenómeno preocupante, se atendermos ás necessidades de financiamentos da província — o saldo global negativo da balança de pagamentos foi de 759 milhões de escudos em Angola, contra 1570 milhões de escudos em Moçambique. A tendência de melhoria da balança global de Angola contrapôs-se, assim, a formação do maior défice de sempre em Moçambique (província onde, entre 1963 e 1968, os défices globais oscilaram entre os 200 e os 400 milhões de escudos). Acresce que enquanto Angola registou uma confortável posição global excedentária não distante dos 2 milhões de contos, nas relações com o estrangeiro, Moçambique pouco mais conseguiu do que o nivelamento nas transacções económicas com o mundo exterior á zona do escudo (saldo positivo inferior á centena de milhar de contos).

Embora se tenha confirmado a capacidade de resistência da província perante as dificuldades criadas pelo bloqueio á Rodésia, e se acumulem os indícios de melhoria da conjuntura, num condicionalismo interno favorável, assinalado pela prossecução do empreendimento de Cabora Bassa e pela evolução da situação militar nos distritos do Norte, a crise cambial que se atravessa traduz a existência de graves desequilíbrios estruturais, a que importa opor as medidas adequadas de fomento económico e de atracção e fixação de capitais.

As dificuldades nas transacções entre Angola e a Metrópole e entre Moçambique e a Metrópole

Graves são também os desequilíbrios que se reflectem na estrutura das balanças interterritoriais de pagamentos, particularmente no que se refere ás transacções entre Angola e a Metrópole e entre Moçambique e a Metrópole, perante os quais os mecanismos monetários instituídos no âmbito do sistema interterritorial de pagamentos denotam crescente inoperancia. As dificuldades presentes patentearam-se na não verificação de reembolsos dos empréstimos automáticos e dos empréstimos especiais contraídos pelos Fundos Cambiais das duas grandes províncias junto do Fundo Monetário da Zona do Escudo; na redução dos magros saldos das províncias em conta de reserva; na diminuição das disponibilidades líquidas em meios de pagamento externos directamente detidos pelos Fundos Cambiais; e, por forma mais aparente e bem mais sensível, na ampliação do atraso na regularização dos saldos líquidos devedores de Angola e Moçambique. Estes saldos, que na sua maior parte são a contrapartida da acumulação de créditos de residentes na Metrópole, ascendiam no final de 1970 a 3415 milhões de escudos, no caso de Angola, e 3742 milhões, no caso de Moçambique.

A importância dos débitos líquidos por regularizar, que rondava os 2 milhões de contos para o conjunto das duas províncias no final de 1967, acusou no triénio seguinte uma vincada tendência ascensional, quase atingindo os 3 milhões de contos em Dezembro de 1968, superando já os 5 milhões em igual época de 1969 e aproximando-se dos 7 milhões e duzentos mil contos em 31 de Dezembro de 1970.

A fim de se enfrentarem algumas das óbvias dificuldades suscitadas pelo agravamento dos desequilíbrios interterritoriais de pagamentos, foram adoptadas, no decurso do segundo semestre de 1970, diversas providências, quer no plano das transacções monetárias, quer no domínio das relações comerciais. Mencione-se, de entre as primeiras, o retorno aos regimes prioritários na execução de ordens de transferência demandadas de Angola e Moçambique quanto a liquidações relativas a invisíveis correntes e certas operações de capitais, e de entre as segundas, a introdução de restrições quantitativas á entrada de determinados produtos naquelas províncias, mediante o restabelecimento do regime de autorização prévia para as importações provenientes de outros territórios nacionais.

A situação de desequilíbrio fundamental verificada nas relações interterritoriais torna indispensável que se proceda não só á revisão dos mecanismos em que se consubstancia o sistema de pagamentos interterritoriais — o qual não dispõe dos meios de financiamento automático das posições deficitárias que a livre interconvertibilidade das moedas circulantes nos espaços económicos em presença parece exigir —, como á reconsideração do próprio esquema de integração económica nacional, em termos de se assegurar a liberalização das transacções em sincronismo com a efectiva coordenação das políticas económicas.

Cabe referir, neste ponto, o contraste que se vinha verificando entre a rápida instituição da zona de livre cambio, ao nível das transacções comerciais e a lentidão dos esforços destinados a assegurar, a par e passo com a desmobilização tarifária, a indispensável acção de fomento económico e de atenuação das disparidades de níveis de desenvolvimento, que constitui pressuposto da superação dos desequilíbrios fundamentais de pagamentos.

O apoio da banca comercial metropolitana às exportações da Metrópole para Angola e Moçambique, apesar da inexistência de adequados esquemas de refinanciamento

Os paliativos que foram introduzidos — com sacrifício, que se espera seja temporário, da liberdade de transferências monetárias entre territórios portugueses — não podem fazer esquecer a necessidade de promover adequadas soluções de fundo para o problema. Tais soluções não deixarão, por certo, de implicar a adopção de uma política coordenada de investimento, planeada em função do conjunto do espaço nacional e assente na mobilização de recursos proporcionados não só pelo aforro interno, como pela intensificação do afluxo de capitais estrangeiros.

Não é de prever, por outro lado, que as medidas restritivas das trocas comerciais e

(Continua na página seguinte)

É indispensável prosseguir os esforços no sentido de dotar Angola de vasta rede de indústrias transformadoras

Só assim a economia da Província ficará menos dependente dos sectores primários da agricultura e das indústrias extractivas (quatro únicos produtos — café, diamantes, minérios de ferro, petróleo em bruto — asseguram três quartas partes das exportações totais).

(Cont. da página anterior)

das transferências, introduzidas na parte final de 1970, permitam resolver, dentro de prazo aceitável, o problema da liquidação das posições acumuladas, que se encontram por regularizar.

São do conhecimento geral os gravames que a formação de atrasados têm trazido ás actividades económicas metropolitanas, titulares de posições credoras bloqueadas por períodos extensos — posições que representam, em muitos casos, a parcela principal do comércio exportador das entidades interessadas. A despeito da inexistência de adequados esquemas de refinanciamento, que importaria sobremaneira instituir, a banca comercial metropolitana tem assegurado, na medida do possível, os créditos necessários á satisfação dessas posições exportadoras — ás quais não corresponde, como poderia supor-se, a efectiva disponibilidade por parte das instituições de crédito ultramarinas, das correspondentes importancias em moeda local, já que estas são cedidas aos Fundos Cambiais logo que se ordenam as transferências.

É compreensivel que, dado o volume atingido pelos saldos não regularizados, a função financiadora não possa nem deva recair em exclusivo sobre a banca comercial metropolitana. Torna-se, pois, indispensável que, as par da revisão global do sistema interterritorial de pagamentos, se constituam novos e mais amplos mecanismos de financiamento a nível oficial, dispondo de maior maleabilidade e mais folgado potencial prestamista do que os consubstanciados nos esquemas de crédito do Fundo Monetário da Zona do Escudo, cujo auxílio fornecido a Angola e a Moçambique não ultrapassa, no seu conjunto, os 1200 milhões de escudos — soma modesta, se se comparar com os 7200 milhões das posições em atraso.

O problema das transacções interterritoriais não pode, é certo, resolver-se por meio de adopção de simples soluções de auxílio monetário, mas sim pela tomada de medidas de política económica de alcance geral. Mas existe um importante passivo gerado nas operações interterritoriais, para cuja liquidação se impõe que se estude e aplique com urgência um esquema de financiamento dos Fundos Cambiais em escudos metropolitanos, em termos compatíveis com a conveniente evolução da massa monetária na Metrópole.

A estruturação dos mecanismos do mercado financeiro não poderá deixar de envolver o reforço da actuação dos bancos de depósito no apoio ao investimento

As economias de Angola e Moçambique têm revelado notável capacidade de resposta aos estímulos do investimento público e do financiamento privado das actividades produtivas. O crédito proporcionado pela banca constitui, em particular, um factor importantíssimo da modificação estrutural que se tem traduzido na gradual redução da zona de economia de subsistência, correlativa da expansão dos circuitos monetarizados — e tal modificação estrutural é inseparável do desenvolvimento económico e social.

O fenómeno do esbatimento das linhas de separação que era tradicional assinalar entre os mercados monetário e financeiro — linhas que se pensava exigirem de cada instituição de crédito uma opção decisiva entre as operações de curto prazo e as operações de longo prazo — é bem visível nos espaços económicos de Angola e Moçambique, onde a formação de poupanças tão de perto anda associada á expansão dos depósitos bancários, e onde os bancos comerciais, intermediários monetários do sistema de crédito, tão significativo papel têm sido chamados a desempenhar no financiamento da formação do capital.

A implantação, sem duvida necessária, de instituições de crédito de competência especializada não deverá implicar uma quebra no esforço da captação e aplicação de poupanças com vista á realização de investimentos reprodutivos, que os bancos vêm assegurando. Pelo contrário: a estruturação dos mecanismos do mercado financeiro não poderá deixar de envolver, a coberto de adequada regulamentação, o reforço da actuação dos bancos de depósitos no apoio ao investimento.

A regulamentação legal dos departamentos financeiros dos bancos comerciais no Ultramar constituiu uma iniciativa lucida e oportuna, instituc onalizando a prática de operações creditícias de fomento das actividades produtivas pelos bancos comerciais, por forma a assegurar-se a observancia das orientações criteriosamente selectivas que constituem imperativos de uma política de desenvolvimento.

A assinalável expansão dos depósitos a prazo nas instituições bancárias angolanas e moçambicanas revela, de resto, as grandes potencialidades de aforro que se encontravam inaproveitadas e que urge estimular e encaminhar pela forma mais eficaz para a formação de capital.

Mas a dinamização das actividades produtoras supõe também o crescimento da liquidez a uma cadência superior á que habitualmente se verifica nas economias já perfeitamente monetarizadas. Ora, de acordo com dados estatísticos relativos ao final de 1969, o volume dos meios imediatos de pagamento (representando a soma da moeda em circulação com o conjunto das disponibilidades á vista em estabelecimentos de crédito) era inferior a 30 por cento do produto interno bruto em Angola e a 20 por cento do produto interno bruto em Moçambique, ao passo que tal relação se situava ao nível dos 55 por cento do produto interno bruto na Metrópole.

Estes valores traduzem, para as duas grandes províncias ultramarinas, um grau de monetarização ainda pouco avançado e deixam antever as virtualidades de progressão dos indicadores da massa monetária, cujo crescimento, em si mesmo, não será lícito associar á iminência de inflação.

Parte da massa monetária criada em Angola e Moçambique exerce uma função dinamizadora de circuitos reais preexistentes, mas até aqui subtraídos à incidência dos mecanismos monetários; daí a capacidade de resposta da economia à expansão do crédito, só na aparência surpreendente, em termos de se conter dentro de limites aceitáveis a alta de preços, aliás inerente ao processo de monetarização e de desenvolvimento económico e social.

Alargamento geográfico e diversificação do campo de perações do Banco de Crédito Comercial e Industrial

De algum modo deveria entender-se, porém, que a expansão monetária poderia substituir-se, em Angola e Moçambique, á acção de formação e canalização das poupanças pelos processos selectivos adequados. E se nessa acção hão-de participar, lado a lado, as instituições especiais de crédito e, através dos seus departamentos especializados, os bancos de depósito, não deixa de ser indispensável promover a criação de um mercado financeiro activo e diversificado, não só como forma de apoio ás emissões e transacções de títulos públicos, mas ainda como base para a expansão da emissão de títulos privados a longo prazo.

É mister que se constitua um sistema através do qual seja possível operar regularmente a emissão e transacção de acções e obrigações, por forma a garantir aos interessados um grau razoável de certeza e de liquidez na realização de operações sobre títulos. Por isso se aguarda com o maior interesse a anunciada criação de bolsas de valores em Luanda e Lourenço Marques — tal como se aguarda com não menor expectativa a revisão da regulamentação das bolsas de valores metropolitanas, condição da dinamização do mercado das acções e da desejável democratização das emissões correspondentes aos grandes empreendimentos económicos privados.

Em paralelo com a expansão das actividades económicas de Angola e Moçambique, de que ficam apresentados alguns indicadores recentes, que pareceu de particular oportunidade referir, prosseguiu no último exercício o crescimento do Banco de Crédito, quer no que respeita ao volume das suas operações — tendo-se transposto o limiar dos 4 milhões de contos da massa dos depósitos —, quer no tocante á ampliação da sua rede de estabelecimentos, com a inauguração de 8 agências e 13 dependências urbanas. O exercício de 1970 fica ainda assinalado, pela formulação simultânea de pedidos de autorização para a abertura de departamentos financeiros em Angola e Moçambique, iniciativa que se insere na mesma linha de preocupações que já havia determinado a concepção do Banco de Crédito como primeiro banco comercial português orientado para a concessão regular de crédito a médio e longo prazos, a par das actividades características da banca comercial. Por último, a inauguração de escritórios de representação em Joanesburgo, Paris e Caracas, em associação com o Banco Borges & Irmão, representou um passo importante na vida da instituição, alargando consideràvelmente o horizonte de uma acção que continua a pautar-se, com o maior rigor, em função dos imperativos do desenvolvimento económico nacional.

A política que tem orientado a expansão do Banco de Crédito Comercial e Industrial constitui claro e seguro testemunho de confiança. Confiança que se traduz no propósito de radicar cada vez mais a Instituição nos diversos pontos dos territórios de Angola e Moçambique onde se reconhece ser útil a sua presença, mediante uma rede de estabelecimentos que já ultrapassa as oito dezenas, e de diversificar o seu campo de operações, em ordem a satisfazer cada vez melhor as necessidades de financiamento de empreendimentos produtivos do sector privado. Confiança que reflecte o reconhecimento da capacidade realizadora das grandes parcelas africanas do espaço português, expressa no dinamismo já conferido ao ritmo de expansão do produto real, e na consolidação de condições propícias ao rápido desenvolvimento económico e á consequente ascensão a níveis superiores de bem-estar social.»

A balança comercial moçambicana relativa aos três primeiros trimestres de 1970 regista uma posição deficitária de 3529 milhões de escudos, a qual está na base da grave situação cambial em que a província se debate

Sindicato Nacional dos Caixeiros e Profissões Similares do Distrito de Lisboa

Avenida da República, 29
LISBOA

ASSEMBLEIA GERAL ORDINÁRIA

CONVOCAÇÃO

Em conformidade com as disposições estatutárias, convoco a Assembleia Geral a reunir na sede deste Sindicato, no próximo dia 26 do corrente, pelas 20,30 horas, com a seguinte:

ORDEM DOS TRABALHOS

1 — Apreciação do Relatório e Contas da Gerência de 1970.

2 — Informações.

Não havendo numero legal de representantes presentes, é desde já convocada nova reunião, para o mesmo dia e local, ás 21,30 horas, funcionando com qualquer numero, ao abrigo do artigo 30.º dos Estatutos.

Lisboa, 10 de Março de 1971.

O Presidente da Mesa da Assembleia Geral
a) *Ezequiel de Sousa*

A FALTA DE MÉDICO TERÁ SIDO FATAL PARA A TURISTA DINAMARQUESA

ALBUFEIRA, 25 - Deve ter sido fatal para a cidadã dinamarquesa Jypbe Puhl Bgdersen, de 26 anos, o facto de não se ter localizado, em Alcantarilha e Armação de Pêra, um médico que a pudesse socorrer quando, numa «bôite» da zona, foi acometida de doença súbita.

A jovem, que com o marido passava a lua-de-mel no Algarve, veio a falecer a caminho do hospital desta vila.

A triste ocorrência registou-se cerca das 22 horas — e não se encontrava um único médico na região. O casal divertia-se com vários compatriotas, pertencentes a um grupo turístico que se encontra no sul do País.

O cadáver de Jypbe Bgdersen seguiu, hoje, em autofúnebre, para Lisboa, donde partirá para Copenhaga.

PRAÇA DE TOIROS DE SANTARÉM

INAUGURAÇÃO FORMAL DA ÉPOCA 1971

DOMINGO, 28 DE MARÇO, PELAS 16 HORAS

I CORRIDA DOS REGENTES AGRICOLAS DE PORTUGAL

6 — TOIROS DO SR. MARQUES DE RIO MAIOR PARA OS CAVALEIROS REGENTES AGRICOLAS

D. JOSÉ DE ATHAYDE—LUIZ MIGUEL DA VEIGA — DAVID RIBEIRO TELLES — FERNANDO A. SALGUEIRO

2 — GRUPOS DE FORCADOS — 2

Regentes Agrícolas chefiados por LUIS GAMEIRO; alunos das E. R. Agrícolas chefiados por FERNANDO CABECINHAS com a participação de componentes dos melhores Grupos de Forcados de Santarém, Montemor, Lisboa, Ribatejo, Évora e Vila Franca

TOIROS EM EXPOSIÇÃO DAS 10 H. ÀS 12 H.

Preços desde 20$00 (Sol), 30$00 (Sol e Sombra), 50$00 (Sombra)

CANAL DA CRÍTICA

POR MÁRIO CASTRIM

FECHAR OS CORDÕES À LÍNGUA E ABRIR OS CORDÕES À BOLSA...

Nas «conversas diversas» deu-se uma saudável confusão. Os rapazinhos falavam todos ao mesmo tempo, atropelavam-se, e assim é que está certo. Imaginem só que os pequenos se inscreviam para o uso da palavra... Maria Alberta Meneres luta por tornar vivo e actuante o seu programa Consegui-lo-á mais ao menos consoante as possibilidades que tiver de transformar as suas «conversas» em espectáculo — e está mais perto desse objectivo que no princípio. Milagres que só a presença da rapaziada fixe consegue.

Para mostrar como em tudo há matéria para literatura, pois em tudo há matéria de observação (claro, claro, não é o suficiente: mas ajuda muito) Maria Alberta Meneres deu o lápis como exemplo. O seu grupo obstinou-se na procura de elementos relacionados com aquele objecto. Correcto. Saber olhar, prender lùcidamente a atenção ao objecto, é arma fundamental para quem escreve. Maria Alberta, no entanto, não deve perder de vista certas relações entre o objecto e o indivíduo para além das relações imediatas. Entre uma criança e o seu lápis há, por exemplo, a forma de o produzir, a maneira de o obter (o local de venda, o material de troca, etc.) e o desencadear de fenómenos de relação que essa maneira provoca: familiares, profissionais, etc. Um objecto é, fundamentalmente, a expressão vivível de um determinado tipo de relações. Ora, na conversa entre Maria Alberta e a sua entusiástica malta, essa questão não foi aflorada. Pena. Caminhar além das aparências e da superfície e a própria condição da arte.

Depois, veio a «Convergência». Natália Nunes falou pobrimprovisadamente do seu último livro, qualquer coisa «abóbora». Em «Rosa dos Ventos», falou-se mui fartamente de Virgílio Ferreira, de Ungaretti, de António Gedeão e de outros génios da literatura europeia. A maior parte da rubrica dedicou-se à entrevista com o alemão Curt Meyer Clason, a quem a divulgação da moderna literatura de língua portuguesa muito deve.

A vivacidade de espírito de Curt Clason, o seu perfeito domínio da língua nossa, e o conhecimento que possui da literatura, deixavam prever uma interessante conversa em «Convergência», coisa bem rara, por sinal. A troca de Dias Ramos por Luís Cajão aumentava a nossa confiança. Afinal, Luís Cajão organizou razoàvelmente o seu questionário Razoàvelmente, escolarmente. Tudo aconteceu como se Cajão houvesse acumulado os materiais e não tivesse sabido utilizá-los: vimos tijolos, não vimos uma casa. Ouvimos perguntas, não assistimos a uma conversa. Aquilo não é televisão. É assim tão difícil de entender, caramba? Como não esperar uma reacção desfavorável por parte do público perante situações deste género: Cajão pergunta qual a matéria de seu maior agrado para traduzir, se romance, conto ou ensaio. Curt responde que prefere... a poesia. O inesperado da resposta (um inesperado com muito efeito, com um certo jeito teatral) exigia maior desenvolvimento. Cajão não percebeu a deixa e lança a pergunta a seguir, já engatilhada, sem nenhuma relação com a anterior...

(A arte de conversar, digo para com os meus botões, é entre nós uma arte perdida).

Pois, meus senhores, foi uma tristeza pegada a emissão da noite, quer em termos de futebol, quer em termos de televisão. Pois é aquilo o futebol inglês? Pois é aquele o melhor grupo inglês? Esta a maior admiração, porque, quanto á outra, outra coisa não se esperava: tivemos uma das mais descoloridas, incipientes e confusas reportagens desportivas dos últimos cem anos. Nenhum sinal positivo. A nitidez dos jogos de râguebi transmitidos da Inglaterra consegue ter melhor qualidade do que uma emissão feita a partir de Setúbal... O excesso de câmaras prejudicou, mais que beneficiou, o entendimento dos lances. Por outro lado, os comentários de Artur Agostinho tornaram a partida ainda mais fastidiosa. Impossibilitado de reconhecer os jogadores em campo (os telespectadores viram sistemàticamente o jogo como se estivessem no último degrau do Jamor ou do anel da Luz...). Artur Agostinho cedo abandonou os seus propósitos de dar a ver as vedetas dos clubes para se embrenhar no comentário cerrado e palavroso durante o decorrer dos lances. Que faria o locutor a alguém que dele se aproximasse, no momento em que faz a locução, para lhe impingir os seus azares na vida, uma anedota, ou lâminas de barbear? No entanto, é o que ele faz em relação aos espectadores interessados no jogo. Quando entenderão os nossos comentadores desportivos que o seu papel, em tais circunstâncias, deve ser de humildade e tem mais a ver com o silêncio do que com a verborreia?

No recente combate Clay-Frazier os comentários faziam-se no fim dos assaltos. Durante estes, o silêncio — ou, quando muito, uma palavra, uma exclamação. O futebol, com suas constantes interrupções, adapta-se na perfeição a um bom trabalho de comentador — se este não quiser sobrepor ao próprio espectáculo, está bem de ver.

Por outro lado, a televisão portuguesa terá de considerar a sério a renovação de material e o apetrechamento. Torna-se indispensável a utilização do aparelho que permite a repetição de acção. Ontem, perante tantas situações duvidosas, teria sido uma ajuda preciosa na reportagem. Imperioso: é preciso abrir os cordões á bolsa...

Rádio

PROGRAMAS DE HOJE

EMISSORA — 1.º Pograma — 451 m — 665 kc/s — MF 1 (95,7 mc/s) — Às 16: Noticiário; 16 e 40: Programa da juventude; 17 e 30: «Folha», programa infantil por Ana Maria; 18 e 05: O convidado de hoje — Barbra Streinsand; 18 e 20: Espectáculo — Teatro, por Figueiredo de Barros; 18 e 40: Música popular portuguesa; 19 e 10: Música de Zarzuela — 1.º acto da Zarzuela «Maruxa» (Pascual Frutos-Amadeo Vives); 20: Diário sonoro: 20 e 20: O conjunto «The Rare Earth»; 20 e 30: 2.º episódio do folhetim «Ben-Hur»; 20 e 50: Melodias pela Orquestra de Jorge Costa Pinto; 21: Momento 71; 21 e 20: Música, só música; 21 e 50: Dia a dia com a ciência, pelo dr. Marques da Costa; 22 e 10: Fados, por Maria Fernanda Rodrigues e Carlos Anjos; 22 e 30: Novidades em discos, texto e selecção de Paulo de Medeiros; 23 e 05: Êxitos da Europa; 23 e 30: Canções que o mundo canta; 24: Fecho.

2.º Programa — 397 m — 755 kc/s — Às 16: Que quer ouvir? — Programa elaborado por Margarida Brandão; 18: Música portuguesa; 19: O canto e os seus intérpretes, por Maria Helena de Freitas; 20: Diário sonoro. 20 e 20: Pequeno concerto; 21: Valsas da ópera «O Cavaleiro da Rosa» (Strauss), pela Orquestra Sinfónica de Londres, dirigida por Erich Leinsdorf; 21 e 20: Tempo literário; 21 e 45: Abertura sinfónica — Abertura «A Grande Páscoa Russa» (Rimsky-Korsakoff), pela Orquestra de Filadélfia, dirigida por Eugene Ormndy; 22: História do teatro português, pelo dr. Duarte Ivo Cruz — «Gil Vicente», o que faz os autos a el-rei; 22 e 58: Fecho.

Programa Estereofónico — Às 21: Retrospectiva: parte do álbum dos Maddy Blues — «Days of Future Passed»; 21 e 20: Ritmo sul-americano com Roberto Delgado; 21 e 30: New Morning — Bob Dylan; 21 e 50: Melodias em órgão Hammond, por Chris Waxman; 22: Fados por Luís Goes; 22 e 15: A Orquestra Franck Pourcel; 22 e 30: Vozes femininas; 22 e 50: O trompetista Horst Fischer; 23: Ciclo Schubert — A Harpa Mágica. Música de Cena, Coro e Orquestra de Nápoles, dirigida por Denis Vaughan; 23 e 55: Intercambio musical — Música sinfónica da Rádio Nederland (programa cedido por esta estação radiodifusora); 1: Fecho.

RÁDIO CLUBE — 290,13 m — 1034 kc/s — Às 16 e 04: Programa C. D. C.; 18: Depois do chá; 18 e 30: Lisboa á tarde; 19 e 15: Contraponto; 19 e 30: Rádio jornal; 20 e 07: Selecção para o seu jantar; 20 e 30: Semana 7; 20 e 45: Rádio Placard; 21 e 03: Diálogo; 21 e 32: Impacto; 22 e 30: Quando o telefone toca; 23 e 05: Mensagens bíblicas; 23 e 19: Grande roda; 0 e 02: «P. R. X.»; 2: A noite é nossa; 6 e 02: Diário rural; 7 e 05: Talismã.

Modulação de frequência — 97,4 mc/s — Às 16 e 04: Programa C. D. C.; 17 e 57: O nosso programa; 9 e 04: Em órbita; 21 e 02: Boa noite em F. M.; 22 e 02: Programa á Gô-Gô; 0 e 02: Em órbita-dois, 1 e 02: Banda sonora; 2: Perspectivo, 3 e 02: Fecho.

Emissor de Miramor — 383,6 ms/s — 782 kc/s — Às 16 e 04: Programa C. D. C.; 18: Depois do chá; 18 e 30: Ela e o seu mundo; 18 e 45: Matinée teatral; 19 e 03: Miscelanea; 19 e 20: Robbiolac; 19 e 35: Estudio 64; 20 e 10: Norte dia a dia; 21 e 05: Só-Rádio 21 e 40: Contrastes musicais, 21 e 45: O oculto da verdade; 22 e 03: O Santo; 22 e 5: Cristo para todas as nações; 22 e 30: Turcónio, 23 e 04: Clube da juventude.

RÁDIO RENASCENÇA — 233,2 m — 1286 kc/s — As 16: Radiorama, 18 e 05: Acerte connosco; 18 e 30: Terço e bênção da basílica dos Mártires; 19: Transmissão da missa vespertina da basílica dos Mártires para comemoração da 1.ª transmissão do terço, feita por Rádio Renascença; 19 e 50, Página 1; 20 e 55: Meditando; 21: Jazz; 21 e 30: Curso de Língua Alemã; 22: Quando o telefone toca; 22 e 30: Pentagrama; 22 e 45: Música variada; 23: 23.ª hora

EMISSORES ASSOCIADOS DE LISBOA — Onda média — 188 m — 1594 kc/s —94,4 mc/s — **Rádio Peninsular** — Das 7 ás 8 e das 12 ás 14 e 30. **Rádio Voz de Lisboa** — Das 10 ás 12 e das 19 e 30 ás 22. **Clube Radiofónico de Portugal** — Das 8 ás 10 e das 22 ás 2. **Rádio Graça** —Das 14 e 30 ás 19 e 30.

ESTUDANTES!
IV CONCURSO ESCOLAR DE PINTURA E DESENHO
CISNE
RECEPÇÃO ATÉ 31 MARÇO 71

TV dia a dia

HOJE PODE VER...

AMANHÃ PODE VER...

I PROGRAMA — *1.º período* — Às 12 e 45: Abertura; 12 e 46: Desenhos animados; 13: Feminino singular; 13 e 15: Filme de série «Uma Mãe para Eddie»; 13 e 45: Telejornal, 1.ª edição; 14: Minidecoração; 14 e 15: Logo á noite, e 14 e 20: Fecho.

2.º período — Às 19 e 30: Telejornal, 2.ª edição; 19 e 45: Série Juvenil «Robin dos Bosques»; 20 e 15: Ponto de vista; 20 e 45: Cartaz TV; 20 e 55: Inquérito; 21 e 30: Telejornal; 22: Série do Oeste «Cimarron Strip»; 23 e 30: Marcha do Mundo e 23 e 40: Meditação e fecho.

II PROGRAMA — Às 20 e 30: Abertura; 20 e 31: «As Aventuras de Tim-Tim»; 20 e 40: Minidecoração; 21: Filme de série «Uma Mãe para Eddie»; 21 e 30: Telejornal; 22: Curto-Circuito — Programa n.º 55 e 23 e 30: Fecho.

O II CONGRESSO DA IBM

• Julieth Gréco chega (e actua) amanhã

No Casino Estoril, decorado para o efeito, por uma empresa internacional, principiou esta manhã o segundo dos congressos da I. B. M. programados para este mês em Lisboa e que, no total, trazem até nós 1600 especialistas de vários países, provocando uma entrada de divisas da ordem dos 18 mil contos.

O segundo congresso agrupa cerca de 800 representanteks de países do Sudoeste europeu, nomeadamente da Bélgica, da Itália, da Espanha e de Portugal.

A sessão de hoje abriu com uma evocação histórica e humana do nosso País, através da projecção de «slides», devidamente comentada. Seguidamente o administrador-delegado da I. B. M. Portugal, sr. Dunell, apresentou as boas-vindas aos congressistas, que, mais tarde, escutaram uma palestra do prof. Luigi Broglio director do Instituto de Pesquisas Aeroespaciais de Roma, o qual falou sobre um tema aeroespacial «Projecto São Marcos.» Trata-se de uma experiência italiana no domínio dos lançamentos aeroespaciais, utilizando técnicas evoluídas a baixo custo financeiro. Assim, por exemplo, a equipa do «Projecto São Marcos» conseguiu apresentar para rampa de lançamentos, uma plataforma de pesquisa petrolífera. Acrescentou que o «Projecto São Marcos» custa apenas 70 mil contos por ano.

De tarde, os congressistas visitaram locais turísticos de Lisboa e arredores.

Amanhã, no voo da «Air France» de Paris, chega a Lisboa a famosa cançonetista francesa Juliette Gréco que, á noite, no Casino Estoril, se apresenta no acto de gala.

O POUCO QUE PEDEM (À C. P.) OS UTENTES DA LINHA DE SINTRA

Numerosos leitores, que utilizam diàriamente a linha de Sintra, se nos têm dirigido para que nos façamos eco, junto da CP, de uma pretensão que se nos afigura não apenas justa como de fácil satisfação: que lhes sejam distribuídos pequenos impressos com os novos horários dos comboios que circulam naquela linha.

Como se compreende, o facto de terem sido afixados nas estações os novos horários não soluciona o problema desses passageiros diários, que muitas vezes não podem utilizar o mesmo comboio. Que não é fácil copiar as indicações dos cartazes afixados, pode inteirar-se quem quiser dar-se a esse embaraçoso trabalho. E o problema mais se agrava para crianças e pessoas idosas que são também utentes da linha de Sintra.

Todos esses leitores que se nos têm dirigido declaram não discutir a necessidade de alteração dos horários, mostrando espírito de colaboração com a Companhia. Mas esperam desta idêntico espírito de compreensão. Até agora, os tão necessários impressos com os novos horários não apareceram. Nem qualquer explicação. E pedem tão pouco, os passageiros...

FERNANDO NAMORA NADA TEM QUE VER COM O «CANAL 13»

Do sr. Mário Dias Ramos recebemos, com data de 21 do corrente, a seguinte carta:

«Ex.mo Senhor Director do Jornal *Diário de Lisboa:* têm sido publicados no jornal que V. Ex.ª dirige certos comentários sobre o anunciado programa da R. T. P. Canal 13» que podem conduzir a um desvio de interpretação de declarações por mim feitas publicacamente. Esses comentários envolvem no assunto o escritor Fernando Namora e é só por isso que me julgo no dever do seguinte esclarecimento.

Quando, marginalmente, me referi ao facto de ter sido Fernando Namora a sugerir ocasionalmente um nome para esse programa, de modo algum pretendi insinuar que houvera ou havia colaboração do citado escritor no programa em causa ou que das minhas palavras tal se pudesse deduzir. Fernando Namora nada tem que ver com o «Canal 13».

Aqui fica, pois, o esclarecimento, do qual agradeço a V. Ex.ª a respectiva publicação.»

Em três linhas

Foi fixado em 220 milhões de quilogramas a quantidade provável de açucar necessário ao consumo do continente a importar no ano cultural de 1971-1972.

///

Foi criado um consulado de segunda classe em Versa-lhes.

///

O Ministério da Educação Nacional foi autorizado a aceitar um donativo de 250 contos para fundo de manutenção da Cantina Escolar António Lourenço Pereira e Maria de Jesus Pereira, de Insalde, Paredes de Coura.

///

O prof. Fernando Octávio dos Santos Pinto Serrão foi nomeado subdirector da Faculdade de Ciências de Lisboa.

///

Na sede da Caixa de Previdência e Abono de Família do Distrito de Coimbra, foi conferida posse ao novo vice-presidente, dr. Renato Bento Martins Ferreira.

///

Foi reconduzido no cargo de presidente da Camara Municipal de Santa Marta de Penaguião, o dr. Jacinto Carvalhais Ribeiro dos Santos.

///

Foi exonerado, a seu pedido, do cargo de presidente da Camara Municipal de Felgueiras o dr. José de Barros.

///

O sr. Abel Correia Paiva, morador em Coimbra, no Loreto, tem em seu poder um pombo-correio, portador de uma anilha amarela com a seguinte inscrição: «1005671 — Portugal 69».

///

A Direcção dos Serviços de Portos, Caminhos de-Ferro e Transportes de Moçambique foi autorizada a celebrar contrato com o Banco Nacional Ultramarino para uma operação financeira de 5340 mil dólares para aquisição de um avião e motor de reserva para a Direcção de Exploração dos Transportes Aéreos.

///

Foi afretado pelo Ministério do Exército, a partir de 1 de Abril de 1971, para transporte de tropas e material de guerra, o navio «Angra do Heroismo» da Empresa Insulana de Navegação.

///

O dr. Adolfo da Silva e Sousa, juiz-desembargador da relação de Luanda, foi nomeado inspector superior de Justiça da Direcção Geral de Justiça do Ministério do Ultramar.

Diminuídos físicos podem ser telefonistas na Presidência do Conselho

Um decreto-lei aprovado no último Conselho de Ministros, por enquanto restrito ao âmbito da Presidência do Conselho, fixa regras sobre a proporção de lugares de 1.ª e de 2.ª classes das categorias de escriturário-dactilógrafo e de telefonista e estabelece normas relativas a recrutamento e provimento de pessoal dessas mesmas categorias.

Os lugares de telefonista de 2.ª classe serão providos por escolha, podendo esta recair em diminuídos físicos.

«Diário de Lisboa»

Do Sport Algés e Dafundo recebemos um amável ofício em que nos agradece a reportagem sobre o Externato do clube, recentemente inserta no nosso Suplemento Desportivo.

teatro A B C ADULTOS

• HOJE •

2 SESSOES: Às 20 e 45 e às 23 h.

A MELHOR REVISTA DO ANO

Frangas na Grelha

produção de HUMBERTO CUNHA

interpretada sensacionalmente

IVONE SILVA

NICOLAU BREYNER

ANITA GUERREIRO

ÓSCAR ACÚRCIO

ANABELA ■ LUIS HORTA ● MARIA TAVARES

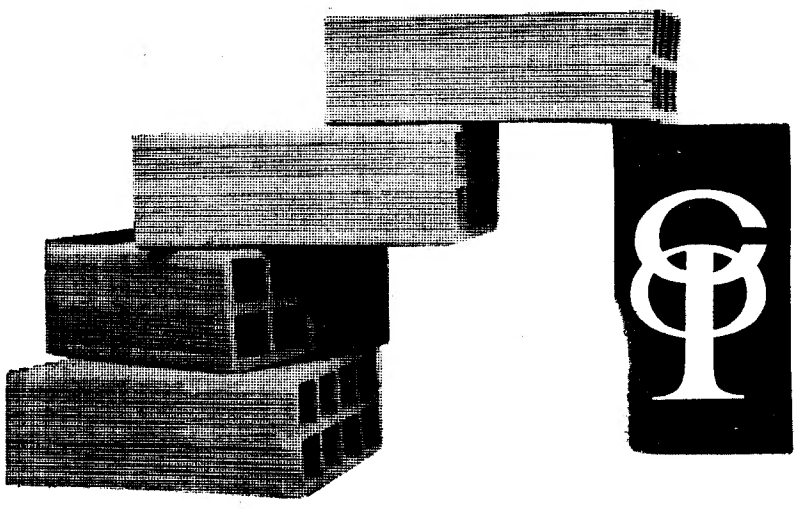
a participação especial de

TONY DE MATOS

•

30 BAILARINAS

• Empresa Teatral JOSÉ MIGUEL, LDA.



NÃO DEIXE RUIR O SEU SONHO

Deposite as suas economias no CRÉDITO PREDIAL PORTUGUÊS e transforme a renda ao senhorio em prestações mensais de um empréstimo até dez anos para aquisição da sua casa.

CRÉDITO PREDIAL PORTUGUÊS

BOM APETITE

CASTANHEIRA

E. da Torre - Lumiar - 790168

ESPECIALIDADES DIÁRIAS

AOS SÁBADOS E DOMINGOS ORQUESTRA PRIVATIVA DESTE RESTAURANTE

(Maiores de 15 anos)

CAFÉ «IMPAR» NO BAR RIBATEJO

PRAÇA DO AREEIRO, 11-D ABRE AS 7 HORAS

a furna

almoços jantares e ceias até às 3 da madrugada fechado aos domingos

r. ferreira lapa, 38 D (à duque de loulé) tel. 53 44 66-56 19 49

QUINTA DE S. VICENTE

RESTAURANTE

Telheiras de Cima, 144

Telef 790211 (M/ 15 anos)

JANTARES DANÇANTES AOS SÁBADOS E DOMINGOS

C/ conjunto privativo

AMBIENTE DISTINTAMENTE FAMILIAR

PREMIADO PELO SNI

NA VELHA «ADEGA MESQUITA»

NORBERTO DE ARAÚJO: EVOCADA A MEMÓRIA DO HOMEM E DO JORNALISTA

Num dos típicos restaurantes da velha Lisboa, neste reduto do Bairro Alto, que é ainda *viveiro* de jornais e domínio de jornalistas, na *velha* Adega Mesquita, onde já a sua inspiração poética floresceia no apainelamento azulejado da sala característica, sugestiva e de coruscante colorido ficou agora mais vincada a presença espiritual, tutelar de um dos seus mais proeminentes frequentadores — um grande jornalista, fidalgo do espírito na boémia doirada de Lisboa, que lhe deve a mais sugestiva, clarificadora e amorosa biografia. É a memória de Norberto de Araujo, que foi um jornalista de garra, dos maiores de sempre e que evocamos orgulhosamente como um dessa magnífica, ousada, brilhante pleiade dos que fizeram o «Diário de Lisboa» e o elevaram ao nível do seu elevado prestígio e da sua larga expansão.

Em homenagem á memória de Norberto de Araujo, que foi, também, poeta e novelista inesquecível, por iniciativa do nosso camarada Fernando Peres, fica ali o seu nome prestigioso em perdurável evocação numa lápida inaugurada no ambiente de solenidade própria — mas sem pompas convencionais e minimizadoras do acto elevado.

A cerimónia teve a presença significativa de altas individualidades, incluindo o vice-presidente do Município de Lisboa, sr. dr. Soares de Castro; o sr. dr. António Bivar, pela administração da Radiotelevisão Portuguesa; o sr. dr. João Patrício, pela direcção da Emissora Nacional; o jornalista Leopoldo Nunes, presidente da Comissão Municipal de Turismo; o sr. dr. Augusto de Castro, director do nosso prezado colega «Diário de Notícias» e outras individualidades. Presentes o dr. Marius de Araujo, filho de Norberto de Araujo, acompanhado de outras pessoas de família.

Ao evocar a figura de Norberto de Araujo, Fernando Peres fez o elogio do seu talento e lembrou as suas iniciativas de retinto sabor lisboeta, como, por exemplo, as marchas populares. Foram interpretados fragmentos lapidares de páginas de Norberto de Araujo pela declamadora Eugénia Maria e ouviam-se cantigas sobre Lisboa («Lá vai Lisboa», «O Manjerico» e «Noite de Santo António») em rapsódia interpretada pelo conjunto «Os 3 de Portugal».

Em brilhantes palavras, o sr. dr. Augusto de Castro considerou o Araujo «o ultimo de uma geração de mosqueteiros romanticos que existiram no jornalismo português», fazendo-o pensar «na grandeza e na miséria desta profissão de *cavaleiros de letra redonda* para que ele nasceu, de que e-le viveu e em que prematuramente morreu». E, acentuando o pendor romantico desse grande apaixonado da nossa Lisboa, fez-lhe o elogio como jornalista excepcional em nome de cuja geração falou outro jornalista Leopoldo Nunes.

Foi o dr. Marius de Araujo quem, depois de agradecer, descerrou a lápida que evoca a quem entra na Adega Mesquita o nome e a personalidade singular de um emérito jornalista, Norberto de Araujo — que foi poeta de fina inspiração e um dos amoráveis cronistas (e historiadores) de Lisboa.

DIA DA GRÉCIA COMEMORADO NO ROTARY

Com a presença de mais de uma centena de pessoas, entre as quais, sócios do clube, convidados e rotários visitantes, nacionais e estrangeiros, realizou-se no Hotel Tivoli, a habitual reunião mensal do Rotary Clube de Lisboa, dedicada ao Dia Nacional da Grécia.

Presidiu o dr. Ruy Pires Branco. Assistiram á reunião como convidados de honra o embaixador da Grécia, dr. Jean Leopoullos, e o secretário da Embaixada dr. George Vouvias.

No momento próprio, o presidente deu as boas vindas a todos os visitantes e cumprimentou especialmente os convidados de honra, salientando as relações cada vez mais íntimas entre Portugal e a Grécia.

No uso da palavra o embaixador da Grécia agradeceu as referências e congratulou-se pela continuação das boas relações entre os dois países.

Manuel Cabanas na Cooperativa dos Trabalhadores

Foi inaugurada, na Cooperativa dos Trabalhadores de Portugal á Calçada do Duque, 19-25, uma exposição de xilogravura do artista Manuel dos aSntos Cabanas, colaborador e grande amigo do «Diário de Lisboa».

A exposição estará patente ao publico até ao dia 27, das 15 ás 24 horas.

NASCEU E MORREU A BORDO DO PAQUETE «PRÍNCIPE PERFEITO»

Viveu apenas 10 horas uma criança que nasceu a bordo do pequete «Principe Perfeito», da C. N. N., na viagem de Luanda para Las Palmas, a caminho de Lisboa.

A criança, a quem foi dado o nome de Manuel António Moreira Pinto, era filha dos passageiros Manuel Pinto e Maria Adelina Gomes Moreira, ele natural de Paço, freguesia de Figueiró (Santiago), concelho de Amarante, e ela, de Figueiró.

O médico de bordo, dr. Pereira da Silva, fez tudo o que estava ao seu alcance para salvar a vida da criança.

De novo se põe em evidência o facto de os corpos terem deixado de ser lançados ao mar. O comandante do «Prinripe Perfeito», sr. Paulino de Jesus, fez com que o corpo do recém-nascido Manuel António fosse a enterrar no cemitério de Las Palmas.

O cemitério do Alto de S. João terá de ser ampliado por toda esta encosta, pois a população aumenta e, concomitantemente, sobe o número de mortos a sepultar. As obras começaram ontem com desaterros. Estes devem prolongar-se por dois meses. Por via disso, foi vedado ao trânsito, no sentido poente-nascente, o troço da Rua do Sol a Chelas (a via sinuosa que se vê á direita), entre a Rua António Luís Inácio e a Calçada do Carrascal. O impedimento de trânsito será por 60 dias

o fado e o folclore — restaurantes típicos

VIELA

cantam Sérgio Berta Cardoso, Beatriz Ferreira, Tucha Mascarenhas e Elisete Cascais ✲ Tocam: António Bessa e Fernando Reis **Consumo mínimo 60$00 ✲ Rua das Taipas, 14 ✲ Tel. 32 72 56.**

BALEEIRA

Elenco seleccionado — almoços a 25$00 ✲ **À noite, consumo mínimo 40$00 — Av. Marginal, 21-22 (Dafundo) — Telef. 21 32 59 ✲ Encerra ás quartas-feiras**

MIL E UM

cantam Henrique Manuel, Fátima do Rosário, Zita Maria Fernanda Machado, Maria Eva, Fernanda Silva Adriana Franco José de Barros, Artur dos Santos e Moisés Campelos Tocam: Alfredo Alves e Joaquim Pinto — **Cons. mínimo 40$00 ✲ Trav. da Espera, 8 — telef. 35 4 64 ✲ Encerra ás 5 da madrugada**

TAVERNA DO EMBUÇADO

elenco: João Ferreira Rosa, Vicente da Camara, João Braga Ana Rosmaninho e António de Mello-Corrêa Tocam: Fontes Rocha José Luís Nobre Costa e Pedro Leal ✲ **Encerra aos domingos ✲ Consumo mínimo: 90$00 ✲ Beco dos Cortumes, 10 ✲ Telef 86 0816**

LAR PORTUGUÊS

cantam José Borges, Natália dos Anjos, Rossana Lima, Armando Miranda Tocam: Acácio Gomes e Amadeu Ramim Folclore pelo Conjunto Típico do «Lar Português» ✲ **Cons. min. 50$00. R da Barroca, 133 ✲ Telfs.: 36 97 60 e 30532 ✲ Encerra ás 3 ª feiras.**

LUSO

elenco: Maria da Fé Fernando Maurício, Glória Maria, Augusto Ermida, Odete Mendes, Plínio Sérgio (em todos de Coimbra) e Manuel Mestre. Domingos Camarinha (guitarra) e Jorge Borrodas (viola) Conjunto privativo de Danças Regionais dirigido por António Cunha ✲ **Travessa da Queimada, 10-16 ✲ Telfs.: 362889-328503**

ADEGA MACHADO

cantam: Esmeralda Amoedo Ivete Pessoa Nazaré Maria Tina Ferreira Fados de Coimbra por João Queiroz Trio Arautos Fandango pelo Grupo de Vila Franca de Xira ✲ **Cons min 70$00 ✲ Rua do Norte, 91 ✲ Telefs.: 30095-328713 ✲ Encerra á segunda-feira**

TIMPANAS

cantam: Trio Odemira, João Fernando, Emílio Reis, Luís Braga e Benvindo Cruz Tocam Pedro Calheiro Cabral e Fernando Alvim

...de Vila Franca de Xira canções do Minho por Quim Barreiros ✲ **Cons min 61$50 (taxas incl.) ✲ Rua Gilberto Rola, 24 ✲ Telefones 67 66 55 e 67 24 31**

ADEGA MESQUITA

cantam: Fernando Pinto, Maria Amélia Proença Francisco Martinho e Alcindo de Carvalho Tocam Jaime Santos e António Proença Danças regionais por conjunto privativo ✲ **Rua «Diário de Notícias», 107 ✲ Telef.: 32 83 07 ✲ Encerra aos domingos.**

restaurantes, bares, «boites» e «dancings»

ADAGGIO

Pop—Soul e Underground ✲ sempre os ultimos êxitos em discos, recebidos directamente de Inglaterra, Estados Unidos e Brasil ✲ **Aberto todos os dias, das 16 ás 20 e das 22 ás 3.30 h ✲ Rua Carlos dos Reis, 51-A ✲ Telef. 775695.**

CLUBE ANDALUZ

Boite com atracções espanholas ✲ Música constante ✲ Calçado Marquês de Abrantes 64-66 ✲ Telefone 667264

SANZALA

Um pouco de Africa em Lisboa — Musica constante ✲ **Av. Mare- ✲ Telef 367136 ✲ Encerra ás 3 horas.**

a furna
música gravada
ceias até às 3 da manhã
fechado aos domingos
r. ferreira lapa, 38 d
(à duque de loulé)
53 44 66 56 19 49

MAXIME

Conjunto 6 ✲ Reacção e Maximiliano ✲ «Show» turístico ✲ Variedades internacionais ✲ **Praça da Alegria, 58 ✲ Telef 55366**

BARBARELA

Rua do Atalaia, 18 (Bairro Alto) chal Carmona, 2 — Campo Grande — Telef. 790177 ✲ Encerra ás 3.30 horas.

TAMILA

Morão e s/ Conjunto ✲ **Avenida Duque de Loulé, 69—Tel. 534117 ✲ Matinées todos os dias ✲ Encerra aos domingos**

CASINO DO ESTORIL

Jogo autorizado ✲ Variedades internacionais ✲ **Telefs. 264521 -264526-264596-264621-264946**

HIPOPPOTAMO

Av Ant Augusto de Aguiar, 3-A ✲ Telef 48384 ✲ Conj. Hélder Reis ✲ Encerrado aos domingos

TERRAÇO DAS ESTRELAS (HOTEL EMBAIXADOR)

Conjunto Manuel Viegas ✲ Avenida Duque do Loulé, 73 ✲ Telef 530171

LEITOR DO "DIÁRIO DE LISBOA"

TERMINA HOJE O PRAZO DE RECEPÇÃO DO CUPÃO-DUPLO

TERMINA HOJE, impreterìvelmente hoje, o prazo de recepção dos cupões-duplos de identificação dos participantes na nossa iniciativa. Aqueles que o não fizeram (os cupões-duplos, como se sabe, são apenas remetidos uma vez) ainda podem fazê-lo. Recordamos, porém, que os nossos serviços apenas aceitarão correspondência com o carimbo de hoje. Todos os que sejam remetidos posteriormente não poderão ser considerados.

CORRESPONDENCIA

Toda a correspondência (incluindo a que se refere ao envio de cupões), deve ser dirigida a «LEITOR DO «DIÁRIO DE LISBOA», Rua Castilho, 185, 1.º — Lisboa-1

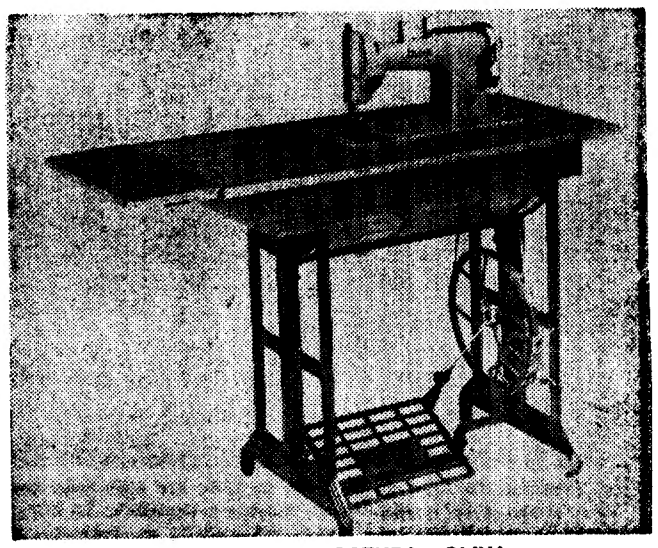
No que se refere ao atraso do envio dos cartões de identidade de Leitor do «Diário de Lisboa»: continuam a ser enviados mas não no ritmo desejado, em face da grande aglomeração de correspondência. São muitos milhares de cupões-duplos de identificação a classificar por ordem alfabética e numérica. A morosidade das operações deve-se ao grande número de participantes. Devemos, no entanto, acrescentar que todos receberão a tempo os seus cartões de identidade de Leitor do «Diário de Lisboa» com o número que os habilitará a magníficos prémios, o primeiro dos quais é o maior até hoje instituído na história da Imprensa portuguesa: um andar no Parque Residencial e Turístico de Miraflores (com mobiliário «Gibo») e um luxuoso automóvel «Mercedes-Benz-220», tudo com um valor superior a mil contos. Um leitor do «Diário de Lisboa» vai, pois, tornar-se milionário.

O ENVIO DO SELO

Quem pretenda que lhe enviemos, pelo correio o cartão de identidade de «Leitor do «Diário de Lisboa» deverá juntar ao seu cupão duplo um selo de correio de 1$00

10 MÁQUINAS DE COSTURA «OLIVA»

10 MAGNÍFICAS MÁQUINAS DE COSTURA «OLIVA» são também prémios da nossa iniciativa. «OLIVA» — máquina de costura portuguesa cuja categoria é reconhecida internacionalmente — só é possível graças à complexa e moderna organização fabril, orientada pela técnica mais evoluída e apetrechada com maquinaria de incontestável rigor e eficiência. Os já largos anos de presença em todos os mercados nacionais e estrangeiros e as centenas de milhares de máquinas «OLIVA» em plena actividade nas mais favoráveis condições de trabalho e rendimento são prova eloquente da sua incontestável classe.



UMA DAS MÁQUINAS DE COSTURA «OLIVA»

REGULAMENTO

- a iniciativa é aberta a todos os leitores do «Diário de Lisboa» residentes no continente.
- O leitor deverá recortar e preencher o cupão-duplo que estamos a publicar e onde deverá inscrever o seu nome e morada a localidade onde reside e, facultativamente a profissão e o número do telefone e ainda a tabacaria ou o vendedor a quem adquire o «Diário de Lisboa».
- preenchido o cupão-duplo este deverá ser remetido para a Rua Castilho, 185-1.º Lisboa-1 acompanhado de um selo de 1$00 se pretender que o cartão de identidade de leitor do «Diário de Lisboa» lhe seja devolvido pelo correio.
- se o leitor pretender que lhe seja entregue, pessoalmente nos serviços do «Diário de Lisboa» o seu cartão de identificação não juntará ao cupão-duplo o selo de 1$00 que se destina lògicamente a despesas de correio.
- recebido o cupão duplo os leitores ficarão classificados por ordem numérica e alfabética. O cartão de identidade receberá o mesmo número do cartão-duplo.
- o cartão de identidade de leitor do «Diário de Lisboa» permite-lhe ficar habilitado a qualquer dos prémios já instituídos e ainda a benefícios de outras iniciativas a promover.
- o leitor do «Diário de Lisboa» para poder receber o prémio que lhe for atribuído em sorteio terá de provar ser leitor habitual demonstrando possuir na sua residência o número de «cabeçalhos» (*) do «Diário de Lisboa» correspondentes aos dias de publicação compreendidos entre 2 de Janeiro e 31 de Março de 1971. É permitida uma margem de faltas de cinco exemplares por mês

(*) Por «cabeçalhos» entende-se apenas a parte da 1.ª página do jornal donde consta o nome deste e a data da publicação.

ESTES SÃO OS CUPÕES QUE O LEITOR TERÁ DE ENVIAR UMA SÓ VEZ

RECORTE E ENVIE AO «DIÁRIO DE LISBOA»

LEITOR DO "DIÁRIO DE LISBOA" n.º _____ (a)

nome _____

morada _____

localidade _____

_____ telefone (b) _____

profissão (b) _____

(b) Tabacaria ou vendedor, onde compra o «Diário de Lisboa»

(a) A preencher pelo jornal (b) Facultativo

RECORTE E ENVIE AO «DIÁRIO DE LISBOA»

LEITOR DO "DIÁRIO DE LISBOA" n.º _____ (a)

nome _____

morada _____

localidade _____

_____ telefone (b) _____

profissão (b) _____

(b) Tabacaria, ou vendedor, onde compra o «Diário de Lisboa»

(a) A preencher pelo jornal (b) Facultativo

SÃO ESTES OS DOIS CUPÕES IDENTIFICADORES QUE CADA LEITOR DO NOSSO JORNAL TERÁ DE PREENCHER PARA SE HABILITAR AOS PRÉMIOS INSTITUÍDOS. NO CASO DE PRETENDER RECEBER PELO CORREIO O CARTÃO DE IDENTIDADE DE LEITOR DO «DIÁRIO DE LISBOA», DEVERÁ JUNTAR UM SELO DE 1$00

Opinião dos leitores

CONSIDERAÇÕES SOBRE ASPECTOS DA COMERCIALIZAÇÃO DE CARNES

Publicámos uma carta do sr. António Frazão contendo sugestões sobre o problema das carnes, em diversos aspectos no conjunto de uma situação de premente interesse colectivo. Publicamos, a seguir, outra carta do mesmo leitor, na qual se ocupa de aspectos da comercialização *das carnes:*

«Depois de abordar, ligeiramente, aspectos da produção, permita-me V. que aborde agora, também ligeiramente, no vosso jornal, *aspectos da comercialização* das carnes:

«Em 1965, se não estou em erro, iniciou o Governo da Nação — em boa hora — a prática de subsidiar os bovinos novos, para abate, prática esta que tinha em vista, remodelando velhos hábitos, aumentar a quantidade dum produto de que o País era deficitário. Estimulando a criação de animais novos para abate, evitava-se, de algum modo e progressivamente, o aumento do numero efectivo dos animais velhos, produção julgada antieconómica. Absolutamente certo!

«Em 20 de Janeiro de 1969, foi posta em vigor a actual tabela de venda ao publico de carne de bovino, vulgo vaca, com base no preço médio de aquisição, para gado, de 32$ o quilograma. Na elaboração desta tabela considerou-se como percentagens de gado oferecido para abate a frequência de, mais ou menos; 1/4 de vacas (animais velhos), preço oficial de tabela, 30$00; 1/4 de bois (idem), 31$00; 1/4 de novilhos (animais novos), 35$00. O outro 1/4 era preenchido com carne congelada (mais ou menos, 26$00 para preço de gado).

«Em face do que expómos, indagámos: — Admitiu-se, desde logo, a incapacidade de o País se bastar a si próprio? Não se acreditou no êxito das medidas tomadas pelo Governo?

«Os anos de 1969 e 1970 mostraram-nos que o Governo tinha razão, e, nestes anos, a frequência de novilhos verificou-se em percentagem elevadíssima. Não erro muito se, em Lisboa, calcular em mais de 70% do total dos bovinos abatidos.

«Como era de admitir a falta de lógica nas percentagens estimadas, na frequência de gado para abate, era de antever que actual tabela viria a ser uma armadilha para o comerciante. Porquê, a culpa deste?

«Entre outros mais, há o grave aspecto da desigualdade entre os comerciantes resultante de leis que servem para uns e não servem para outros. Temos: talhantes que elaboraram horários de trabalho, dando conhecimento ao I. N. T., respeitando a lei, quanto ao numero de horas de trabalho, diárias e semanais, mas substituindo o dia de descanso, de segunda-feira pelo de domingo, foram autoados e pagaram multas por infracção a clausulas do contrato colectivo de trabalho. O trabalhador não pode trabalhar á segunda-feira!

«Vários supermercados, utilizando profissionais sindicalizados, sujeitos ás cláusulas do mesmo contrato colectivo de trabalho, vendem carne ás segundas-feiras. Sem comentários!

«Com a mesma elevação com que julgo ter exposto as minhas ideias, outros me sigam, falando todos do que está mal, para que alguém encontre o remédio para um amplo problema económico.

Termino agradecendo a colaboração de V. e subscrevo-me», etc.

O SINDICATO DOS BANCÁRIOS TEM NOVA GERÊNCIA

Tomaram posse os novos corpos gerentes do Sindicato Nacional dos Empregados Bancários do Distrito de Lisboa, assim constituídos:

Mesa da Assembleia Geral — Presidente, dr. José de Andrade Soares; secretários, Paulo da Silva Loureiro Baptista e José Dias Dinis.

Direcção — António Ferreira Guedes, António Moreira Penilo, Daniel Isidro Figueiras Cabrita, Fernando Isidoro Moura Palhaça e Víctor Manuel Marques Nunes (efectivos) e Antero Martins Pinto Guimarães, António Albino Ribeiro Carvalho da Cruz, António Joaquim Moura Lopes Margarida da Conceição Picoto Teixeira e Maria Antonieta Catarina Pereira (suplentes).

TRANSFORMAMOS DINHEIRO EM PROGRESSO!

FACULTAMOS

crédito a médio ou longo prazo para:
* Investimento * Produção e
venda a prazo de bens de equipamentos nacionais
* Exportação.

COLABORAMOS

com as actividades económicas nacionais na realização de:
* Estudos económicos sobre oportunidades de investimento
* Contactos com empresas nacionais e estrangeiras
para a concretização de iniciativas de interesse mútuo.

REMUNERAMOS

depósitos de prazo superior a um ano,
à taxa de **5,75%** com: * Isenção total de impostos
* Disponibilidade dos depósitos por meio de livranças
* Segurança total.

BANCO DE FOMENTO NACIONAL

METRÓPOLE Sede: LISBOA. Delegações: PORTO, COIMBRA, BRAGA, SANTARÉM, ÉVORA, VISEU, AVEIRO.
ULTRAMAR Direcções-Gerais: LUANDA, LOURENÇO MARQUES.

IMPULSIONADOR DO CRESCIMENTO ECONÓMICO NO ESPAÇO PORTUGUÊS

5.º SALÃO NAUTICAMPO (2)

DA MULTIPLICIDADE DE TENDAS CARAVANAS E ATRELADOS À VARIEDADE DE PISCINAS

No 5.º Salão Nauticampo, pode encontrar planeadores, um helicóptero para instrução, convites para praticar paraquedismo (isto para nos referirmos aos desportos aeronáuticos). Pode ver (feitos pelos alunos da Francisco de Arruda) aeromodelos em evolução. Se prefere a caça passe pelos «stands» de armas e bagagens (melhor, e munições). Mas, se a pesca é o seu modo de preencher os tempos livres, também lá encontra, além dos barcos a que ontem nos referimos, canas de pesca de vários tamanhos, modelos e preços.

Cadeiras, mesas e os mais diversos apetrechos para actividades ao ar livre estão á sua disposição no certame.

Por nossa parte, andámos a ver mais demoradamente, tendas, caravanas, atrelados e piscinas.

O campismo compensa de várias maneiras. Disso vamos dar conta nesta reportagem.

A tenda aérea, curiosidade do certame, a suscitar as atenções de um pequeno curioso

Deslocar atrelado só com um tractor

Onde o publico mais se aglomerava era em redor da «Combi-Camp», uma tenda-atrelado que custa na Feira 20 500$00, e fora dela, perto de 23 contos. As demonstrações sucessivas realizadas em pleno certame, mobilizavam, de facto, as atenções dos passantes. Mas expliquemos: a tenda reboque está montada sobre um «chassis» de duas rodas, ficando toda dentro duma caixa quando arrumada. Sobre o tampo, uma grelha-porta-bagagens. Para abri-la, primeiro levanta-se essa grelha e depois a placa da caixa, que ao deslocar-se arrasta o pano da tenda. Finda esta operação, durante a qual se descreve em semi-círculo como documentam as gravuras publicadas, surge-nos uma tenda com dois quartos onde pode colocar-se um beliche além das camas normais.

Dentro do mesmo estilo, um pouco mais adiante, surgiu-nos a tenda aérea. Instalada sobre o tejadilho de um antigo «bólide» das estradas, custa 7500$00, dá para um casal, e é um produto português. Concretamente, é uma criação de José Maria Peixoto, de Alverca do Ribatejo, que também apresenta uma tenda-atrelado (premiada com medalha de prata no Salão Internacional dos Inventores de 1967) para 23 contos.

Daí ás caravanas foi um passo. E á passagem deparou-se nos a maior de todas.

—*Como se desloca isto?* — perguntou um visitante ao expositor, ao que este sugeriu:

—*Só com tractores, e batedores na estrada* — para logo esclarecer — *É uma caravana estática. Muito usada nos E. U. A. e na Inglaterra. É para ficar em parques de campismo, ou terreno próprio.*

De origem inglesa, custa 120 contos, dispõe de duas camas individuais, uma de casal (tem espaço para mais duas individuais e para dois beliches), casa de banho, cozinha (fogão com forno, frigorífico, lava-louça), aquecimento, roupeiros, armários, mesas, etc. Uma casa, em suma, onde o conforto é característica dominante.

Tendas simples: um campismo mais acessível

De resto, as caravanas inglesas tinham uma vasta representação. Num dos «stands» visitados, vimo-las desde 55 a 128 contos. Eram caravanas de luxo, segundo nos declarou a sr.ª D. Edite de Abreu, que, entretanto, acrescentou:

— *As mais caras são as que se vendem melhor. O cliente de caravanas quer o que é bom.*

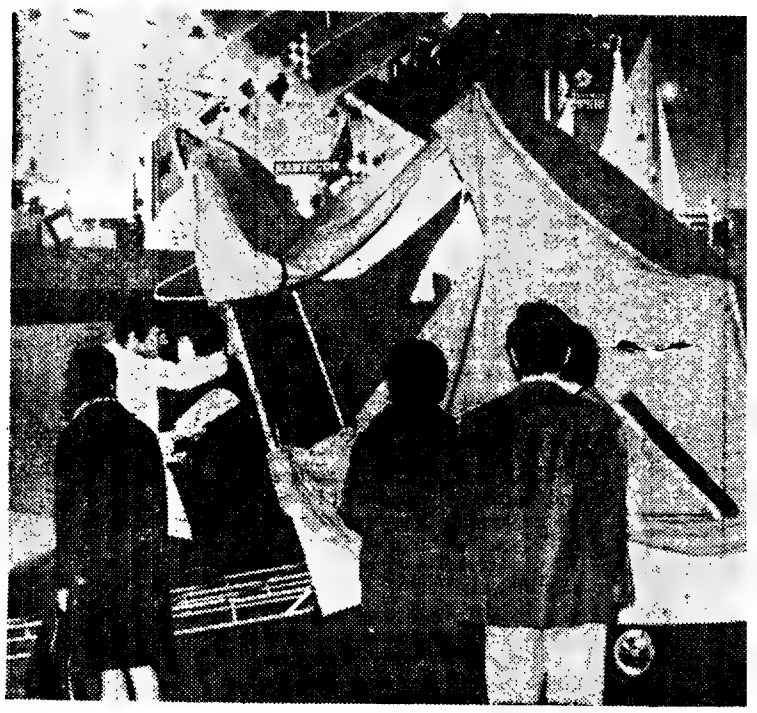
Mas a de 55 contos dá alojamento para quatro pessoas, tem cozinha (fogão sem forno, lava-loiça e grelhador), é isolada a lã de vidro, e o exterior é de alumínio galvanizado com pintura a fogo. Tem suspensão independente pneumática, pesa 530 kg, e basta para a rebocar um automóvel de 1000 c.c.

A França não faltou. E Portugal também não.

Cento e dezoito mil escudos custa a mais cara das caravanas produzidas no Porto, tendo duas camas de casal (e espaço para mais um ou dois beliches), casa de banho, cozinha (fogão, lava-louças, frigorífico e armários), guarda-roupa, mesas, etc. A mais barata atinge os 36 contos, mas há-as para 41 500$00 e 70 000$00.

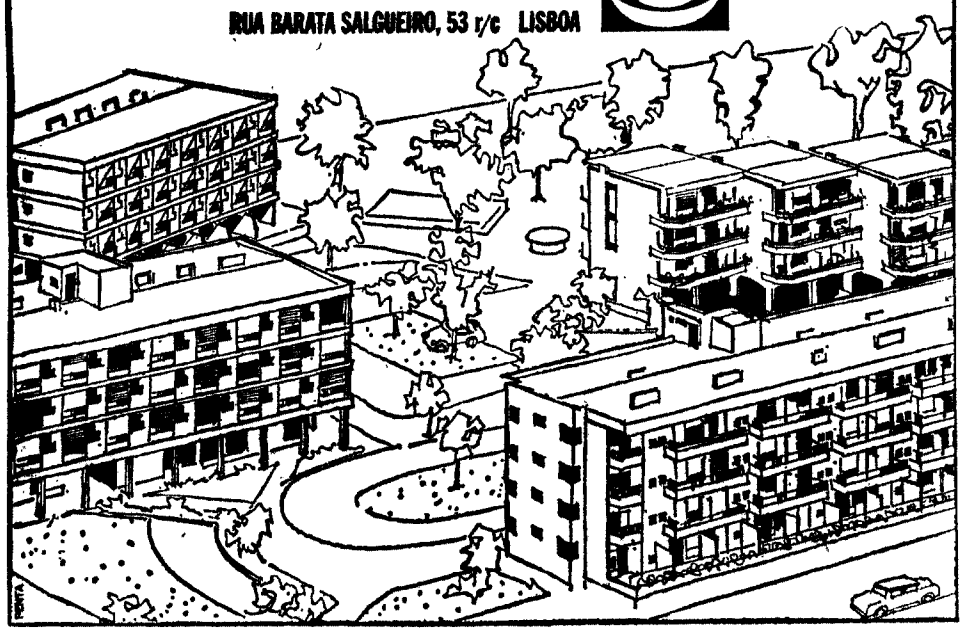
Mais barato ainda, só as tendas

E cá está ela, com um po tos es brico outros 9000$0 pode a com q quais, dormir ponder jantar)



Já está quase montada

APARTAMENTOS
QUINTA DOS LOMBOS
NA PRAIA DE CARCAVELOS
TOTALMENTE EQUIPADOS
INICIADA A VENDA DA 2ª FASE
Informe-se das extraordinárias vantagens de comprar agora
VISITE O "NOVO APARTAMENTO MODELO" NO LOCAL
Dias úteis das 14 às 19 h Sábados e Domingos das 11 às 13 h e das 14 às 20 h
RUA BARATA SALGUEIRO, 53 r/c LISBOA



APARECEU A MÃE DA CRIANÇA ABANDONADA NUMA PENSÃO

PORTO, 25 — Saíra da Cadeia de Tires, onde cumprira pena de prisão, a mulher que, em 16 de Novembro findo, abandonou, como dissemos, numa pensão da Rua do Breyner, uma criança deficiente mental (surda-muda e paralítica) com cerca de dois anos de idade.

Trata-se de uma infeliz de vida irregular, Maria de Jesus Machado Dinis, de 24 anos, natural de Famalicão. A sua descoberta foi possível pelo facto de ter sido novamente presa, já depois de haver abandonado aqui a filha, visto que continuou na vida desregrada. Uma vez na Cadeia Civil do Porto, foi interrogada por uma assistente social, pois sabia-se que tinha uma filha. Contudo, ela não dizia onde ou com quem estava a criança; e assim transitou para as prisões privativas da Polícia Judiciária, onde acabou por confessar ser a mãe da menina abandonada na pensão referida. Assim se esclarece o drama da criança abandonada pela mãe, embora fique em aberto o essencial do problema.

NOIVOS
As alianças e prendas da OURIVESARIA DA MODA dão felicidade
RUA DA PRATA, 257

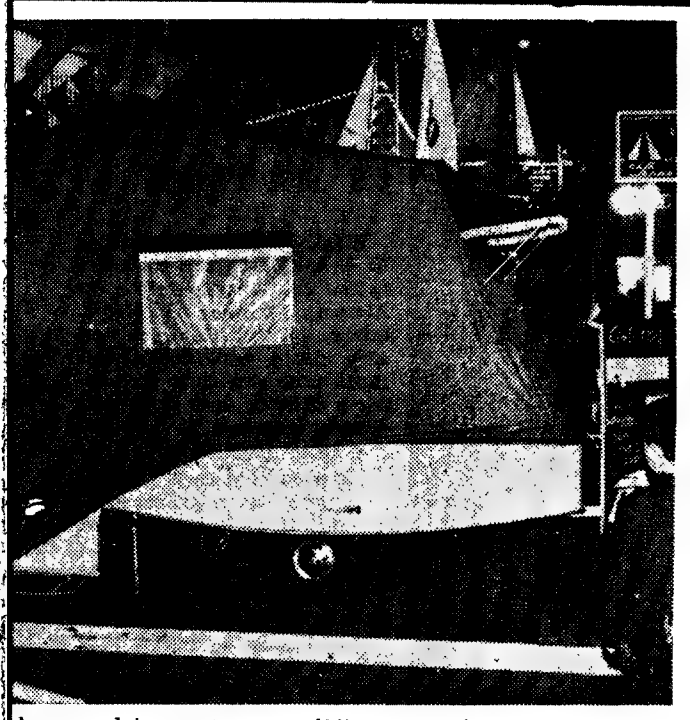
LUSTRES
preferidos pelas pessoas que amam as coisas belas. Fábrica: Av. 5 de Outubro, 203-r/c., Esq. (Ao Campo Pequeno). Telefone 77 16 39.

Mais de 800 i no VI Cong do Ensino l

Ascendem já a mais de 800 os professores de todas as categorias do ensino secundário inscritos no VI Congresso Nacional do Ensino Liceal.

Por orientação do Ministério da Educação Nacional a amplitude do Congresso passou a ser extensiva a grupos numerosos de observadores do ciclo preparatório do ensino secundário e do ensino técnico profissional, como ramos do ensino secundário, conforme, aliás, foi defendido na Imprensa por diversos professores.

Devido á organização do Congresso ter excedido as mais optimistas previsões foi solicitado novo reforço material ao Ministério da Educação Nacional para resolver problemas que de momento parecem insuperáveis, como sejam, locais para reuniões plenárias, sessões de abertura e encerra um jan ciais, didácti

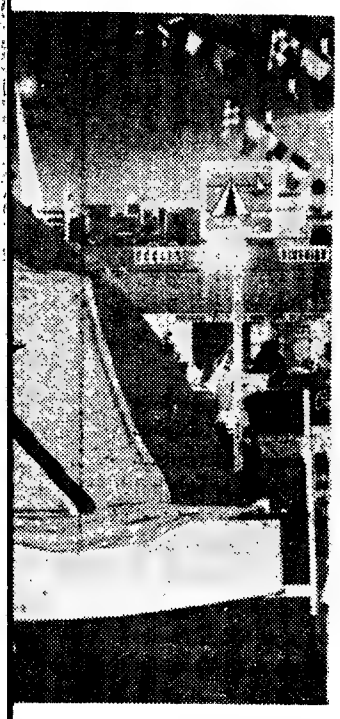


la, com dois quartos e o público a espreitar...

tendas de campismo. Uma tenda simples pode ficar-lhe um pouco além dos oitocentos escudos. Todavia, de fabrico nacional, encontra para outros preços. Existem até 9000$00. Para cinco pessoas pode adquirir uma por 6890$, com quatro dependências (das quais, duas são quartos de dormir e as restantes, correspondem á cozinha e sala de jantar). É de tela le algodão impermeável á água, mas permeável ao ar. Entre os preços que indicamos é fácil descobrir uma série de modelos que será fastidioso descrever.

Se prefere os produtos estrangeiros, no Salão Nauticampo também estão expostas barracas francesas, pelo menos.

E deixando as tendas do campismo mais acessível, vamos lá dar um mergulho nas piscinas.



Encaixote a sua piscina

Quem mais rodeia aqueles lagos expostos em pleno certame, são mesmo as crianças. Os adultos não lhes ficam atrás, mas os olhos de alguns miúdos, estão mesmo a mergulhar na água.

Há piscinas (só tanque) desde 900$00 até 30 contos. Aquela circular, tem um diâmetro de 1,80 metros, altura de 37,5 centímetros, e acapacidade de 1 metro cúbico. Esta, é oral, tendo 7.20 m × × 3.6 m, altura de 1.20 m, e capacidade para 31 metros cúbicos de água.

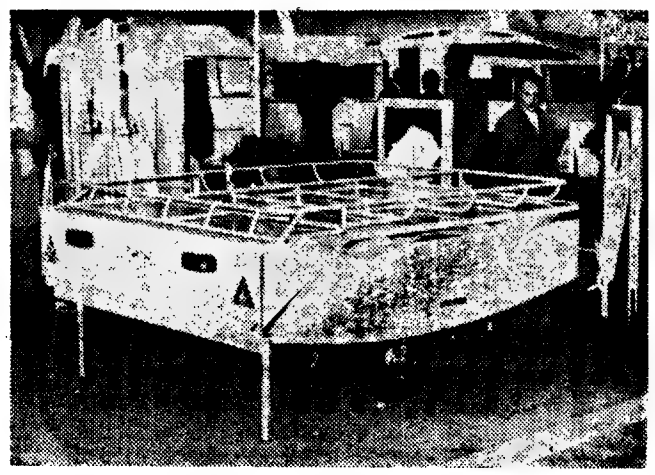
Todavia, uma piscina necessita de acessórios: um limpador automático da superfície, um filtro e uma escada. Pelo menos estes acessórios. Que a encarecem.

E assim, uma piscina circular com 3,6 metros de diâmetro, 90 centímetros de altura, e 9 metros cúbicos de capacidade, com aqueles extras (indispensáveis) vai aos 11 contos. É uma piscina para família, que pode desmontar e guardar numa pequena (relativamente) caixa. É caso para dizermos encaixote a sua piscina no Inverno. Saliente-se, por fim, que o exterior desses lagos é de aço inoxidável e o interior de plástico e «nylon».

Circulares, ou ovais, mais profundas ou menos, de maior ou menor diâmetro, é toda uma variedade de piscinas para pôr á sua porta. Basta ter aquilo com que se compram melões. Neste caso piscinas.

0 inscritos
ongresso
o Liceal

encerramento, organização de um jantar, manifestações sociais, exposição de material didáctico, etc.



A tenda atrelada quando recolhida

«PLANEAMENTO TURÍSTICO»
TEMA DA CONFERÊNCIA
DE UM ARQUITECTO FRANCÊS NA EXPOSIÇÃO
«POLÍTICA NACIONAL DE TURISMO»

Urbanista-Chefe da zona de Marselha, o Arq.º André Hardy foi convidado pela Direcção-Geral do Turismo, através do Centro Nacional de Formação Turística e Hoteleira, a proferir na próxima sexta-feira, pelas 17,30 horas, uma conferência subordinada ao título «Planeamento Turístico».

A conferência que se realiza na Galeria de Arte Moderna, junto ao Museu de Arte Popular, em Belém, integra-se no ciclo de actividades a propósito da Exposição «Política Nacional de Turismo» que tem estado aberta ao público, e tem como objectivo facultar aos arquitectos e empresários portugueses a oportunidade de dialogar com um perito europeu da matéria, responsável pelo plano do Delta de Marselha, um dos maiores planeamentos urbanísticos da Europa.

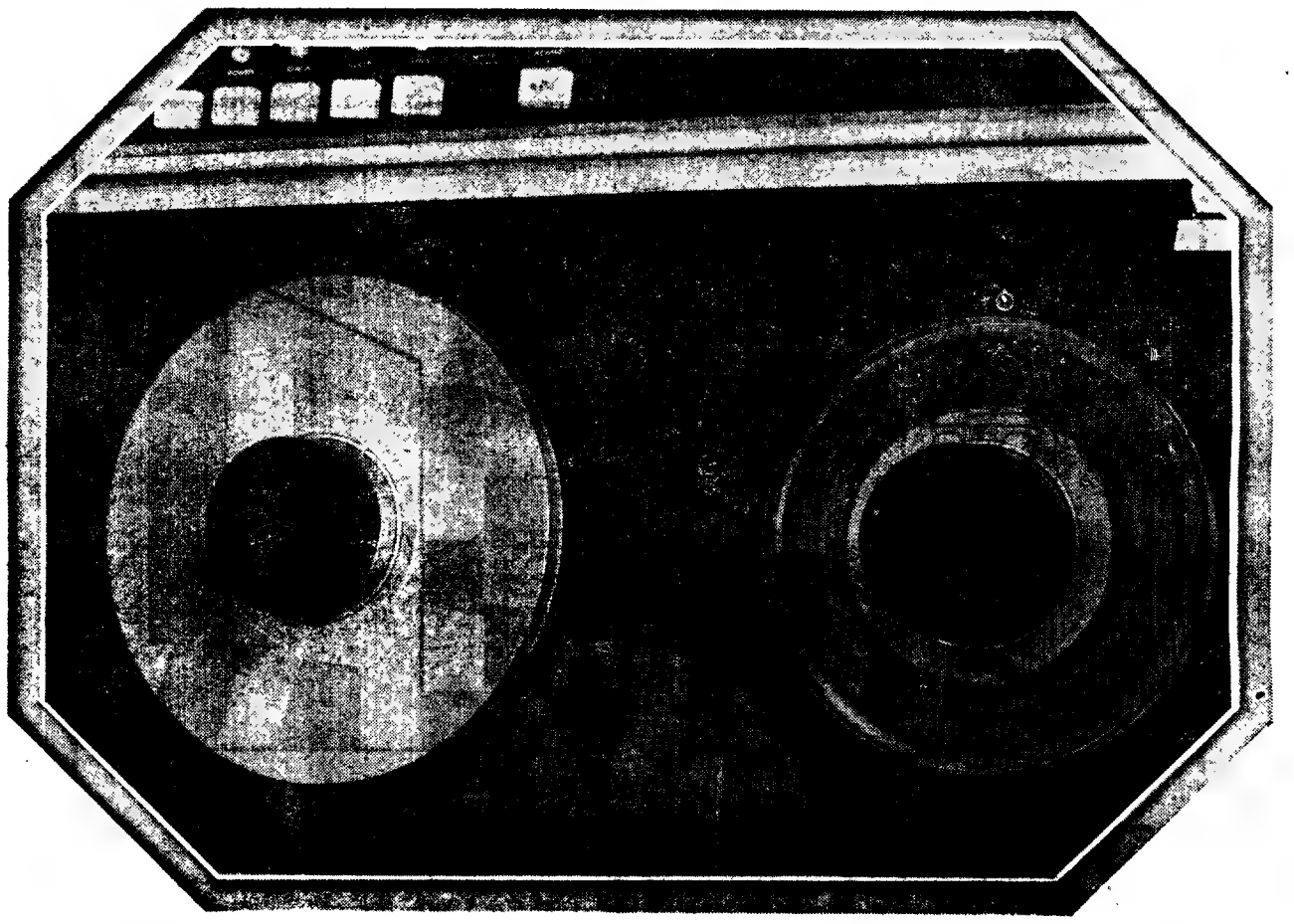
Entre os convidados para assistirem à conferência, que tem entrada livre, contam-se arquitectos e técnicos urbanísticos, dirigentes de empreendimentos turísticos e personalidades de relevo no sector oficial.

PARA COMPRAR OU VENDER
AS SUAS JÓIAS
BARBOSA, ESTEVES & C.ª, LD.ª
293 — Rua da Prata — 295

Adiamento da marcação dos cintos de segurança

Uma portaria do Ministério das Comunicações, agora publicada no «Diário do Governo», prorroga até 31 de Maio o prazo para a marcação dos cintos de segurança já instalados em veículos automóveis.

O diploma vem de momento, resolver uma situação de facto: era impossível cumprir a anterior determinação de se marcarem os cintos até 31 do corrente, em consequência de as autoridades não terem tempo de montarem os serviços para os carimbar. A longo prazo, nada ficará resolvido sem forte incomodidade para o público e para as próprias autoridades. Na verdade, quando se anunciou a obrigatoriedade do uso dos cintos, teria sido da mais elementar conveniência prevenir desde logo os milhares de automobilistas da conveniência de esperar pela marca ou marcas autorizadas. Na situação presente, também julgamos que, dado existirem no mercado numerosos cintos de marcas reputadas, cujas características são sobejamente conhecidas das autoridades, haveria a maior vantagem em autorizar essas marcas, sem qualquer carimbo. Evitar-se-ia incomodar quem foi previdente e cumpriu antes do prazo a determinação oficial que visa proteger as vidas dos automobilistas e passageiros. Acontece ainda que, das diversas marcas que conhecemos, pouco há de diverso num tipo de apetrecho de simplicidade evidente. Não nos parece, por isso, de qualquer conveniência a fixação num modelo único, que, em última análise, só virá a favorecer determinado ou determinados fabricantes.



PARA ALÉM DAS MEMÓRIAS PROGRAMADAS...

... para além da quase infalibilidade das máquinas, existe um complexo universo de problemas a que a eficácia do seu rigor técnico não pode responder. Ou melhor: pode. Mas à frieza mecânica dos seus circuitos falta o calor da compreensão humana. A certeza de um olhar que pensa. O apoio de um sorriso que tranquiliza e estimula. A confiança que um homem pode transmitir a outro homem. No seu implacável esquema lógico, o ordenador regista. Transforma. Calcula. Informa.

No seu flexível mundo de valores, o homem pensa. Transforma e decide. Sobre tudo decide com humanidade. Por tudo isto tivemos de encontrar o ponto de equilíbrio entre a quase infalibilidade das máquinas que calculam — mas não sentem — e os técnicos — que pensam e sentem. Os nossos mecanismos electrónicos registam em instantes, milhares de dados imprescindíveis. Os nossos técnicos utilizam-nos diàriamente, para que os seus serviços sejam ainda mais rápidos e mais eficientes. No entanto, não deixamos de sentir consigo os seus problemas. Esta é também uma das razões por que existimos.

FIDELIDADE 1835

FIDELIDADE · SEGUROS
uma companhia para toda a vida

fid/4.71

Mais de nove mil contos atinge o espólio artístico de Diogo de Macedo adquirido pela Câmara de Gaia

PORTO, 25 — O valioso espólio artístico de Diogo de Macedo, que foi um escultor de vincada personalidade e amplo espírito inovador, primeiro — e por largos anos — director do Museu Nacional de Arte Contemporânea (em Lisboa) acaba de ser adquirido pela Câmara Municipal de Gaia (terra natal do artista).

A aquisição foi feita à viuva sr.ª D. Eva Botelho Arruda de Macedo, por cerca de nove mil e quatrocentos contos; e aquela senhora passará a receber da edilidade gaiense uma renda vitalícia de quinze mil escudos mensais, para além da entrega, já feita, de duzentos contos.

A avaliação foi feita, com toda a prudência e o contrato está ultimado, embora dependente ainda da autorização do Ministério das Finanças.

O espólio é constituido por um conjunto de objectos artísticos e livros; e, além de trabalhos do próprio Diogo Macedo, há também obras de autores contemporâneos e amigos dele; e trabalhos sobre Pousão, Visconde de Meneses e Soares dos Reis, que irão para a Casa-Museu Teixeira Lopes, presentemente em adiantada fase de ampliação.

Para tratar desta aquisição, seguem para Lisboa o dr. Ramiro de Queirós, presidente da Câmara de Gaia e um arquitecto, que coordena os serviços culturais.

Os bonés que se usam são assim. Estes, da última fornada da moda britânica, vão representar a alta costura londrina em São Francisco da Califórnia, numa passagem de modelos promovida pelo Conselho de Exportação de Confecções e Tecidos da Grã-Bretanha. O da direita é feito de tecido muito encorpado, no género da tapeçaria; o da esquerda é de «tweed», em tons leves de Primavera

Exposição de «Artes e Ofícios» em Vila Franca

VILA FRANCA DE XIRA, 25 — Integrada nas comemorações do 80.º aniversário do Ateneu Artístico Vilafranquense, foi inaugurada na sede desta agremiação cultural, uma exposição de «Artes e Ofícios», que despertou grande interesse na população desta localidade.

Ao acto inaugural estiveram presentes o sr. tenente-coronel Febo Vargas de Matos, presidente da Câmara Municipal; dr. António José Vidal Baptista, presidente da assembleia geral do Ateneu; Julio Serra Sabino, presidente da direcção da colectividade; dr. Eduardo Vieira, e outros convidados.

Falou o sr. dr. Vidal Baptista e o presidente da Câmara Municipal.

A exposição, que inclui diversos trabalhos de pintura, fotografia, escultura, lavores femininos e artesanato, estará patente ao publico até ao dia 28 do corrente, das 20 e 30 ás 24 horas.

Campeão Português

SUPER

Climatizado
INJECTED MOULDED SYSTEM

Dê liberdade
aos seus pés!
Dê-lhes saúde!
A nova linha
Campeão Português
Apresenta calçado
Mais resistente,
Elegante,
Económico,
Climatizado
O calçado que respira
Com os seus pés!
Numa palavra....
É um calçado
SUPER

PLUTO

45 33

soma e segue...

10 Dígitos de capacidade
Total 11 Dígitos
Subtracção directa
Saldo credor (vermelho)
Total e subtotal Automáticos
Tecla de Repetição Automática
para adição, subtracção
e multiplicação repetida
Teclas de 1, 2 e 3 zeros
Fita preta e Vermelha

commodore

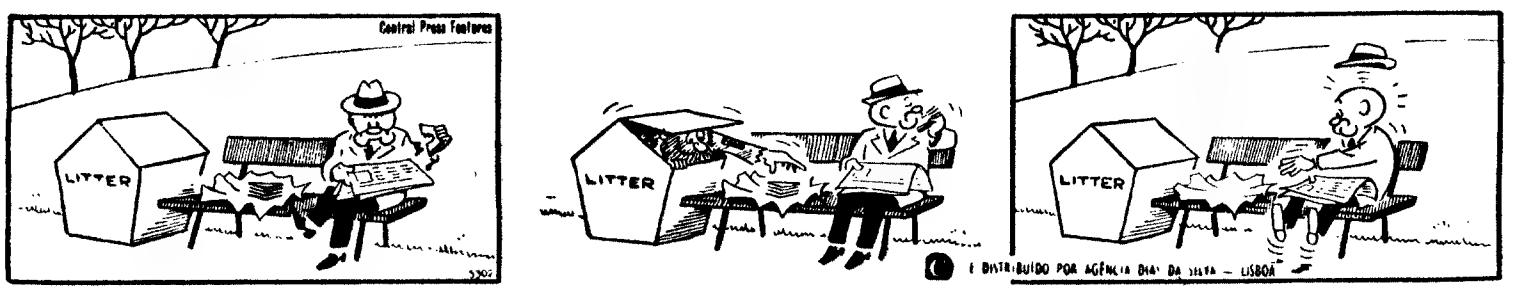
2.970$00

NOGUEIRA INFORMÁTICA
ELECTROLÓGICA E MECANOGRAFIA APLICADA S. A. R. L.
Av. da República, 41, 3º - Telef. 77 91 51/5 - LISBOA 1
. PORTUGAL

OS PEANUTS

CAROL DAY

AVENTURAS DO TIO CARLOS



HÁ 30 ANOS

O «Diário de Lisboa» de 25 de Março de 1941 publicava:

«**Tenho um amigo — um amigo estrangeiro e neste momento muito longe de Portugal — que, sempre inquieto, me dizia a cada passo: «não o surpreenda a minha constante agitação; ando á procura de almas, e não as encontro». Era a transposição, para não dizer a imitação, da frase e da atitude de Diógenes, pois homens, verdadeiros homens sem alma, não sei que de facto existam. Mas, seja como for, o meu amigo preferia a sua fórmula. E, na vida e na literatura, na arte e na convivência quotidiana, o que buscava e apreciava numa só palavra se continha: — alma E por essa palavra entendia aquele anseio de beleza, aquela vibração de sentimentos, aquela sublimidade de intuitos aquela sinceridade de expressão que dignificam e elevam a condição humana. Onde as não visse ou adivinhasse, considera- estar apenas, perante a sombra dalgum fantasma inconsistente. E seguia desconsolado...**» — João de Barros.

CAMISAS POR MEDIDA
HIRONDELLE
R. Pedro Nunes, 39
(ao Saldanha)

Palavras cruzadas

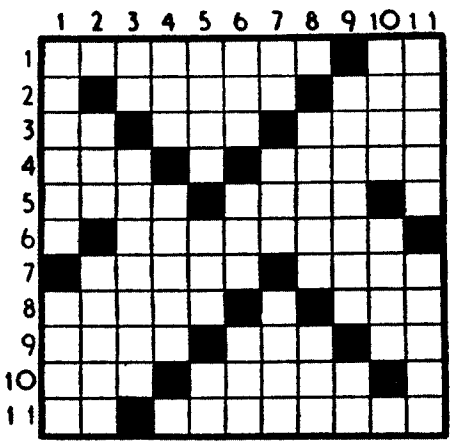
(COM PROVÉRBIO)

PROBLEMA N.º 5843

HORIZONTAIS: 1—Anunciar. Barro (s. q). 2— Divisões de uma casa. Astrónomo português que montou o Observatório Astronómico de Lisboa. 3 — Alternativa. Espádua. Numeral. 4 — Senhora. Assassinar. 5 — Macaco americano. Permaneça. 6 — Espécie de cação de Santa Catarina (Bras). 7 — Afia. Prendes. 8 — Árvore medicinal do Alto Amazonas (Bras.). Lavra. 9 — Faina. Possui. Alternativa. 10 — Passada. Esfolai. 11 — Cânhamo de Manila. Criticava (fig)

VERTICAIS: 1 — Sequências. O mesmo que alfme. 2 — Boi selvagem. Estéril. 3 — Artigo definido. Atada com atacador. 4 — Poder. Vexa. 5— Espécie de capacete com viseira e crista. Prefixo que designa três. Pata. 6 — Tanto. Cidade do estado de S. Paulo. Forma do verbo ter. 7 — Pertences. Ilha inglesa no mar da Irlanda. Lã cardada. 8 — Espécie de andorinha (Inv). Oceano. 9 — Numeral ordinal. Idem. 10 — Pessoa estupida. Ilha do Pequeno Belt. 11 — Fruto do amoreira. Cumprimento.

Resolveu completamente este problema? Procure agora, em segundo passatempo, o provérbio nele inscrito.



SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 5842

HORIZONTAIS: 1 — Croas. Parra. 2 — Representar. 3 — Siar. Laos. 4 — ANO. 5 — Er. Só. Se. Al. 6 — NOVO. Lupa. 7 — Lamparina. 8 — Leitosa. 9 — Im. Maria. Oó. 10 — Dam. Rea. MCV. 11 — Alisa. Seroa.

VERTICAIS: 1 — Cr. Ien. VIDA. 2 — Res. Rol. Mal. 3 — Ápio. Val. Mi. 4 — Ara. Somem. 5 — Serão. Piara. 6 — Carre. 7 — Pêlos. Roias. 8 — Ana. Elisa. 9 — Itos. Una. Mr. 10 — Ras. Apa. Oco. 11 — Ar. Ela. NOVA.

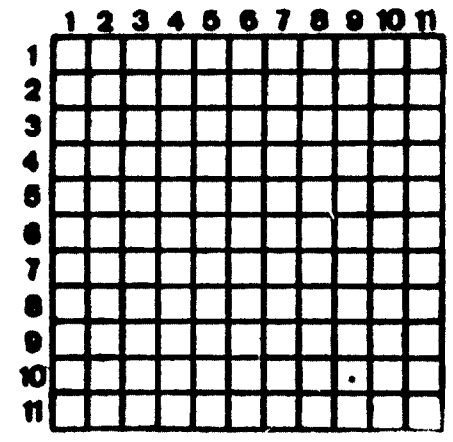
Provérbio: ANO NOVO, VIDA NOVA.

(NOVA MODALIDADE)

PROBLEMA N.º 9686

HORIZONTAIS: 1 — Ensinareis. 2 — Sentimentais. 3 — Prefixo de negação. Pronome pessoal. Ouro (s. q.). Abreviatura de mister (senhor) em inglês. 4 — Freguesia do concelho de Oliveira do Bairro. Prevejo. Regressar. 5 — Explicação. Numeral cardinal. 6 — Levantado. 7 — Amamente. Prendei com elos. 8 — Rente. Emprega. Prefixo que designa ar. 9 — Pronome pessoal. Prefixo de privação. Troça. Antiga unidade monetária da Alemanha. 10 — Disparado. 11 — Desalentamos.

VERTICAIS: 1 — Célebre poeta e musico grego que segundo a lenda foi salvo da morte por golfinhos encantados ao som da sua lira. Luto (fig.). 2 — Voz do gato. Culpado. 3 — Artigo definido (ant.). Prendeis. Antes do meio dia. 4 — Consentimento. Ice. Sufixo que designa pequenez. 5 — Numeral. Ligar. 6 — Escarnece. Prato de culinária feito com hortaliças picadas ou moídos, também chamado esparregado. Ilha francesa do oceano Atlântico. 7 — Pedra-ume (Des.). Rosto (Inv.º). 8 — Título honorífico na Índia. Composição poética. Passai. 9 — Pertences. O mesmo que guitarra (peixe). Ribeiro da Ásia Russa. 10 — Mitologia. Prefixo que designa ar. 11 — Saburra na língua. Manas.

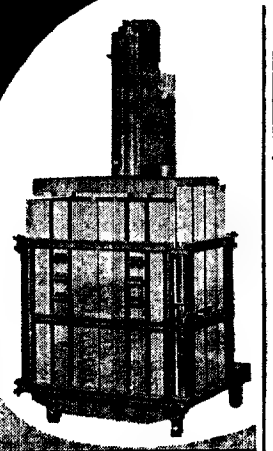


SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 9685

HORIZONTAIS: 1 — Eupen. Sabão. 2 — Sara. Afaga. 3 — Lãs. Mil. 4 — Amas. Meti. 5 — Rir. Ovo. Sós. 6 — Acolá. 7 — Calça. Elana. 8 — Avia. Açor. 9 — Lar. Aas. Use. 10 — Ias. Sud. 11 — Aromo. Siara.

VERTICAIS: 1—Estar. Calca. 2—Ua. Minava. 3 Pilar. Lírio. 4—Eras. Aca. Am. 5—Nas. Oca. Aso. 6 — Avô. Na. 7 — Som. Olé, SSS. 8 — Afim. Ala. Ui. 9 — Bales. Acuda. 10 — Ag. Touros. 11 — Oásis. Areia.

ARROZ
agulha
«MOÇAMBIQUE»
ARROZ
«TREVO»
Especiarias
«TREVO»
3 produtos procurados de alto renome
Distribuidores:
A. D. Oliveira Magalhães
EXPORT — PORTO

ACL
PRENSA DE ENFARDAR

ALFREDO CARDOSO & Cª L.da

COMPANHIA DE NAVEGAÇÃO
CARREGADORES AÇOREANOS
N/M «COURLAND»
Sai de Lisboa no dia 31 de Março
para
LONDRES
Aceitam-se cargas.
Contacte com os nossos serviços na
Avenida D. Carlos I, 42-4.º
Tel. 690151 LISBOA - 2

SALESMAN
Englands leading Chamois leather dressers require a first class agent for the area of Portugal, to sell our range of chamois products, to wholesalers, motorfactors and large chain stores, of which is wrapped in some excellent point of sale material. For applications for the position, which will be in strictest confidence write to G. P. Products, Ross Works, John Street, Glascote, Tamworth, Staffs, England.

O «Diário de Lisboa» vende-se no Porto
O «Diário de Lisboa» encontra-se à venda nas tabacarias de Leça, Matosinhos, Foz, Avenida da Boavista, Carvalhosa, Carvalhido, Rotunda da Boavista, Praça Marquês de Pombal, Rua de Costa Cabral, Constituição, Praça da Republica, Bonfim e Antas, a partir das 19 e 30, e na Tabacaria do Bar-Restaurante do Aeroporto em Pedras Rubras, a partir das 20 horas.

Actualidade internacional

Moscovo ultima os preparativos do XXIV Congresso do P. C.

MOSCOVO — A preparação do XXIV congresso do Partido Comunista soviético, que deve ter início em 30 de Março, em Moscovo, aproxima-se do seu termo Enquanto o sr. Brejnev, no Kremlin, preside a cada um dos grupos de trabalho que participam na elaboração do seu relatório, na província, a maioria das comissões regionais já realizou a sua reunião e nomeou os seus delegados. Nas Repúblicas Federadas, cada partido realizou já o seu próprio congresso.

As informações de que se dispõe sobre estas diferentes assembleias confirmam a impressão de estabilidade causada pelas primeiras reuniões. Todavia, há alguns fenómenos novos. Todos os primeiros secretários das cento e dezoito organizações regionais do partido, que já efectuaram a sua reunião, foram, por exemplo, reeleitos. É certo que alguns deles desempenhavam os seus cargos há pouco tempo. Em Voronej, por exemplo, o primeiro secretário foi demitido em 9 de Fevereiro, três semanas antes da conferência regional. Da mesma maneira, a organização de Sverdlovsk, que mudou de primeiro secretário em 6 de Janeiro, apenas deve realizar a sua conferência nos próximos dias. As questões pessoais, onde quer que existam, parecem ter sido resolvidas por comissões restritas, e as verdadeiras assembleias de base não tiveram de se ocupar desse assunto.

Já o mesmo não acontece no que diz respeito ás organizações de nível mais elevado. Também aí as substituições de dirigentes continuam a ser excepcionais, verificando-se, todavia algumas. A mais notável, unica no seu género até agora, é a substituição do primeiro secretário da comissão do partido para a cidade de Leninegrado, que se verificou durante a conferência do partido, em 12 de Fevereiro. O político em questão, G. Popov, tinha apresentado o relatório de actividade e, contudo, no fim da reunião, B. I. Aristov foi eleito em seu lugar. De acordo com a imprensa, a gestão do sr. Popov — que teve de fazer mais ou menos a sua autocrítica — foi sobretudo atacada sob o aspecto económico; «contrôle» insuficiente do partido sobre as planificações nas empresas, ritmo de trabalho irregular, atraso na produção, etc... As informações de que se dispõe não permitem dizer se foram apresentados argumentos de carácter mais político. Lembremos, apenas, que o colega do sr. Popov na comissão do partido para a região de Leninegrado, sr. Tolstikov, renunciou também ás suas funções há alguns meses, a fim de se tornar embaixador da U. R. S. S. em Pequim.

CONFIRMADOS NAS SUAS FUNÇÕES

Nas Repúblicas federadas as alterações são raras, pelo menos quanto aos mais altos dirigentes do partido. Todos os primeiros secretários foram, até agora, confirmados nas suas funções. Apenas dois segundos secretários foram substituídos (nas Repúblicas da Geórgia e da Quirguízia). Aqui e ali, por outro lado (Cazaquistão, Bielo-Russia, Estónia, Moldávia) novos personagens fazem a sua entrada nos secretariados ou nos escritórios das comissões centrais, quer estes organismos aumentem os efectivos, quer se trate de preencher as vagas deixadas por outras nomeações. O numero de pessoas a que este movimento diz respeito continua, porém, a ser mínimo.

Em contrapartida, a renovação é importante nas comissões centrais. Dos cento e trinta e cinco membros da comissão central da Bielo-Rússia, por exemplo, apenas sessenta e dois faziam já parte deste organismo em 1968. A proporção anda, em geral, á volta dos 50% nas outras Republicas, com a possível excepção do Tajiquistão onde apenas se contam cinquenta e um «novos» em cento e trinta e cinco eleitos. Algumas destas substituição são motivadas, evidentemente, por falecimentos, doenças, mudanças de domicilio ou de posto, etc. Todavia, uma nova promoção faz também a sua aparição nas assembleias do partido, pois as vagas mais ou menos acidentais não podem por si só explicar um fenómeno aparentemente muito generalizado: setenta e cinco novos (ainda relativamente ás listas de 1968) em cento e cinquenta e um membros da comissão central do Cazaquistão, 50 em 117 na Estónia, 43 em 111 na Moldávia, etc. (1).

Do mesmo modo, verifica-se que os delegados ao vigésimo quarto congresso do Partido Comunista da União Soviética não são em geral os mesmos que tinham assistido, em 1966, ao vigésimo-terceiro congresso. Apenas há quatro excepções a esta regra na Estónia (em vinte e sete delegados), nove na Arménia (em quarenta e cinco), seis no Turcomenistão (em vinte e cinco), etc. É certo que do vigésimo segundo ao vigésimoterceiro congressos as alterações eram proporcionalmente da mesma ordem, mas acontecimentos políticos extremamente importantes, particularmente a queda de Kruchtchev em Outubro de 1964, tinham-se verificado entre estas duas sessões.

Seja como for, e sem tirar por agora conclusões políticas, limitar-nos-emos a constatar que, se os órgãos mais elevados dos partidos das Republicas — escritórios e secretariados — permanecem mais ou menos sem alteração, novos homens surgem em numero considerável ao nível imediatamente inferior. Simultaneamente, aliás, verificam-se substanciais alterações do pessoal á cabeça dos departamentos administrativos de várias comissões centrais, quer se trate dos serviços puramente políticos, quer das responsabilidades económicas.

Seria arriscado interpretar estas alterações, na medida em que os discursos pronunciados nos congressos dos partidos das Republicas federadas ou

(Continua na 18.ª página)

Por ALAIN JACOB

(Exclusivo «The Washington Post»-«D. L.»)

EXITO 4

Um original e quantas cópias?

É a pergunta habitual da eficiente dactilógrafa,
para quem as cópias são, muitas vezes, um problema.
Por isso as profissionais competentes usam papeis químicos
da KORES, de um negro uniforme e estável.
KORES, uma experiência internacional que garante maiores índices
de economia e durabilidade na escolha do tipo adequado
de papel químico.

kores

o tom da eficiência

KORES PORTUGUESA, LDA.

AVENIDA INFANTE D. HENRIQUE, 354 — LISBOA-6 — TELEFONES-31 31 15/6

Também em Cassetes e Cartridges

A «SUA» MÚSICA E OS «SEUS» ARTISTAS:

LED ZEPELLIN ☆ HERB ALBERT ☆ SERGIO MENDES ☆ JOE COCKER ☆ RAY COWNIFF ☆ MILES DAVIS ☆ SANTANA ☆ GIGLIOLA CINQUETTI ☆ DONOVAN e tantos outros

EM GRAVAÇÕES QUE GARANTEM A MAIS FIEL REPRODUÇÃO

ATLANTIC * A C M * C. B. S.
C G D * LIBERTY

REPRESENTANTES EXCLUSIVOS:
RÁDIO TRIUNFO, LDA.

Confusão em Freetown onde os soldados disparam uns contra os outros

FREETOWN (Serra Leoa), 25—(R.)—Tiroteio nas ruas desta cidade entre grupos rivais de soldados levou o primeiro-ministro Siáka Stevens a fazer novo apelo á calma.

Stevens parece continuar no Poder após a malograda tentativa de golpe militar que foi acompanhada por um atentado contra a sua vida.

A agitação em Freetown causou até agora pelo menos cinco mortos. Dois soldados que participaram no ataque á residência do primeiro-ministro foram abatidos pelos guardas, na terça-feira e, ontem, mais dois soldados e um civil perderam a vida.

Após 24 horas de incerteza e confusão, Siáka Stevens, falou ontem pela Rádio, para anunciar que se encontrava vivo e controlava a situação com o apoio do Exército que, aparentemente, não acompanhou o seu comandante, brigadeiro John Bangurah, que anteriormente também anunciara dominar a situação

Parece reinar, no entanto, uma certa confusão entre os soldados que, por vezes, disparam uns contra os outros. Assim, um soldado, que tinha ferido a tiro um vendedor de jornais, foi, por seu turno,, abatido imediatamente por outro soldado e, segundo fontes bem informadas esse não teria sido um caso isolado, havendo ainda um missionário irlandês ferido a tiro.

Stevens revelou que um grupo de soldados atacara na terça-feira de manhã a sua residência e metralhou o seu quarto más fora repelido pelos guardas.

Mais tarde, outro grupo de soldados atacou igualmente o seu gabinete, onde estava reunido com os ministros. Ninguém foi atingido.

Entretanto, continua a desconhecer-se o paradeiro exacto do comandante do Exército, que, segundo algumas fontes teria sido preso e levado por soldados armados, com destino desconhecido.

AQUECIMENTO DE UMA CIDADE COM ÁGUAS TERMAIS

ANCARA, 25 — (R.) — O Instituto de Investigação e Exploração Mineral de Ancara está a trabalhar num projecto para o aquecimento da cidade de Afyon, na Anatólia Ocidental, empregando as fontes termais existentes nas proximidades

O instituto já procedeu á abertura de uma série de poços onde a água se encontra quase á temperatura da ebulição. Com a energia proveniente do vapor de água, pensa-se pôr em funcionamento uma central eléctrica.

Se o projecto for avante será possível cultivar fruta e hortaliça em Afyon durante os meses de Inverno.

O MARECHAL TITO CHEGOU A ITÁLIA

ROMA, 25 — (R.) — O presidente Josip Broz Tito, da Jugoslávia, chegou hoje a Roma, a fim de realizar a primeira visita oficial a Itália desde a segunda guerra mundial.

O marechal foi recebido no aeroporto por uma salva de 21 tiros de canhão. O presidente Giuseppe Saragat esperava-o ao princípio da escada, acompanhado pelo primeiro-ministro Emilio Colombo, e pelo ministro dos Negócios Estrangeiros Aldo Moro.

Tito viaja acompanhado pela esposa.

A ESPANHA REJEITA ACUSAÇÕES ISRAELITAS

NAÇOES UNIDAS (Nova York), 25 — (R.) — A Espanha rejeitou a noite passada alegações de Israel de que a sua política é tendenciosamente pró-árabe e denunciou mais uma vez a ocupação militar israelita de Jerusalém.

Numa carta ao secretário-geral U. Thant, o embaixador da Espanha, Jaime de Pinies, exprimiu surpresa por Israel considerar «qualquer política que não está de acordo com as suas próprias opiniões como tendenciosa».

De Pinies respondia a uma carta do embaixador israelita Yosef Tekoah, que acusara no princípio desta semana a Espanha de, ter adoptado durante mais de 20 anos, «uma política tendenciosa pró-árabe» no Médio Oriente.

As acusações de Tekoah foram feitas em resposta a uma carta anterior do embaixador espanhol a U Thant, manifestando «a preocupação e o desgosto» do generalíssimo Franco com os recentes acontecimentos em Jerusalém.

Morte do «volante» Enzo Corti

BOLONHA, 25 — (F. P.) — O «volante» italiano Enzo Corti, de 26 anos, morreu ontem no Centro de Reanimação do Hospital Santa Ursula, de Bolonha, onde tinha sido internado depois do acidente de viação que sofreu em 11 do corrente, na autoestrada do Sol.

Enzo Corti era considerado como um dos melhores corredores italianos. Tinha-se distinguido, recentemente, em Bogotá, no Grande Prémio Presidente da República, em fórmula 2, ganho por Siffert.

21 Ensaios sobre Eugénio de Andrade

SEGUIDOS DE ANTOLOGIA

Os 21 escritores e críticos literários portugueses que colaboraram nesta obra compõem uma completa visão calidoscópica de Eugénio de Andrade, que é, no dizer de Jorge de Sena, «incontestàvelmente, pela força lírica, pela ciência e a originalidade da forma, por uma sensualidade muito pura e franca, um dos mais notáveis poetas contemporâneos».

Textos de: Alexandre Pinheiro Torres ☐ António Ramos Rosa Eduardo Lourenço ☐ Eduardo Prado Coelho ☐ Fernando Guimarães Fernando Mendonça ☐ Gastão Cruz ☐ João Gaspar Simões João Rui de Sousa ☐ Joel Serrão ☐ Jorge de Sena José Bento ☐ José Fernandes Fafe ☐ José Pacheco Pereira Luís de Miranda Rocha ☐ Mário Sacramento ☐ Nuno de Sampayo Nuno Teixeira Neves ☐ Óscar Lopes ☐ Vergílio Ferreira Vitorino Nemésio. Apresentação de Manuel Alberto Valente

Colecção CIVILIZAÇÃO PORTUGUESA
532 páginas / 100$00

Daqui Houve Nome Portugal

Antologia de verso e prosa sobre o Porto
Organizada e prefaciada por Eugénio de Andrade
Selecção artística e direcção gráfica de Armando Alves

«...não havia nem há (entre nós, no género) obra que se compare a esta, quer na variedade e categoria dos seus colaboradores, quer na opulência gráfica com que foi realizado o trabalho monumental. (...) impressionante volume que, na tiragem especial, tem qualquer coisa de litúrgico». João Gaspar Simões

Colecção DAQUI HOUVE NOME PORTUGAL
Tiragem especial, numerada e assinada por Eugénio de Andrade 400 páginas / ilustrado, 1 000$00.
Tiragem vulgar / 2.ª edição / 280 páginas, ilustrado / 135$00.

Os Afluentes do Silêncio

Eugénio de Andrade
Com desenhos de: Federico García Lorca, Manuel Ribeiro de Pavia, Ângelo de Sousa, Armando Alves, José Rodrigues, Manuel Pinto, Júlio Resende, Manuel Cargaleiro.
2.ª edição

«Sem estes Afluentes do Silêncio algo de essencial faltaria no rio límpido da poesia de Eugénio de Andrade. Textos sobre pintores, escritores, paisagens, escritos por um poeta que o é também em prosa. Na verdade, todo este livro fala essencialmente de poesia. De poesia e de como ela nasce nas suas raízes no corpo, num encontro entre almas, e na terra». Óscar Lopes

Colecção O ESPÍRITO DO LUGAR
182 páginas / 60$00

Eros de Passagem

Poemas de Eugénio de Andrade
Com desenhos de José Rodrigues

«Eugénio de Andrade, poeta do corpo no seu esplendor revelado, na sua inocência e alegria, evidencia, como nenhum outro poeta português, essa restituição dos «dados iniciais» em que o desejo se liberta e irradia no espaço». António Ramos Rosa

Tiragem numerada e assinada por Eugénio de Andrade e José Rodrigues / 120$00

Trinta e Seis Poemas e Uma Aleluia Erótica

Federico García Lorca
Com uma ode de Pablo Neruda
Tradução de Eugénio de Andrade
2.ª Edição

«Tradução e criação, neste caso, são uma e a mesma coisa: dois-poetas-num-só que connosco estabelecem a comunicação». Diário de Lisboa

Colecção AS MÃOS E OS FRUTOS
180 páginas / ilustrado / 65$00

Cartas Portuguesas

ATRIBUIDAS A MARIANA ALCOFORADO

Tradução de Eugénio de Andrade
Com desenhos de José Rodrigues
Direcção gráfica de Armando Alves

«A reabilitação da tradução: assim se pode falar da admirável versão que Eugénio de Andrade, com amor e escrúpulo, fez das belíssimas cartas atribuídas a Soror Mariana Alcoforado. Aliás, o livro que a Inova lançou no mercado é todo ele um objecto estético, com reproduções de desenhos de José Rodrigues, que são, pelo clima de mistério plástico, de requintada invenção sensual, qualquer coisa de novo e de exemplar na edição em Portugal, ao nível da arte». Urbano Tavares Rodrigues

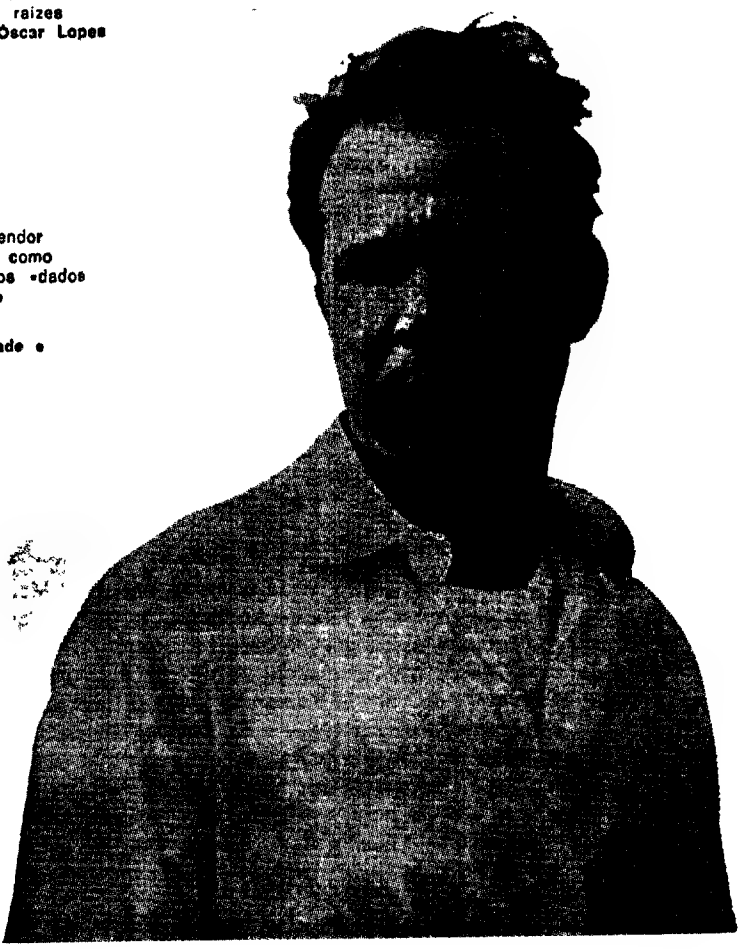
Colecção ARTE DE AMAR
Tiragem especial, numerada e assinada por Eugénio de Andrade / 350$00 ☐ Tiragem vulgar / 135$00

Poemas 1945-1965

Eugénio de Andrade
2.ª edição

«Pela coincidência de uma imensa alegria de viver que os desgostos e as crises apenas temperaram e reduziram à essência, meditar sobre esta poesia equivaleu em mim sempre, afinal, a meditar sobre o que mais importa, e de voz quase sempre embargada». Óscar Lopes

Uma edição da Portugália / 250 páginas / 65$00



Actualidade internacional

A rejeição do SST pelo Senado representa uma derrota

—afirmou o presidente Nixon

WASHINGTON, 25 — (F. P.) — O presidente Nixon qualificou, ontem á noite, de «aflitiva e decepcionante» a decisão do Senado que recusa os créditos para prosseguimento dos trabalhos de construção do avião supersónico de tra SST.

O chefe executivo pensa que aquela de representa uma derrota». Mas, disse, «continuaremos a ra. os tradicionalmente, a América mantém o primeiro lugar».

O director do programa de construção do avião supersónico William Magruder, esclareceu que, depois do voto desfavorável do Senado tinha contactado com um grupo de bancos privados. Apesar de ter obtido uma resposta negativa da alta finança, só hoje aquele director saberá se é definitiva a recusa dos bancos da Wall Street e da costa ocidental dos Estados Unidos e contactou sobre o assunto.

William Magruder só poderá dispor durante os próximos seis dias dos créditos previstos pelo Governo. «Será muito difícil, disse, continuar com o programa». «Assim, cedemos o mercado dos SST á França, á Grã-Bretanha e á U. R. S. S., prosseguiu Magruder.»

A partir de 30 deste mês, 14 000 operários ficarão sem trabalho, esclareceu o director do programa, que até agora já custou cem milhões de dólares (cerca de 2850 milhões de contos), sendo necessários ainda 344 milhões (cerca de 9804 milhões de contos).

J.-J. S.-S.: O CONCORDE ESTÁ CONDENADO

ESTOCOLMO, 25 — (F. P.) — O avião Concorde está condenado, declarou ontem á noite á Agência France Press, Jean-Jacques Servan-Schreiber, deputado por Nancy e presidente do Partido Radical Socialista, ao saber o resultado da votação do Senado americano que recusou os créditos para a construção do SST, o avião supersónico americano.

«A votação final em Washington contra o SST é um acontecimento considerável. É a primeira vitória multi-nacional da razão democrática contra a embriaguês dos burocratas e o desenvolvimento dos interesses. Foi o gesto de interrupção necessário. O SST deixou de existir e o Concorde está ameaçado» declarou Jean-Jacques Servan-Schreiber.

«SIR» LAURENCE OLIVIER NA CÂMARA DOS LORDES

LONDRES, 25 — (F. P.) — Lorde Olivier of Brighton tomou lugar ontem, com grande pompa, entre os pares na Camara dos Lordes. O novo par do reino é «sir» Laurence Olivier a quem o grande publico britanico trata por «Sir Larry».

A sua candidatura foi apoiada pelo conselho das artes. Lorde Goodman e lorde Nugent fizeram a apresentação do novo lorde á Camara, assistindo á cerimónia numerosos amigos e inumeros admiradores do célebre homem de teatro, entre os quais, sentado nos degraus do trono, o ex-primeiro-ministro Harold Wilson.

LOUIS ARMSTRONG: TRAQUEOTOMIA

NOVA YORK, 25 — (F. P.) — Em consequência de uma infecção pulmonar, o grande trompetista de «jazz», Louis Armstrong, foi submetido ontem a uma traqueotomia, no Hospital Beth Israel, de Nova York, onde estava a recompor-se de uma crise cardíaca.

Um informador do hospital esclareceu depois da operação que «Satchmo» tinha suportado bem a intervenção e que o estado do coração continuava estacionário. O artista foi internado em 15 deste mês no hospital.

RETIRADA TOTAL SUL-VIETNAMITA DO TERRITÓRIO LAOCIANO

SAIGÃO, 25 — (R.) — Um informador do Vietnam do Sul anunciou hoje em Saigão que já tinham retirado do Laos todos os soldados sul-vietnamitas.

Falando aos correspondentes, o informador declraou: «Presentemente, já não temos soldados no Laos.»

O informador acrescentou que, durante os combates no Laos, Camboja e Vietnam do Sul, as tropas sul-vietnamitas sofreram 630 mortos, 1760 feridos e 76 desaparecidos.

Por sua vez, o comando americano revelou que, no mesmo período, morreram em combate 55 americanos e ficaram feridos 335.

As baixas comunistas foram 5750 mortos, o numero mais elevado desde a segunda semana de Maio de 1970.

O informador declarou que os ultimos soldados que tinham ainda ficado no Laos sairam ontem á tarde mas a operação, designada por «Lam Son 719», ainda não tinha terminado. Contudo, o informador não especificou se esta operação continuava no interior do Vietnam do Sul.

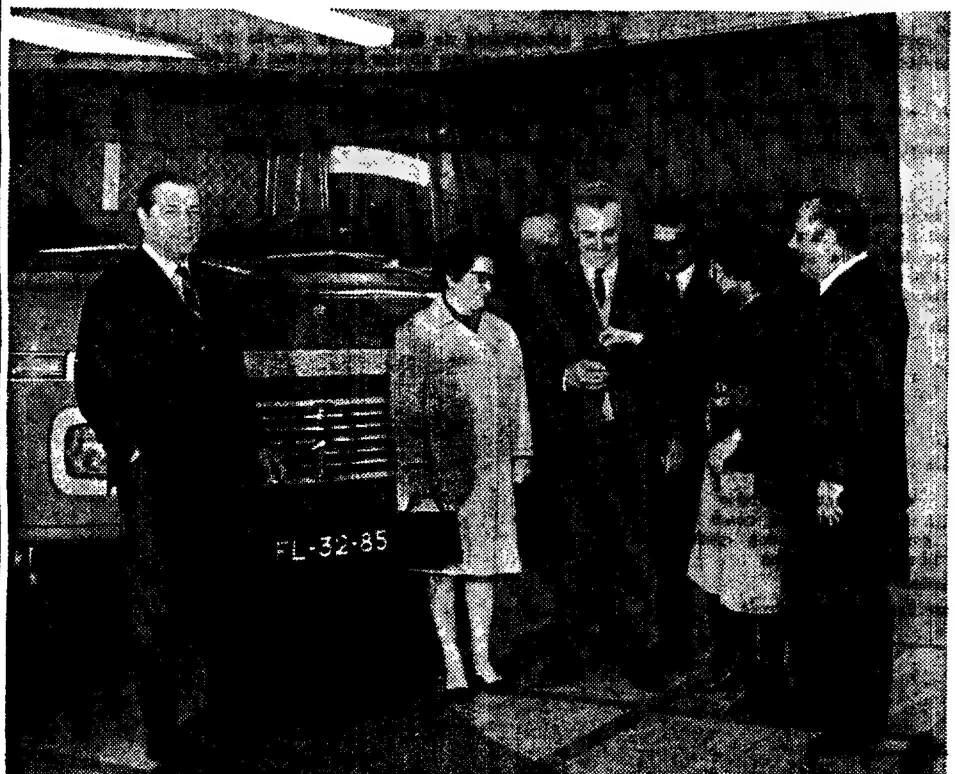
BLINDADOS AO ATAQUE

SAIGÃO, 25 — (F. P.) — Colunas de carros norte-vietnamitas, vindos de várias direcções pela «Pista Ho Chi Minh», chegaram ao Laos, atingindo a fronteira com o Vietnam do Sul. Entretanto, as forças da F. N. L., em plena contra-ofensiva em toda a frente norte, atacam as posições americanas e sul-vietnamitas de Hhe Sanh a Quang Tri, indicam hoje de manhã os informadores militares.

Os helicópteros de combate «Cobra» e os caças-bombardeiros da Força Aérea dos Estados Unidos intervieram ontem contra os carros, informou o comando americano.

A chegada dos carros de assalto, logo atrás dos sul-vietnamitas que retiraram do Laos prova que a «Pista Ho Chi Minh» está, de novo, inteiramente debaixo do «contrôle» dos norte-vietnamitas, segundo os observadores. A incursão sul-vietnamita não parece, por conseguinte, ter chegado ao resultado previsto.

SORTEIO Mercedes-Benz L406 D



No passado dia 18, pelas quatro horas da tarde, no Stand Mercedes-Benz de veículos comerciais na Rua de Artilharia Um, 101, procedeu-se à cerimónia final do sorteio Mercedes-Benz L 406 D.
Cerimónia significativa mas revestida de simplicidade que consistiu na entrega das chaves do veículo Comercial L 406 D (matrícula FL-32-85) ao feliz contemplado no sorteio — o Sr. Manuel Gonçalves Pinheiro de S. João da Madeira que acompanhado de sua mulher e dos agentes Mercedes-Benz naquela localidade, se deslocou expressamente a Lisboa para o efeito. O simpático casal, depois de vivamente felicitado pelas entidades de C. Santos S.A.R.L., presentes, regressou a S. João da Madeira no próprio veículo premiado.

C. SANTOS S.A.R.L. Rua Artilharia Um, 101, A e B — LISBOA

O CONGRESSO DO PC SOVIÉTICO

(Continuação da 16.ª página)

nas reuniões das organizações regionais ou citadinas apenas dão uma ideia muito pálida dos debates. Trata-se, acima de tudo, da economia. Em geral, os responsáveis congratulam-se pelos progressos realizados no decurso do ultimo periodo quinquenal, para logo a seguir se chamar a atenção para as «insuficiências», os «defeitos» que é necessário corrigir. desperdícios dos recursos mão-de-obra, produtividade do trabalho demasiadamente fraca, má qualidade de certos produtos e atraso na construção. Os ministros das industrias ligeiras e alimentares são os mais frequentemente criticados. Aqui e ali, denunciam-se truques demasiadamente hábeis: na região de Leninegrado, o camarada Dmitriev, por exemplo, director de uma fábrica de loiça, cumpre o seu plano «em valor» produzindo apenas os artigos mais caros, ao mesmo tempo que diminui a produção em quantidade, acabando por se fazer sentir a falta de copos e de pratos. A agricultura é, igualmente, um assunto acerca do qual há muito a dizer: utilização irracional das terras, mecanização demasiadamente lenta na aplicação, baixa dos efectivos do gado.

CONTRA O CEPTICISMO

O partido confessa-se responsável por tudo isto. Critica os seus próprios quadros, que não exercem um «contrôle» suficientemente atento sobre a producão ou não conseguem influenciar as direcções de empresas dos kolkhozes ou dos sovkhozes. Os oradores lamentam, frequentemente, a ausência de entusiasmo, a passividade de certos dirigentes, uma tendência quase geral para multiplicar as decisões e as resoluções sem controlar a sua aplicação. Nas regiões mais periféricas do país (Moldávia, Cazaquistão, por exemplo), insiste-se na necessidade de uma melhor educação «patriótica». Na Bielo-Rússia, um orador censura a rádio e a televisão por «não fazerem sempre uma propaganda suficientemente clara, bastante convincente, sobre as vantagens do sistema socialista, sobre o modo de vida soviético».

Por vezes, os problemas de carácter ideológico surgem de maneira mais evidente: no Turcomenistão, onde alguns deploram as sobrevivências do passado, na Estónia, onde se chama a atenção para a necessidade de uma propaganda anti-religiosa mais intensa, na Letónia, onde se convida á luta contra «o fenómeno do cepticismo». Os jovens levantam quase sempre um problema para o qual se chama a atenção do congresso. Na Geórgia, por exemplo, onde o «formalismo» de certas organizações do partido explica, talvez, uma influência insuficiente sobre as novas gerações.

Nada disto é novidade, e este género de críticas já alimentou numerosos editoriais nos órgãos do partido e algumas resoluções da comissão central do Partido Comunista soviético. Em parte alguma, pelo menos a avaliar pelos relatórios publicados, se realiza um debate sobre os meios de remediar as insuficiências verificadas. O que interessa é, unicamente, reforçar a «disciplina do Estado» ou melhorar o «sentido das responsabilidades» dos quadros. Na melhor das hipóteses, fala-se, por vezes, de «experiências interessantes» em circunscrições onde os membros do partido foram convidados, por exemplo, a prestarem contas, individual e periódicamente, das suas actividades. Muitas vezes, os convites á luta ideológica revestem-se de um carácter defensivo: contra a propaganda burguesa, contra as tentativas adversas de diversão, contra a nostalgia do passado. Perante estas ameaças, pede-se aos comunistas soviéticos que «respondam melhor ás exigências do tempo». Esta fórmula um pouco vaga figura em quase todos os discursos; ela permite sobretudo evitar, na maioria dos casos, um verdadeiro debate sobre o âmago da questão.

(1) A título comparativo, convém acentuar que dos cento e noventa e cinco membros da comissão central do partido comunista da União Soviética eleitos no fim do vigésimo terceiro congresso em 1966, cento e trinta e nove eram já membros deste organismo em 1961, após o vigésimo segundo congresso.

Conta Juventude
BANCO DO ALENTEJO

ASSIM VAI O TOTOBOLA...

Prognósticos dos Órgãos de Informação para o Concurso n.º 29-10.ª Época

Açores—11x 1x1 xxx x11x; Beira Baixa — 112 111 2x1 111x; Brados do Alentejo — 11x 112 211 x211; Cavalgada do Ritmo — 11x 111 211 2111; Comércio de Portimão— 11x 111 2x1 1111; Correio dos Açores — 112 111 211 1111; Correio de Coimbra—112 111 2x2 x111; Correio da Horta — 112 111 21x 1x11; A Defesa — 112 111 2x1 x11x; O Distrito de Setubal — 112 111 212 212x; Ecos de Cacia — 112 111 2x1 1111; Ecos do Desporto—112 111 22x x111; Estrela da Manhã — 112 111 211 x111; Eu Sei Tudo — 112 x21 2x2 11x1; Gazeta do Sul — x12 x1x 22x 12x2; A Ilha — 111 xx1 xxx x11x; Imagens Piedenses — 111 111 2x1 1112; Jornal das Aves — 1x2 1x2 2xx 1111; Jornal do Barreiro — 111 111 2x2 11xx; Jornal de Felgueiras — 111 111 12x 1111; Jornal do Fundão — 21x 111 xx1 11x1; Jornal da Lixa — 112 111 212 111x; Jornal de Santo Tirso — 112 111 x22 x111; Jornal de Sintra—112 113 211 111x; Jornal de Viseu — 112 111 2x1 1x12; Linhas de Elvas — 212 111 21x 1111; Maria da Fonte — 112 111 22x x11x; Notícias de Felgueiras — 11x 111 2xx x111; Povo Algarvio — 112 111 2x2 1111; A Rabeca — 112 111 2xx 1x11.

Badaladas — 1x1 1xx 221 111x; Cardeal Saraiva — 112 1x1 22x 111x; O Comércio do Porto — 112 111 212 x111; O Concelho de Estarreja — 112 111 222 1111; Correio do Vouga — 112 111 212 x111; De Tudo Um Pouco — 111 111 2x1 1112; As 10 Espere Por Nós — xx2 x2x 2x2 x111; Diário do Alentejo — 112 1x1 x11 1112; Diário de Coimbra — 111 111 2x2 1111; Diário do Minho — 11x 111 222 x112; O Distrito de Portalegre — 11x 111 2x1 xx12; Folha do Domingo — 112 111 2x2 1111; Dos Fracos Não Reza a História — 11x 21x x11 x1xx; Gazeta das Caldas — 11x 111 212 2x11; Jornal da Beira — 11x 111 2x1 1x11; Litoral — 112 111 221 111x; Mundo Desportivo — 112 111 2x2 x111; O Norte Desportivo — 112 111 xx1 111x; Notícias de Chaves — 11x 111 x12 1111; Notícias do Douro — 11x 111 221 1x11; Notícias de Évora — 11x 111 2x1 111x; Notícias de Guimarães — 1x2 111 2x1 111x; Novidades — 112 1x1 x11 x11x; A Ordem 112 121 212 11xx; Passatempo J. J. — 112 1x1 xx1 x1xx; Peça Que Não Maça — 112 1x1 2x2 1111; Programa Sem Nome — 111 111 221 2211; Rádio Clube do Norte — x1x 111 2x1 1112; Auto Rádio — 111 111 22x 1111; Campeão Português — 11x 111 x11 1111; Reconquista — 112 111 22x x111; Repórter do Dia — 11x 111 2xx 111x; Repórter do Dia (Angola) — 112 111 22x 1x1x; Republica — 11x 111 21x x112; Resenha Desportiva — 112 111 2x1 1x1x.

Boletim Desportivo — 112 xxx 221 x11x; Colina Sagrada — 112 1x1 2x1 x2x2; Comércio de Leixões — 112 111 2xx 1111; Momento do Totobola — x1x 111 211 11x1; Montra do Êxito — x12 111 x12 11x1; Musica e Desporto — 112 111 xx1 1111; Primeiro de Janeiro — 112 111 22x 111x; Diário do Porto — 112 1x1 2x1 1xx1; Programa da Manhã — 212 1x1 211 1xx1; Rádio Placard — x11 111 x22 1x1x; Estudio 64 — x11 111 212 11xx; Placard Desportivo — x1x 111 xxx 1112; Rádio Sports — xx2 xx1 2xx xxxx; Programa Só Rádio — 112 111 2xx 112x; Jornal Notícias — x12 1x1 21x 11x2; Mosaico — 112 111 221 x111; Penálti — 112 111 222 1111; A Lição do Menino Quim — 11x 1x1 1x2 11x1; Manchete Desportiva — 112 1x1 1x2 1111; Miscelânea Musical — 112 111 2xx 1112; Rádio Atitude — 11x 111 xxx 1111; Renovação — 112 111 2x2 1111; Revista de Som — 112 111 x11 x11x; O Sorriso da Hora do Almoço — 111 111 x1x 2111; O Telégrafo — 112 111 2x2 x111; O Templário — 11x 111 x12 1111; A Voz Desportiva — 112 111 212 1x11; A Voz do Domingo — 112 x11 2x2 x111; Voz de Lamego — 112 111 211 1111; A Voz de Palmela — 11x 111 211 1212; A Voz dos Ridículos — 112 111 2x2 1111; Voz do Casa Pia — 112 111 2xx 1111; Diário de Lisboa — 11x 1x1 xx2 x111; Bondiazinho — 112 x1x 212 1xx1; Brado Africano — 112 1x1 x1x 1x1x; Cidade 71 — 1x1 111 212 1111; Domingo Alegre — 11x 1x1 211 x111; Passatempo — 11x 111 21x 111x; Roteiro Sonoro — 112 x1x 22x 111x; Terceiro Programa — 112 1x1 x2x 1111; Vámos Jogar no Totobola — 11x 111 22x x111; O Apostolado — 112 xxx 22x 111x; O Comércio—112 111 2x2 x111; Diário — 11x 111 22x x11x; A Nossa Chave — x11 111 2x2 11x1; Notícias do Totobola — 11x 111 x12 1111; Canal 18 — 112 111 2x2 xx11; Estádio — x1x 111 2x1 x1x2; Ronda da Noite — 112 111 2xx x111.

	RESUMO 1	X	2	BOLAS (a) 1	X	2
1. Farense-Boavista	99	12	3	10	1	1
2. Sporting-Guimarães	108	6	—	11	1	1
2. Cuf-Porto	14	31	69	1	4	7
4. Académica-Belenenses	103	10	1	10	1	1
5. Varzim-Tirsense	89	22	3	9	2	1
6. Setubal-Barreirense	104	8	2	10	1	1
7. Leixões-Benfica	3	23	88	1	2	9
8. Sanjoanense-B. Mar	36	53	25	4	5	3
9. Vizela-U. Coimbra	41	35	38	4	4	4
10. Salgueiros-Marinhense	73	36	5	7	4	1
11. Sesimbra-Portimonense	92	17	5	9	2	1
12. Peniche-Olhanense	93	19	2	9	2	1
13. T. Novas-Oriental	65	34	15	7	4	1

E a chave lógica será: 112 111 2X1 1111

(a) — Nos termos do Art.º 10.º do Regulamento Geral dos Concursos se houver necessidade de sortear o resultado dos jogos não realizados na data do concurso, as bolas entrarão na esfera do sorteio nas quantidades indicadas no presente mapa.

Cofres de aluguer
Av. República, 3
BANCO DO ALENTEJO

O NORTE DESPORTIVO

HOJE em «O NORTE DESPORTIVO»

★ Página de OPINIÃO
★ Sobre o «Nacional» falam Gualter, Tibi, Vítor Martins e Carlos Silva
★ O França-Portugal (Juniores) em desenvolvida reportagem
★ O «caso» Melo em perspectiva de ser o «grande caso» do «Nacional»
★ A carreira do Atlético analisada por Pereg Bandeira
★ Actualidade desportiva e uma página de especialistas

Necrologia

FUNERAIS

José Joaquim Coelho de Almeida

Foi hoje a enterrar, no cemitério do Alto de S. João, o jornalista José Joaquim Coelho de Almeida, redactor do nosso prezado colega «Novidades» e funcionário aposentado da C. M. L., que, ontem faleceu na sua residência, após prolongada doença.

O extinto, que contava 66 anos de idade, era viuvo e pai do sr. Carlos Alberto Barata Coelho de Almeida, funcionário da TAP, casado com a sr.ª D. Maria Manuela Castro Serra Coelho de Almeida, e avô dos meninos Pedro Miguel e Maria Filomena.

Secretário da Propaganda do Corpo Nacional de Escutas, foi, porventura, a esta organização de juventude que o finado dedicou a maior dose do seu entusiasmo, tornando-se elemento destacado dos escuteiros portugueses.

IMPORTANTE LIVRARIA VAI SER VENDIDA EM LEILÃO

PORTO, 25 — Principia hoje, nesta cidade, o leilão de uma importante livraria, em que se contam obras quinhentistas e raras edições de história e literatura e revistas bem difíceis de encontrar.

É mais uma almoeda de livros a dispersar o que bibliófilos reuniram com amor e conhecimento, e que irá enriquecer outros nucleos de novos coleccionadores ou bibliotecas publicas e livreiros. É o catálogo n.º 26 da Agência Soares e Mendonça, organizado pelo conhecido livreiro-alfarrabista sr. Manuel Ferreira. Diga-se que este está a marcar lugar especial no ramo pelos seus catálogos cuidados, de boa informação, e com as espécies bem descritas.

No leilão se contêm mais de dois mil volumes. Durará até o dia 2 de Abril, todas as noites, na Rua Formosa, 112-1.º. Entre as espécies citem-se volumes raros de Leite de Vasconcelos, Eça de Queirós, Aquilino Ribeiro, Camilo Castelo Branco e tantos mais. Muito completa a colecção de obras de Alberto Pimentel.

Inaugurada em Aveiro a Feira de Março

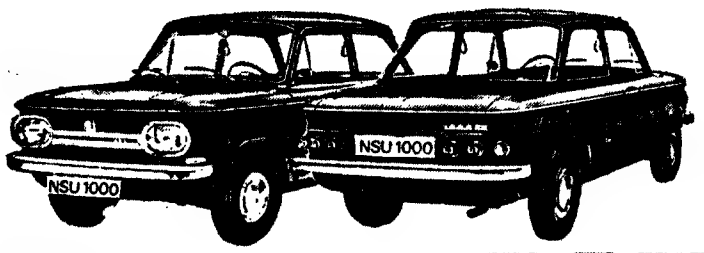
AVEIRO, 25 — Começou hoje e prolonga-se durante um mês a secular «Feira de Março» que, apesar de muitos a considerarem ultrapassada, constitui ainda um dos maiores cartazes da cidade. O certame foi inaugurado esta manhã, na presença do governador civil e do presidente do Município.

TEMAS DE CULTURA PORTUGUESA

Termina amanhã, ás 18 e 30, o ciclo de palestras intitulado «Temas de Cultura Portuguesa - Séc. XIX», no Museu Nacional de Arte Antiga. A conferência de amanhã está a cargo do prof. dr. Rio de Carvalho que falará sobre «Tendências recentes: Oscilações da figuração — Caminhos da Arquitectura».

Para o NSU 1000
"isto" também é estrada

A robustez, a economia e o conforto são realmente indiscutíveis no NSU 1.000.
Ele comporta-se como um «leader» em todos os caminhos até neste.
Com a caixa de velocidades completamente sincronizada, suspensão independente nas 4 rodas, estabilizadores transversais à frente, travões hidráulicos de disco nas rodas da frente e 48 HP., consome em média 7,8 litros aos 100 kms., «responde» prontamente em todas as condições, com rapidez, e segurança.



PARA ENTREGA * IMEDIATA *

UM PRODUTO AUDI NSU AUTO-UNION AG.
IMPORTADORES E DISTRIBUIDORES GERAIS: SOC. LUSOLANDA, SARL
ESCRITÓRIOS - R Latino Coelho, 57 - STANDS - R Latino Coelho, 65 - Av. Ant. Augusto de Aguiar, 25 C - LISBOA / agentes em todo o país

NOTA OFICIOSA DO MINISTÉRIO DOS NEGÓCIOS ESTRANGEIROS SOBRE OS TÉCNICOS AGRÍCOLAS RAPTADOS PELA «COREMO»

O Ministério dos Negócios Estrangeiros divulgou, através da Secretaria de Estado da Informação e Turismo, a seguinte nota oficiosa:

«1. Já em 28 de Fevereiro e em 11 do corrente o Governo Português deu conhecimento público dos esforços e diligências feitos no sentido de procurar conseguir a libertação dos portugueses raptados do território de Moçambique e levados para a Zâmbia por um grupo de malfeitores que actua naquele país. Esses esforços têm prosseguido a despeito de ser cada vez maior a certeza de que os portugueses raptados foram bàrbaramente assassinados.

Mas no dia 22 de Março, o sr. Kaunda, presidente da República da Zâmbia, promoveu em Lusaka uma conferência de Imprensa com a presença do corpo diplomático, na qual apresentou uma versão dos factos completamente contrária às realidades, misturando as falsidades com apaixonadas acusações a Portugal, onde não faltaram sequer as fantasias alucinatórias de uma invasão militar que estaríamos preparando para conquistar a Zâmbia. É realmente lastimável que em funções de tanta responsabilidade se proceda com tamanho desprezo das regras de correcção que foram outrora timbre dos países civilizados. O Governo Português vê-se assim forçado a restabelecer, com todo o pormenor, a verdade deste triste incidente.

2. Disse o sr. Kaunda que Portugal não tentou entrar em contacto com a Zâmbia através dos canais diplomáticos normais, em qualquer nível.

Ora os factos são os seguintes:

Em 25 de Janeiro o embaixador de Portugal em Londres foi instruído no sentido de procurar o alto comissário da Zâmbia naquela cidade, a fim de o informar que os portugueses, já mencionados nas notas anteriores, haviam sido levados para a Zâmbia por um grupo da COREMO e que, segundo as informações das populações locais, tinham atravessado a fronteira em 19 de Janeiro. Como o alto comissário estivesse ausente, foi entregue em 28 de Janeiro ao alto comissário adjunto um memorando com a exposição dos factos, tendo este prometido que o transmitiria imediatamente para Lusaka. Em 2 de Fevereiro a embaixada em Londres de novo entrou em contacto com o alto comissariado da Zâmbia para lhe dar mais informações e chamar a atenção para a gravidade dos factos, tendo o alto comissário adjunto respondido que transmitira a nossa diligência ao seu Governo, mas que não recebera qualquer resposta.»

«CASO GRAVE»

«Perante a falta de resposta do alto comissariado da Zâmbia em Londres, foram dadas instruções, em 3 de Fevereiro, ao embaixador de Portugal em Zomba para repetir a mesma diligência junto do alto comissário da Zâmbia naquela capital, chamando a atenção, como se fizera em Londres, para as vantagens de resolver ràpidamente este caso grave, de modo a estabelecer um clima de boa vizinhança entre os dois países de que só poderiam resultar vantagens recíprocas. Entretanto, continuava a insistir-se em Londres, sem se conseguir qualquer resposta. Em Zomba não tivemos melhor sorte, pois apesar das prementes insistências do nosso embaixador, só em 19 de Fevereiro foi possível que o alto comissário da Zâmbia acedesse a um encontro de representantes das duas missões diplomáticas em que de novo expusemos os factos e chamamos a atenção do Governo da Zâmbia para a sua gravidade.

Dois dias antes, em 17 de Fevereiro, e perante completa falta de resposta das autoridades zambianas, o Governo Português solicitou a intervenção do Comité Internacional da Cruz Vermelha, que em virtude do pedido português enviou a Lusaka o seu representante em Addis-Abeba, sr. René Weber.

Finalmente, em 20 de Fevereiro, apareceu em Zomba o secretário-geral adjunto do Ministério dos Negócios Estrangeiros da Zâmbia, sr. Ngonda, que através das autoridades do Malawi contactou com o embaixador de Portugal a fim de solicitar a libertação de dois zambianos que, entretanto, tinham sido detidos em território da província de Moçambique, mas nada podendo esclarecer sobre a situação dos raptados portugueses, embora confirmando que conhecia o caso e que estes não haviam sido entregues á Cruz Vermelha em virtude de objecções levantadas pelo procurador de Justiça pelo que «presumia que teriam novamente sido entregues à COREMO». No dia seguinte, o mesmo sr. Ngonda informava que o seu Ministério do Interior lhe comunicara que os detidos tinham sido libertados há dias num ponto da fronteira de Moçambique que não podia precisar. É assim evidente que, embora nenhuma resposta tivesse sido dada às nossas diligências em Londres e Zomba, as autoridades zambianas estavam perfeitamente informadas quanto à sorte dos portugueses sequestrados. A partir deste momento e em face das preocupações que resultavam da comunicação do sr. Ngonda, as nossas embaixadas em Londres e Zomba continuaram insistindo junto das missões diplomáticas da Zâmbia, por informações, sem conseguir qualquer resposta concreta. Só em 2 do corrente o alto comissário da Zâmbia em Londres informou que os cinco portugueses «já não se encontravam na Zâmbia». Na mesma conversa o referido representante da Zâmbia declarou que enviara o seu conselheiro a Lusaka para averiguar o caso, mas que nessa altura os cinco portugueses ainda não estavam naquela cidade «só se tendo verificado a sua existência» depois do seu regresso a Londres.»

«Entretanto o representante da Cruz Vermelha Internacional nada tendo conseguido das autoridades zambianas regressou a Adis-Abeba. Como, porém, continuava a não haver notícias exactas, o Governo Português voltou a pedir a intervenção da Cruz Vermelha, que em 11 do corrente, decidiu enviar a Lusaka dois outros representantes seus, do quais, ainda não foram recebidas quaisquer informações sobre a sorte dos nossos compatriotas.

Na manhã de 12 do corrente, o alto comissário da Zâmbia em Londres, de regresso do seu país, esteve na nossa Embaixada naquela cidade, e esclarecendo que participara, no passado dia 9, de uma reunião em Lusaka em que tinham estado presentes o presidente Kaunda, os ministros do Interior e dos Negócios Estrangeiros, o procurador-geral e outras entidades interessadas afirmou ao embaixador de Portugal que o seu Governo muito lamentava a situação criada e reconheceu que aquele fora enganado pela COREMO ao dizer-lhe serem os raptados soldados, quando se tratava de «gente inocente que estava apenas a fazer o seu dever» O alto comissário acrescentou que quando a COREMO explicara ao Ministério do Interior zambiano que os raptados eram soldados combatentes feitos prisioneiros, o procurador-geral aconselhara que os mesmos não fossem aceites para evitar complicações e, desse modo, os cinco portugueses tinham sido entregues de novo á COREMO. Estas declarações do alto comissário, em Londres, tais como as que o sr. Ngonda fez ao nosso embaixador em Zomba, pareciam levar a acreditar que a Zâmbia estaria inclinada a reconhecer a verdade dos factos e, a partir desse reconhecimento, estabelecer ulteriores contactos com Portugal com vista a esclarecer este lamentável incidente.»

«ASSASSINADO A TIRO»

«3. Dado o que precede a declaração feita em Lusaka pelo presidente Kaunda de que o Governo Português não havia procurado contactá-lo pelos canais diplomáticos apropriados, só pode explicar-se por um completo desconhecimento do que se passa nas esferas superiores da administração do seu país. De resto parece que esse desconhecimento do chefe de Estado da Zâmbia se alarga a vários domínios, pois só assim explicará que afirme tão categòricamente que os raptados portugueses nunca se encontraram no território daquele país. Como se verifica de várias afirmações atrás referidas, esta posição é contraditada pelos representantes zambianos que foram contactados. E para melhor elucidação dessa etada dos raptados na Zâmbia a seguir se refere quais as deslocações a que os sequestrados portugueses foram obrigados.

Em 15 de Janeiro ultimo, um grupo de terroristas da organização conhecida por COREMO (Comité Revolucionário de Moçambique) proveniente da base de Macheka, instalada em território zambiano, a cerca de 5 ou 6 quilómetros da fronteira e a uns 30 ou 40 quilómetros de Nyimba, infiltrando-se em território nacional sob o comando de Gabriel Machava, atacou um acampamento do Gabinete do Plano do Zambeze, perto de Mucangadeze, capturando 56 pessoas dos quais 50 eram trabalhadores nativos e seis, José Amaro Cardoso Rente, Manuel David Gomes, António de Jesus Veloso, Agostinho Nicolas Jessen, Manuel Tomé Brás e Joaquim Gallinotti Correia, técnicos de agricultura daquele gabinete.

Das declarações dos trabalhadores referidos, que conseguiram evadir-se e regressar a Moçambique foi possível averiguar o seguinte sobre a sorte dos técnicos raptados:

De regresso á base de Macheka, um pouco antes da povoação de Pamuenke, Joaquim Gallinotti Correia, que se encontrava doente e na impossibilidade de prosseguir a dura marcha a que era submetido, foi assassinado a tiro. Os terroristas, com os seus prisioneiros, estavam de volta a Macheka, ás 18 horas de 19 de Janeiro. A 6 de Fevereiro o Governo da Zâmbia, conhecedor da situação, enviou a Macheka alguns elementos da polícia para transportar os raptados para Petauka.»

«VÍTIMAS DOS SEUS SEQUESTRADORES»

«De Petauka os cinco portugueses foram levados para Chipata, daqui regressaram a Petauka e daí foram para Lusaka onde chegaram, na madrugada do dia 8 de Fevereiro, num «Land-Rover» da Polícia, ficando reclusos na Remand Prison.

Em Lusaka os raptados foram levados á presença do procurador-geral da Justiça (Attorney General), sr. Patrick Chuula, que determinou que os detidos voltassem a ser entregues ao COREMO, o que teria acontecido no dia 10 do mesmo mês, partindo então os mesmos com destino desconhecido mas que se supõe ter sido a base de Macheka acima referida. A partir dessa ocasião a sorte dos cinco raptados é desconhecida e fonte das maiores preocupações.

Não é, pois, possível aceitar quaisquer declarações sobre a não estada dos raptados na Zambia em face de elementos tão concretos e que infelizmente levam á conclusão de que estes foram vítimas dos seus sequestradores, quer estas afirmações sejam ou não feitas em conferências de Imprensa organizadas, no estilo mais demogógico, com o intuito de iludir responsabilidades irrecusáveis e de lançar a confusão na opinião internacional

Igualmente contribui para a não aceitação de declarações semelhantes, as afirmações da antiga dirigente da COREMO, sr.ª Joana Francisca Fonseca Simião, também conhecida pelo nome de Yvette Tshilenge que sendo portuguesa, revoltada com os métodos usados por aquela organização terrorista, e sabedora de todos os acontecimentos que culminaram no assassinio dos cinco portugueses raptados, decidiu desligar-se da mesma organização e já se encontra em território português.

4. No passado dia 20 do corrente, o embaixador de Portugal em Londres foi procurado pelo sr. Mark Chona, conselheiro pessoal do presidente Kaunda, que mostrou o desejo de vir a Lisboa, a fim de entregar uma mensagem do chefe de Estado da Zambia para o Governo Português.

O Governo Português, que sempre procurou manter e incrementar os contactos com o Governo da Zambia, até ao momento em que estes foram interrompidos pela decisão zambiana de apresentar uma queixa contra Portugal no Conselho de Segurança da O. N. U., em meados de 1969, imediatamente aceitou a vinda do sr. Chona a Lisboa, a fim de procurar esclarecer os factos e tentar encontrar uma solução satisfatória para tão grave incidente. O sr. Chona esteve, na verdade, em Lisboa em 21 e 22 do corrente, mas não só nada adiantou sobre o assunto como a sua presença se tornou incompreensível no mesmo dia em que o presidente Kaunda atacava publicamente Portugal em termos grosseiros que nem sequer respeitavam a verdade dos factos.»

«PERITOS AGRÍCOLAS E NÃO SOLDADOS»

5. Cabe apenas acrescentar que desde 25 de Janeiro que o Governo da Zambia estava esclarecido, por «aide-memoire» entregue pela nossa embaixada em Londres, que os raptados eram peritos agrícolas e não «soldados» como propositadamente e a cada passo o sr. Kaunda afirmou na conferência de Imprensa. Não se percebe, aliás, bem o que na mesma ocasião se pretende frisar ao declarar primeiro que estes seriam «prisioneiros de guerra, segundo o direito internacional», o que é errado por não existir com o COREMO conflito internacional, para logo a seguir se dizer que sendo «prisioneiros de guerra» não podiam ser entregues á Cruz Vermelha, o que também parece ser a completa negação dos princípios que aquela humanitária instituição defende e prossegue. Mas as contradições não ficam por aqui, pois na mesma conferência de Imprensa, mais adiante, declara-se que os cinco portugueses não eram «prisioneiros de guerra». Ora o que na realidade se pretendia ocultar atrás de todas estas contradições era o facto de, em qualquer caso, se ter recusado a entrega dos aptados á Cruz Vermelha do que terá resultado o seu assassinio.

Do mesmo modo se deverá acrescentar que não é possível ao presidente Kaunda afirmar que Portugal recusou as oportunidades de diálogo com a Zambia, pois os contactos luso-zambianos prolongaram-se durante os anos de 1968 e 1969, tendo durante esse período visitado Lusaka quatro delegações portuguesas e só sendo estes interrompidos pela decisão do Governo da Zambia que acima se referiu. Mas já em 1970, esses contactos foram retomados e agora poderiam ser prosseguidos se o espírito que os informava não tivesse sido negado ou destruído pela iniciativa do próprio presidente Kaunda.»

«DESEJO DO ESTABELECIMENTO DE RELAÇÕES PACÍFICAS»

«Por outro lado, não é possível aceitar a declaração de que a Zâmbia não permite que o seu território seja usado como base de atanques aos territórios vizinhos, uma vez que são os próprios movimentos terroristas que declaram contar com o seu apoio e com facilidades que lhes permitem atacar as fronteiras portuguesas de Angola e Moçambique. Apesar desta atitude de hostilidade, tem Portugal sempre adoptado uma posição de respeito pelas fronteiras zambianas. É sempre que algum incidente, provocado pela acção dos referidos grupos terroristas junto dessas fronteiras, nos é assinalado, têm as autoridades portuguesas procurad'o investigá-lo. As acusações que o sr. Kaunda fez na sua conferência de Imprensa em termos vagos, nenhum valor têm, nem merecem ser comentadas. Igualmente não valerá a pena comentar as referências a «uma invasão militar da Zâmbia», como a uma «agressão económica», pois há já muito que fizemos saber à Zâmbia que os portos e caminhos-de-ferro portugueses transportariam carga para a Zâmbia, desde que aquele país nos não hostilizasse directamente, como pode muito fàcilmente inferir-se da leitura da nota oficiosa portuguesa, de 8 de Abril de 1967.

A despeito das condições acima descritas, o movimento de mercadorias em proveniência e com destino àquele país tem continuado a processar-se e os comboios portugueses têm partido dos portos de Angola e Moçambique com numerosos vagões carregados de mercadorias destinados à Zâmbia. Durante o passado mês de Fevereiro, o número desses vagões atingiu muitas centenas, a despeito da grande irregularidade que se verifica no tráfego ferroviário da Zâmbia que é certamente responsável por certa acumulação de carga nos portos, como aliás, acontece no momento presente em Dar-es-Salaam.

6. Não deseja o Governo Português fazer mais comentários, pois os que precedem parecem suficientes para esclarecer a verdade dos factos. Nada tem o Governo da Zâmbia a temer da parte de Portugal e pelo contrário sempre encontrará no Governo Português o desejo do estabelecimento de relações pacíficas e de uma colaboração profícua desde que Portugal possa contar com a mesma correcção e o mesmo espírito da parte das autoridades da Zâmbia. Tal é, aliás, a orientação que Portugal adopta quanto a todos os Estados seus vizinhos.»

DESPORTO DESPORTO DESPORTO DESPORTO

Mais de 2000 contos para 2334 km de corrida

A «VOLTA A PORTUGAL» JÁ ESTÁ ESTRUTURADA

A Sonarte e a Publirama, organizadores da 34.ª Volta a Portugal em Bicicleta, reuniram-se com os órgãos de informação a quem deram a conhecer pormenores da popular prova ciclista.

Escolhidos já os principais elementos da equipa de trabalho: Damasceno Covão (director principal), Idalino de Freitas (presidente do juri), Domingos Claudino (director da feira), Miguel Simões (comissário da caravana), António Campos (secretário-geral), Fernando Portela (comissário de metas), Jorge Lara (director da corrida) e dr. Barreiro de Magalhães (médico).

A Volta principiará a 24 de Julho, em Lisboa e terminará a 8 de Agosto, também na capital (Estádio de Alvalade).

As etapas previstas: Estádio José de Alvalade, 9 quilómetros; Lisboa (Almada)-Setubal, 69; Setubal-Sines 118; Sines-Faro, 199; Faro-Tavira, 51; Pista de Tavira, 2; V. R. de Santo António-Montemor-o-Novo, 219; Montemor-o-Novo-Abrantes, 142; Abrantes-Fátima, 64; Fátima-Figueira da Foz, 83; Pista de Sangalhos, 2; Curia-Porto, 120; Pista das Antas, 9; Porto-Guimarães 93; Circuito de Vila do Conde, 60; Ofir-Vidago, 175; Vidago-Pedras Salgadas (c. r.), 12; Pedras Salgadas-Amarante, 125; Amarante-Torre, 152; Covilhã-Penhas da Saude, 20; Covilhã-Castelo Branco, 80; Castelo Branco-Badajoz, 156; Badajoz-Alcobaça, 225; Caldas da Rainha-Sintra, 120 e Sintra-Lisboa, 29.

Duvidas ainda existentes no aspecto do itinerário: as passagens por Sines, Fátima e Curia.

Percurso total: 2334 quilómetros.

Custo da Volta: cerca de 2250 contos.

Uma equipa francesa e outra espanhola correrão a prova.

O conjunto de elementos que está a trabalhar na Volta prepara, ainda, o Lisboa-Coimbra-Porto e o Grande Prémio de Sintra (provàvelmente com o espanhol Ocaña).

A primeira etapa da volta será corrida através das ruas de Lisboa, com partida e chegada ao Estádio de Alvalade.

Todos os órgãos de informação têm ao dispor automóveis «Toyota» para efectuarem a cobertura da competição.

Uma caravana artística acompanha a corrida dando espectáculos nos finais de etapa.

Cada dia da prova será dedicado a um órgão da informação.

Charlton e Jacinto João: duelo pela posse da bola

V. SETÚBAL, 1-LEEDS, 1

FAZER O POSSÍVEL ABEIRAR-SE DO IMPOSSÍVEL

O Vitória de Setubal saiu da «Taça das Feiras» pela porta grande. Ontem, frente ao Leeds, a melhor equipa de Inglaterra, a turma sadina fez o possível por continuar em prova e quase alcançou o impossível, que seria eliminar a poderosa formação britanica.

Sem arrebiques, realista e prático, o Leeds vinha a Portugal tratar de um assunto muito sério e não perdia tempo e feitio com fantasias.

A urgência dos vitorianos em anular a desvantagem da primeira «mão» traz-lhes serenidade e os ingleses, calculistas, procuram tirar partido da necessidade alheia. Fecham o caminho das redes, tapam os angulos de remate e descem á grande área dos portugueses com desenvoltura e poder notáveis.

Aos 17 m., um centro da esquerda passa pela cabeça de um dianteiro e acaba nos pés de LORIMER, que não perdoa. Com o tento de avanço que traziam na bagagem «eles» reforçam assim a sua posição.

Incorrem então os «nossos» num erro: teimar nas penetrações pela zona central. Mas se havia aí tanta gente!...

Uma iniciativa impetuosa de Guerreiro e uma demonstração de brio e precipitação por parte dos vitorianos assinalam a fase final do primeiro tempo. Os visitados «batem» ao desbarato e os da Velha Albion encaixam os golpes sem pestanejar.

No segundo tempo, o Vitória cresce, invade o meio-campo contrário, empolga tudo e todos com tanto esforço. Para mais, os sadinos desenvolvem então um futebol mais sagaz e penetrante.

Vagner e J. J. põem em evidência o valor do «keeper» do Leeds. O assalto ao ultimo reduto dos ingleses é algo de inenarrável.

Os centros por alto caem sobre o compartimento recuado dos visitantes mas essa prática favorece os cabeceamentos de Jack Charlton e companhia. Sucede nessa altura uns contra-ataques dos ilhéus que demostram a sua frieza ante o ímpeto dos locais.

Regista-se uma quebra na vivacidade sadina. Um jogador do Leeds mete «mão» na grande área sem que o árbitro castigue a falta.

Harvey, o excepcional guarda-redes dos britanicos, magoa-se e cede o posto a Sprake. Este estreia-se mal, pois é batido logo que entra, por um remate de Vitor Baptista, aos 84 m.

Toda a equipa do Vitória deve ser englobada no mesmo apreço pela capacidade demonstrada. A sua segunda parte define um conjunto.

Arbitragem «habilidosa», a assinalar tudo a meio-campo e a ignorar as faltas cometidas dentro das dezóito jardas.

V. SETUBAL — Torres; Conceição (Arcanjo, aos 26 m.), Cardoso, Mendes e Rebelo; Octávio (Mateus, aos 70 m.) e José Maria; Guerreiro, V. Baptista, Vagner e Jacinto João.

LEEDS — Harvey (Spratre, aos 83 m.); Reaney, Charlton, Hunter e Cooper; Bates e Giles; Lorimer, Clartre, Jones e Madeley.

Arbitro: Roland Marendez (suiço).

FRANCISCO CAMILO

O FUTEBOL POR MAU CAMINHO

Muitos castigos de Norte a Sul

A Federação de Futebol aplicou os seguintes castigos:

I DIVISÃO — *Repreensão por escrito* a Amaral, do Tirsense, e multa de 500$00 à Associação Académica de Coimbra.

II DIVISÃO — *Três jogos* a Luciano, do Oriental, e a Vítor Gonçalves, do Atlético.

Um jogo a Semedo, do Atlético.

Repreensão por escrito a Brás, do Gouveia, e Vieira Dias, do Montijo.

Dois jogos de interdição e multa de 1500$00 ao Portimonense.

Multa de 500$00 ao Oriental.

III DIVISÃO — *Cinco jogos* a Viana, do Freamunde.

Três jogos a Cepeda, do Estoril-Praia.

Um jogo a Ferraz, do Régua, Lopes, do Estoril-Praia, Sousa, do Lusitano e Freitas, do Estrela.

Repreensão por escrito a Azevedo, do Limianos, e Caldeira, do Nazarenos.

Multa de 500$00 ao Atlético Macedo de Cavaleiros.

Multa de 250$00 ao Desportivo de Chaves.

Multa de 200$00 ao Caldas Sport Clube.

Multa de 100$00 ao Clube Desportivo das Aves.

TAÇA NACIONAL DE JUVENIS — *Seis jogos* a Espírito Santo, do Casa Pia.

Cinco jogos a Jesus, do Casa Pia.

Três jogos a Azevedo, do Varzim, Simões do Silves, e Silva, do Casa Pia.

Dois jogos a Valério, do Vila Real, Rocha, do Beira-Mar, e Bento, do Ginásio Figueirense.

Um jogo a Gonçalves, do Amora, Saturnino, do Alcochetense, e Rodeia, do Vitória de Lisboa.

Três jogos de interdição e multa de 1000$00 ao Leixões Sport Clube.

Dois jogos de interdição e multa de 500$00 ao Sporting Clube de Braga.

Multa de 100$00 ao Sport Futebol Palmense.

FUTEBOL FEMININO NO BENFICA

Reuniu-se no pavilhão da Luz a assembleia geral do Sport Lisboa e Benfica que decidiu que o clube prosseguisse nas práticas ciclistas.

Outros assuntos tratados:

● *A equipa de ciclismo do Benfica passa a ostentar publicidade nas camisolas.*

● *O Benfica deve criar uma secção de futebol feminino. Elementos indicados para dirigirem essa secção: dr. Vasco Ribeiro, Maria Manuela Canha, António Quadros, dr.ª Maria Adelaide Canas, juiz dr. João de Matos e o técnico José Augusto.*

A assembleia geral também tomou conhecimento da candidatura oficial de José Queimado que, tal como o nosso jornal ontem esclareceu, nunca condicionou a aceitação do cargo de presidente do clube à possibilidade do reatamento de relações com o Sporting.

Acontecimentos DE ONTEM

HÓQUEI EM PATINS

No torneio internacional de hóquei em patins organizado pela Juventude Salesiana verificaram-se os seguintes resultados: Cascais, 6-Paço de Arcos, 5 e Salesiana 3-S. Lorenzo de Almagro, 2.

As equipas e marcadores:

CASCAIS — Quim (Costa); Abilio, José Carlos (1), Artur Agostinho (2), Luís Barros (3) e Luís Costa.

PAÇO DE ARCOS — Monteiro; José Rosa, Rafael; Abreu (3) Correia Santos e Moura (2).

SALESIANA — Coelho; Sobrinho, Venâncio (1) Virgílio Jr. (2), Peneiras, Festas e Virgílio.

S. LORENZO DE ALMAGRO — Lesica; Hector Lahiton, Alberto Peruffo, Esteban Salsedo (1), Jorge Lamardo Luís Vaccáro e Nestor Peralta (1).

FUTEBOL DA III DIVISÃO

Para o Campeonato Nacional da III Divisão Silves e Estrela empataram a zero.

VOLEIBOL

Campeonato lisboeta feminino de voleibol: Benfica, A, 3-C.D.U.L. A, 0 e Benfica B, 3-Medicina, 0.

BASQUETEBOL:

Campeonato Nacional Feminino da 1.ª Divisão: Encarnação, 33-C. U. F., 30; Internacional, 30-Nacional, 15. O Internacional é o «leader».

Campeonato Nacional Feminino da 2.ª Divisão: C. D. U. L., 53-Educação Física, 27.

LUTA GRECO-ROMANA

Campeonato Nacional de Luta Greco-Romana: Belenenses-Runa 1-7; Benfica-Amadora 3-4; Sporting-Baixa da Banheira, 6-1; Linda-a-Velha-Mem Martins, 6-2.

ANIVERSÁRIO DO GINÁSIO CLUBE

O Ginásio Clube Português inicia, hoje, as comemorações do seu 96.º aniversário, com um banquete comemorativo, num hotel da capital, ás 20 e 30.

O programa das comemorações prossegue no dia 22 de Maio, com o «Grande Festival Gimnodesportivo da Primavera», a realizar no Pavilhão dos Desportos; e, no dia seguinte, com uma visita às obras da nova sede (a grande aspiração do clube, em fase de concretização a que se seguirá um almoço de confraternização ginasista.

HOJE À NOITE

ANDEBOL — Campeonato Nacional de Juniores da I Divisão: Campo de Ourique-Naval Setubalense, ás 21 e 30, em C. de Ourique e Almada-Boa Hora, ás 21 e 30, no Pavilhão da Luz.

HÓQUEI EM PATINS — Torneio Internacional do Estoril: Parede-Oeiras, ás 21 e 15; e-final entre os vencedores da jornada de ontem, ás 22 e 30.

TÉNIS DE MESA — Torneio de Preparação de Juniores: A. Apolo B-C. Católico, Verdi A-Apolo A e Ateneu-Rio Seco, ás 21 e 30, nas mesas dos primeiros.

Semana Catalã

AGOSTINHO: O NOSSO MELHOR (A 3 M 44 S DE POULIDOR)

Duas partes no todo da 4.ª etapa da Volta à Catalunha: a primeira, de Malgrat de Mar para Gerona (109 km) foi ganha por Riotte (2.54.8) tendo os corredores leoninos chegado com o mesmo tempo (Emiliano (5.º), Bernardino (13.º) e Agostinho (26.º).

No segundo troço o primeiro foi Mortensen (2, 51, 53), classificando-se os portugueses nas seguintes posições: 18.º, Bernardino, m.t.; 28.º, Agostinho, m.t.; 61.º, Emiliano, 2, 57, 31.

Na tabela geral, comandada por Poulidor, Agostinho está em 24.º a 3 m. 44 s., Bernardino (29.º a 6 m, 55 s.) e Emiliano (71.º, a 40 m. 27 s.).

FUTEBOL EUROPEU

«Taça dos Campeões»

O Panachinaikos (Grécia), Estrela Vermelha (Jugoslávia), Atlético de Madrid (Espanha) e Ajax (Holanda) passaram às meias finais da «Taça dos Campeões».

«Taça das Feiras»

O Colónia (Alemanha e o (Leeds (Inglaterra) prosseguem na «Taça das Feiras». Liverpool (Inglaterra) e Bayern (Alemanha), Juventus (Itália e Twente (Holanda) ainda não decidiram as suas eliminatórias.

«Taça das Taças»

Gornick (Polónia) ou Manchester City (Inglaterra): única dúvida para as meias-finais da «Taça das Taças», que já agrupa o Real Madrid (Espanha), o Eindhoven (Holanda) e o Chelsea (Inglaterra).

GRÁTIS

o nosso conselho é gratuito.
Você fará como entender...

APLIQUE AS SUAS ECONOMIAS EM PROPRIEDADES HOJE PROPORCIONAR-LHE-ÃO UM ALTO RENDIMENTO, AMANHÃ VALERÃO MUITO MAIS

ANDARES ● APARTAMENTOS MOBILADOS ● MORADIAS

J. PIMENTA, S. A. R. L.

UMA CASA PARA CADA CASO

Informações

Lisboa — P. Marquês de Pombal, 15 — Telef. 45843-47843

organizações LUSOBOX

Aconselham para AMANHÃ
ÀS 21.45 H. PREFIXAS, NO
COLISEU DOS RECREIOS
A VALIOSA SESSÃO
INTERNACIONAL DE BOXE

5 COMBATES

CARLOS ALMEIDA - BENITEZ

LACUEVA DE CARVALHO — CARVAJAL
VÍTOR PEREIRA — ORTIZ
MANUEL DORES — ALCINO PALMEIRA
UM COMBATE ENTRE AMADORES

E NÃO ESQUEÇA: É UMA ORGANIZAÇÃO LUSOBOXE — M/ 17 anos

FLORES

ACABAMOS DE RECEBER, VINDAS DOS MELHORES PRODUTORES, SEMENTES DAS MAIS LINDAS FLORES

●

O catálogo, com os preços das 278 variedades que temos à venda, é enviado absolutamente grátis a quem o pedir

JERÓNIMO PEREIRA MENDES & C.ª

Especialistas de sementes
PRAÇA DA FIGUEIRA, 2-C, 2-D, 2-E — LISBOA 2

SINDICATO NACIONAL DOS EMPREGADOS DOS SERVIÇOS ADMINISTRATIVOS DA MARINHA MERCANTE, AERONAVEGAÇÃO E PESCA

AV. ELIAS GARCIA, 123-2.º — LISBOA

AVISO CONVOCATÓRIO

ASSEMBLEIA GERAL ORDINÁRIA

De harmonia com o Art.º 41.º dos Estatutos, convoco para o dia 30 do corrente, pelas 20,30 horas, uma Assembleia Geral Ordinaria, a realizar na Sociedade A Voz do Operario, Rua Voz do Operário, n.º 13, em Lisboa, com a seguinte ORDEM DE TRABALHOS:

1 — Apreciação do Relatório e das Contas relativas ao ano de 1970

Não havendo número legal, a Assembleia funcionará meia hora mais tarde, deliberando com qualquer número de sócios.

Só podem fazer parte da Assembleia os sócios que tenham pago as suas quotas durante os doze meses antecedentes.

A qualidade de associado deve ser comprovada com a apresentação do cartão de sócio.

Lisboa, 23 de Março de 1971

O PRESIDENTE DA ASSEMBLEIA GERAL
a) Adelino da Conceição Santos

Sindicato Nacional dos Capitães, Oficiais Náuticos e Comissários da Marinha Mercante

ASSEMBLEIA GERAL ORDINÁRIA

Nos termos legais é convocada a Assembleia Geral Ordinária deste Sindicato, para reunir na sua sede, na Praça de D. Luís, 9-1.º, dt.º em Lisboa, no dia 31 do mês de Março do ano corrente, às 17 horas e meia, em primeira convocação e uma hora depois, em segunda, considerando o disposto no artigo 18. e seu parágrafo único dos nossos Estatutos, para apreciação e votação do relatório e contas da gerência do ano de 1970.

Lisboa, 24 de Março de 1971.

O Presidente da Mesa da Assembleia Geral
Júlio da Cruz Ramos
Capitão da Marinha Mercante

CÃO PASTOR ALEMÃO

Mínimo dez meses, máximo 2 anos, precisa-se. Indicar preço, morada ou telefone.
Resposta a este jornal ao n.º 749.

Fábrica de Cofres da Trindade

Rua Nova da Trindade, 13-A — LISBOA

Executou o EQUIPAMENTO DE SEGURANÇA para guarda de valores das novas instalações da Agência do BANCO BORGES & IRMÃO, em ALCACER DO SAL

Fabricantes especializados desde 1868 de: PORTAS-FORTES e COFRES (Monobloco de Parede. Nocturnos e Individuais de Aluguer), FECHADURAS de alta precisão, CHAVES, Aberturas e Reparações.

100 ANOS DE ACTIVIDADE INDUSTRIAL

Bolsa de Lisboa

FUNDOS DO ESTADO	Stes.	Compra	Venda
Consolidado 2 3/4%	—	—	486$
Consolidado 3%	—	—	495$
Consolidado 3 1/2%	604$	—	604$
Centenários 4%	—	—	1.400$
Obrig. Tesouro 5%	—	—	1.000$
Externo 1.ª série	—	585$	—
Externo 2.ª série E	—	605$	610$
Externo 3.ª série	—	670$	—
Externo 3.ª série E	—	—	770$
Cautelas 3.ª série	—	165$	170$
OBRIGAÇÕES			
Águas Lisboa 5%	—	—	—
A P I 5% 56	—	—	—
A P I 5% 58	—	—	—
C P 4 1/2% 65	—	—	950$
C P 4 1/2% 67	—	—	925$
C U F 6%	—	935$	940$
C U F 6% 68	—	—	925$
Gás Elect 4% 48	—	—	—
Gás Elect 4 1/2% 51	—	860$	—
Gás Elect 5% 54	—	840$	—
Gás Elect 5% 58	—	800$	—
Gás Elect 5% 59	—	800$	—
Gás Elect 5% 62	—	946$	—
Gás Elect 5% 63	—	951$	—
Gás Elect 5% 65	—	—	—
Gás Elect 5% 67	—	970$	—
H E Alentejo 5%	—	795$	—
H E Cávado 5%	760$	760$	765$
H E Cávado 6%	—	930$	—
H E Douro 5%	765$	760$	—
H E Douro 6%	—	930$	950$
H E Norte Port 5%	860$	—	—
H E Estrela 6%	—	930$	940$
H E Zêzere 5% 55	—	—	785$
H E Zêzere 5% 57	—	—	760$
Lisnave 6%	—	—	—
Metropolitano 4%	900$	895$	905$
Metropolitano 5 3/4%	950$	940$	—
Moçambique 5%	680$	680$	—
Nac. Elect 5%	745$	740$	—
Nitratos 5%	—	—	—
Nitratos 5% 60	750$	740$	760$
Petroquímica 5%	—	—	860$
Port. Celul 5%	—	—	—
Sacor 5% 54	—	960$	970$
Sacor 5% 60	—	—	880$
Siderurgia 5% 2.ª	—	—	—
Siderurgia 5% 3.ª	—	730$	735$
Siderurgia 5% 4.ª	—	730$	740$
Sonefe 5%	—	785$	—
T A P 4%	—	880$	900$
Termoelect Port 5%	—	735$	—
U E P 5 3/4%	—	—	—
U E P 4%	—	—	—
U E P 4 1/2%	—	90$	—
U E P 5%	—	70$5	71$
U E P 5% 60	—	710$	—
U E P 5% 63	—	850$	—

ALMEIDA, BASTO & PIOMBINO & C.ª
TODAS AS OPERAÇÕES BANCARIAS
Rua do Ouro, 52-54 — LISBOA — Tel. 366066/7
Teleg. ALMEIRO — Telex 47[illegible] ALAP[illegible] P

ACÇÕES	Stes.	Compra	Venda
Bancos			
Agricultura	2.799$	2.797$	2.800$
Alentejo	1.198$	1.195$	1.199$
Angola	3.930$	3.930$	3.935$
Burnay	—	—	—
Créd. Predial	7.500$	7.500$	7.550$
E. Santo	6.500$	6.495$	6.500$
E. Santo n.	—	—	—
Fonsecas S. p.	—	25.500$	28.000$
Fomento	2.860$	2.850$	2.870$
L. B. Açores p.	—	—	—
L. B. Açores n.	—	—	—
P. Atlântico p.	6.100$	6.100$	6.150$
Portugal n.	3.315$	3.310$	—
Portugal p.	—	—	4.300$
Totta Aliança	5.680$	5.680$	5.700$
Ultramarino n.	3.900$	3.880$	3.900$
Ultramarino p.	4.220$	4.210$	4.220$
Seguros			
Alentejo	155$	154$5	155$5
Douro	—	2.200$	—
Mundial	1.005$	1.000$	1.010$
Sagres	—	2.800$	2.950$
Tranquilidade	—	90.000$	105.000$
Ultramarino	—	—	—
Ultramarinas			
Açúcar de Angola	730$	720$	740$
Ag. Cassequel	615$	615$	620$
Ag. Incomati	—	—	—
Ag. Neves	—	—	420$

Ultramarinas	Stes.	Compra	Venda
Ag. S. Tomé e Príncipe	—	—	—
Boror	126$	126$	130$
Buzi	69$	68$	70$
[illegible]	215$	212$	220$
Diamantes Angola	2.140$	2.130$	2.150$
H. E. Revué	620$	620$	625$
Inc. do Príncipe	—	700$	750$
Moçambique	—	—	186$
Sonefe n.	—	405$	420$
Sonefe p.	—	420$	430$
Zambézia	—	—	69$
Diversas			
[illegible]	—	6.900$	7.000$
Cim. Leiria	—	4.500$	4.600$
Cim. Tejo	—	8.200$	8.400$
Co. Navegação	1.515$	1.510$	1.520$
C U F	—	1.350$	1.400$
[illegible] Aliança	—	600$	700$
Nac. Navegação	—	—	—
Petroquímica	1.370$	1.300$	1.370$
Port. e Colónias	—	—	1.300$
Port. Celulose	4.180$	4.150$	4.200$
Port. Pesca	—	—	—
Port. Tabacos	605$	600$	610$
Sacor	—	—	4.000$
Siderurgia Nac.	—	—	2.400$
[illegible]	3.700$	3.700$	3.720$
Tabacos de Portugal	—	—	1.520$
Tabaqueira	6.200$	6.160$	6.250$
U F Azoto	650$	640$	655$
Água Elect. e Gás			
Águas Lisboa p.	—	390$	—
Águas Lisboa 34	—	420$	425$
Águas Lisboa 36	—	401$	415$
C. P. Electricidade	1.209$	1.208$	1.210$
C. P. Electricidade nom.	1.200$	1.200$	1.205$
C. P. Electricidade 969	—	—	—
Elect. Beiras	1.705$	1.700$	1.705$
Gás Electr.	449$	448$5	449$
H. E. Alto Alentejo	179$5	178$	180$
H. E. Norte Portugal	230$	230$	235$
H. E. Estrela	—	—	—
Nac. Electricidade	—	—	—
U. E. P.	202$	201$	202$
FUNDOS DE INVESTIMENTO			
F. I. Atlântico	—	203$4	209$5
F. I. D. E. S.	—	126$4	130$2

ÍNDICE BORGES & IRMÃO
COTAÇÃO DAS ACÇÕES (Base: Dez. 65 100)

	18/3/71	24/3/71	25/3/71
GERAL	153,1	152,0	**152,0**
METROPOL.	148,4	147,8	**148,2**
ULTRAM.	187,4	182,5	**180,1**

PAÍSES	Compras	Vendas
África do Sul — Rand	35$50	36$00
Alemanha — Marco	7$70	8$00
América		
— Dollars de 1 e 2	27$90	28$40
— » de 5 a 20	28$20	28$70
— » de 50 a 1000	28$30	28$80
Argentina — Peso Novo	5$00	6$50
Áustria — Schilling	1$10	1$16
Bélgica — Franco	$56	$59
Brasil — Cruzeiro	4$50	5$80
Canadá — Dólar	27$80	28$30
Dinamarca — Coroa	3$70	4$00
Espanha — Peseta	$40,2	$41,7
França — Franco	5$00	5$30
Holanda — Florim	7$80	8$10
Inglaterra — Libra	68$00	70$00
Itália — Lira	$04,4	$04,7
Marrocos — Dirham	4$90	5$50
Noruega — Coroa	3$85	4$15
Suécia — Coroa	5$35	5$65
Suíça — Franco	6$58	6$78
Ouro:		
Inglaterra — Libra Isabel	290$00	310$00
Inglaterra — 1/2 Libra	300$00	320$00
Ouro fino — Barra	36$20	38$20

J. BURNAY, L.da
RUA DO OURO, 72
Papéis de crédito
Notas estrangeiras
Tel. 231278

CARTAZ DOS CINEMAS

MONUMENTAL

(M. 12 anos) Tel 556131
Às 15 e às 21.30
4.ª SEMANA
PATTON
com George C. Scott e Karl Malden
Em 70 m/m
QUINZENA NOVOS REALIZADORES INGLESES
Amanhã — Adultos — 18.45 h.
O FALHADO, de Michael Winner, com Oliver Reed e Orson Welles

SATÉLITE

(Adultos) Tel 562632
5.ª SEMANA
Às 15.30. 18.30 e 21.45 h.
Um filme de Claude Soutet
COISAS DA VIDA
Eastmancolor
Prémio Louis Delluc
com Michel Piccoli Romy Schneider e Lea Massari

SÃO JORGE

(M. 17 anos) Tel. 54153
Às 15.15, 18.15 e 21.30
EM 5.ª SEMANA
Um dos grandes êxitos da temporada
O PATIFE
com Jean-Louis Trintignant

IMPÉRIO

(Adultos) Tels. 555134/5
Às 15 e às 21.15
A mais bela história de amor no ambiente escaldante da revolução
Segundo Boris Pasternack
Um filme de David Lean
«DOUTOR JIVAGO»
com Omar Sharif — Geraldine Chaplin — Julie Christie
70 m/m — Metrocolor
ATENÇÃO: O filme começa a ser exibido às 15.15 e às 21.30

ESTÚDIO

(Adultos) Tel. 555134
Às 15.30. 18.30 e 21.45
A obra-prima de Jean Luc Godard
«O ACOSSADO»
(A Bout de Souffle)
com Jean Paul Belmond e Jean Seberg

CASINO ESTORIL

(M. 17 anos) Tel. 264821
Às 17 e 21.30 h.
A FLOR DO CACTO
com Walter Matthau, Ingrid Bergman, Joldie Hawn, Jack Weston e Rick Lenn

Estreias de hoje

AS RODAS DA LOUCURA — POLITEAMA
MANEQUIM DESFIGURADO — EDEN

POLITEAMA

(M. 12 anos) Tel. 426305
Às 21.30
ESTREIA DE ALTA EMOÇÃO E SENSAÇÃO ESPECTACULAR
AS RODAS DA LOUCURA
com Darren McGavin, Sean Garrison, Susan Clark e Anne Baxter
A VIDA DOS ASES DO VOLANTE NUM DESAFIO À MORTE POR GLÓRIA, MULHERES E DINHEIRO
Tecnicolor

HOJE, ÀS 18.30 — SESSÃO ESPECIAL com a famosa obra-prima «O GRANDE AMOR DE UMA GUEIXA» (Cor) — Adultos

SÃO LUIZ

(Adultos) Tel. 327172
As 15.15, 18.15 e 21.30
Gregory Peck — Tuesday Weld
em
ENTRE A HONRA E O AMOR
Ele casado—45 anos! Ela bonita — 20 anos
Um filme de John Frankenheimer
Panavision — Color

ALVALADE

(Adultos) Tel 717400
Às 15.45 e 21.45
Gregory Peck — Tuesday Weld
em
ENTRE A HONRA E O AMOR
Ele casado — 45 anos! Ela, bonita — 20 anos
Um filme de John Frankenheimer
Panavision — Color

LIZ

(M. 17 anos) Tel 48560
Às 21 horas
PERSEGUIDAS NA ESCURIDÃO
A MINHA FILHA É UM PROBLEMA

LIDO

(M. 17 anos) Tel. 937593
Às 21.30 h.
Mais um êxito de Joseph Losey
DOIS VULTOS NA PAISAGEM
Um filme de grande classe cinematográfica!

EDEN

(Adultos) Tel. 320768
ESTREIA HOJE, ÀS 21.45
Um filme de terror invulgar!
Colorido
MANEQUIM DESFIGURADO
Às 15.15 e 18.30 — Últimas exibições — (M. 12 anos)
FALSA TESTEMUNHA

AVIS

(Adultos) Tel. 47163
A 15.30 e 21.45
...Na violência do drama estava em causa
A HONRA DA FAMILIA
com JEAN GABIN
Eastmancolor

BERNA

(M. 12 anos) Tel. 776098
Às 18.30 e 21.45 h.
Peter O'Toole, Ava Gardner e Richard Harris
na espectacular superprodução de Lino de Laurentiis, realizada por mestre John Huston
A BÍBLIA
Um filme de todos os tempos, agora em Panavision de 70 mm. e Technicolor!
À Av. Marquês de Tomar

EUROPA

(Adultos) Tel. 661016
Às 15.15 e 21.30
Uma americana rica.. Uma italiana bonita... Um homem sem escrupulos... Uma aventura a três!
O CEGO DESEJO
com Carrol Baker — Lou Castel — Colette Lesrombes
Eastmancolor — Techniscope

CHIADO TERRASSE

(M. 12 anos) Tel. 320917
Às 21 horas
O HOMEM-ORQUESTRA
RITA — A FILHA AMERICANA

LUMIAR

(Adultos) Tel. 795293
Às 21 h.
OS COMEDIANTES
Complementos escolhidos de curta metragem

ROYAL

(M. 12 anos) Tel 865037
Às 21 h.
CHAMAM-ME... MISTER TIBBS!

MUNDIAL

(Adultos) Tel. 538743
Às 18.30 e 21.45
2.ª SEMANA DE RISO!
Nino Manfredi, Jason Robards, Peter Falk e Martin Landau num filme onde a guerra é mero pretexto de constante diversão!
UM TIRO PELA CULATRA
Technicolor-Techniscope)
Um filme de Nanni Loy
METRO: Estação Picoas

VOX

(Adultos) Tel. 720000
Às 19.30 e 21.45 h
4.ª SEMANA TRIUNFAL!
A mais recente e excitante realização de André Cayatte!
OS CAMINHOS DE KATMANDOU
Grande desempenho de Pascale Audret, Serge Gainsbourg e Elsa Martinelli
(Technicolor)
Junto à Av. de Roma

ODEON

(M. 17 anos) Tel. 326283
Às 15.15 18.15 (p. r.) e 21.30
4.ª SEMANA DE ÊXITO SENSACIONAL COM SARA MONTIEL
no seu mais extraordinário e apaixonante filme de sempre
ESSA MULHER
Emocionante odisseia de uma jovem a quem o destino nega o direito de ser feliz
GRANDIOSA REALIZAÇÃO
ADMIRÁVEIS CANÇÕES
EASTMANCOLOR

RESTELO

(M. 17 anos) Tel. 610375
Às 21.30
SEDUZIDA E ABANDONADA
com Stefania Sandrelli

IMPERIAL

(M. 17 anos) Tel. 45923
Às 21 h.
O CRIADO
ELES COM ELAS

CONDES

(Adultos) Tel. 322523-326710
Às 14.15 16.30 18.45 e 21.45
2.ª SEMANA TRIUNFAL
TRAIÇÃO INVEROSIMIL
com Brunilde Júdice, Lígia Telea, Carmen Mendes, Mário Pereira
Realização de Augusto Fraga

ROMA

(Adultos) Tel. 72778
Às 15.30 e 21.45
...Na violência do drama estava em causa
A HONRA DA FAMILIA
com JEAN GABIN
Eastmancolor

ESTUDIO 444

(Adultos) Tel. 779005
Às 15.30 18.30 e 21.45
12.ª SEMANA
Um filme romântico!
O SILÊNCIO DO AMOR
com Marie Dubois e Matthieu Carrière
EASTMANCOLOR

* outros espectáculos

● LISBOA

TEATROS

GIL VICENTE — Às 21 e 30: «A Maluquinha de Arroios» (17 anos)
VARIEDADES — Às 21 e 45: «A Cozinha» (17 anos)
A B C — Às 20 e 45 e às 23 h.: «Frangos na Grelha» (17 anos).
TRINDADE — Às 21 e 45: «O duelo» (17 anos)
MONUMENTAL — Às 21 e 45: «A casa das cabras» (17 anos).
MARIA MATOS — Às 21 e 45: «O inocente» (17 anos)
VILLARET — Às 21 e 45: «Depois da queda» (17 anos)
CAPITÓLIO — Às 21 e 45: «Querida mamã» (17 anos)
VASCO SANTANA — Às 21 e 45: «A cozinha» (17 anos).

CINEMAS

OLIMPIA — Às 19: «Um dólar nos dentes» (12 anos)
JARDIM — Às 21: «Charada internacional» (12 anos).
PARIS — Às 21: «O escroque» (12 anos)
CINEARTE — Às 21: «Quando o jogo é amor» (17 anos)
MOSCAVIDE—Às 21: «Improviso» (17 anos).
IDEAL — Às 21: «Justine» (17 anos)
CAMPOLIDE — Às 21 h.: «Gerações ultrajadas» (17 anos).
ENCARNAÇÃO — Às 21: «Que rico par» (17 anos).
UNIVERSAL — Às 21 h.: «A Rapariga do Auto-Stop» (17 anos)

● Linha de Sintra

AMADORA — RECREIOS DESPORTIVOS — Às 21 e 15: «Os Irmãos Karamazov» (17 anos)
QUELUZ — QUELUZ-CINE — Às 21 e 15: «O Meu Tio Benjamim» e «O Gangster da Córsega» (17 anos)
CACÉM — S. JOÃO — Às 21 e 30: «O Diabo Era Outro» (12 anos)
MEM MARTINS — CINE-CHABY — Às 21 e 30: «O Bastardo» (17 anos).

● Linha de Cascais

ALGÉS — STADIUM — Às 21 e 30: «Mais Escuro Que Âmbar» (17 anos).
OEIRAS — OEIRAS-CINE—Às 21: «O Caminho Perigoso» e «Chicago, Chicago» (17 anos).
PAREDE — ROYAL-CINE—Às 21: «5 Para o Inferno» e «Os Corruptos» (17 anos)
ESTORIL — CASINO — Às 17 e às 21 e 30: «A Flor do Cacto» (17 anos)
ESTORIL — PALÁCIO — Às 21 e 30: «Chubasco» (17 anos).
CASCAIS — S. JOSÉ — Às 21 e «A Sorte Violou de Barco» (12 anos).

● Outra Banda

ALMADA — INCRIVEL — Às 21 e 15: «Não Sou Digno De Ti» (12 anos)
LARANJEIRO — INSTRUÇÃO E RECREIO — Às 21 e 30: «O Anjo Azul» (17 anos).

● PORTO

TEATROS

SÁ DA BANDEIRA — Às 21 e 45: «...E o Zé faz tudo!» (17 anos).

CINEMAS

SÃO JOÃO — Às 21 e 30: «Requiem por um desconhecido» (17 anos).
COLISEU — Às 21 e 30: «David Copperfield» (12 anos)
RIVOLI — Às 21 e 30: «Rainha por mil dias» (17 anos)
ÁGUIA DE OURO — Às 21 e 30: «Cinco para o inferno» (17 anos).
VALE FORMOSO — Às 21 e 30: «O sósia» (12 anos)
JÚLIO DINIS — Às 21 e 30: «Isadora» (17 anos).
BATALHA — Às 21 e 30: «O gendarme em férias» (12 anos)
TRINDADE — Às 21 e 30: «O Parties» (17 anos)
ESTÚDIO — Às 21 e 30: «Uma mulher meiga» (17 anos)
CARLOS ALBERTO—Às 21: «Gringo não perdoa» e «Fiesta» (12 anos).
OLÍMPIA — Às 21 e 30: «O preço do poder» (12 anos).

● COIMBRA

GIL VICENTE — Às 21 e 30: «O último adeus» (17 anos).
AVENIDA — Às 21 e 30: «A carta do Kremlim» (17 anos).
TIVOLI — Às 21 e 30: «Django desafia Sartana» (17 anos).
SOUSA BASTOS — Às 21 e 30: «A pistola do mal» (12 anos).

farmácias de serviço

● LISBOA

AJUDA — **Lopes Ribeiro**, Rua do Cruzeiro 17 (tel 633288) * **Boa Hora**, R dos Quartéis, 25-27 (tel 637777)
ALFAMA — **Arnali**, R das Escolas Gerais 88-A (tel 863940)
ALVALADE — **Neoterápia**, Campo Grande, 38 (tel 774682) * **Alvalade**, Av da Igreja, 8-A (tel 712070) * **Paris**, R Reinaldo Ferreira, 5-A (ao Pote de Água) (t 710 31) * **Gasparinho**, Rua Dr Gama Barros, 54-A (tel 710465) * **Ideal**, Av Almirante Gago Coutinho, 49-A (tel 712803
AREEIRO — **Vera Cruz**, Praça Afrânio Peixoto, 2-B (à Av. S João de Deus) (tel 724941) * **Onilda**, Av João XXI, 13-A (telef 726848)
ARROIOS — **Oriental de Lisboa**, R de Arroios, 215 (tel 45079)
AVENIDAS NOVAS — **Casmos**, Av João Crisóstomo, 44-C (telefone 40592) * **Universal**, Rua Actor Taborda 5 (tel 44158)
BAIRRO ACTORES — **Nobel**, Rua Actor Vale, 58 (à Fonte Monumental), (tel 842152)
BAIRRO ALTO — **Label**, R Diário de Notícias. 8' (tel 323428)
BAIRRO AMÉRICA — **Martens**, R Fernão de Magalhães 33 (tel 849448)
BAIRRO DAS COLÓNIAS — **Colonial**, R Forno do Tijolo 40 (tel 841122)
BAIRRO DA ENCARNAÇÃO — **Zira**, Praça das Casas Novas Lote 66 (tel 310172
BAIXA — **Morão**, Rua da Assunção, 7 (telefone 321289) * **Estácio**, Rossio, 63 (tels 327067-324224)
BENFICA — **Benfica**, Estrada de Benfica, 678 (te 702532) * **Sousa**, Estrada de Benfica. 429 (tel 780027)
CAMPOLIDE — **Central de Campolide**, Rua General Taborda, 17 (telefone 680304.
CAMPO DE OURIQUE — **Porfírio**, Rua Francisco Metrass, 59-B (te. 663349) * **Ivone**, Rua Silva Carvalho, 232-C (tel 650760)
CAMPO GRANDE — (Ver Alvalade e Lumiar)
CAMPO PEQUENO—**Miranda** Campo Pequeno, 36-B (à Av Sacadura Cabral) (tel 770776)
CARNIDE — **Leal de Matos** Rua Neves Costa. 33 (tel 780181)
CONDE REDONDO — **Dévi**, Rua Conde Redondo, 68 (tel 54342)
ESTRELA — **Martins**, Calçada da Estrela, 167 (tel 660823) * **Paiva & Parente**, Rua de Santo António 98 (tel 665196)
GRAÇA — **Morão**, Largo da Graça. 63 (telefone 860700.
INTENDENTE — **Intendente** Largo do Intendente Pina Manique. 50 (tel 47838
LUMIAR — **S. Tomé**, Estrada do Desvio, 12-C (tel 790704) * **Alameda**, Alameda das Linhas de Torres, 201-B (tel 790942)
MARVILA — **Marvila**, R Direita de Marvila. 25 (tel 386121)
OLIVAIS — **S. Paulo**, R 2, Lote 823 (à Estrada de Moscavide) (Olivais Sul), (tel 3 0711) * **Higiene**, R Cidade Velha Cabral, lote 43 (Olivais-Sul) (telefone 310026
PENHA DE FRANÇA — **Nova Luz**, R Domingos Jardo, 28-A (à Av D Afonso III) (tel 843449)
PICHELEIRA — **Marlus**, Calçada do Picheleira, 40-B (telefs 720703-728395)
RATO — **Soares**, Av Álvares Cabral, (tl 684282)
REGO — **Pontes & Mota**, Rua da Beneficência. 91 (te 773728)
RESTELO — **Ocidental**, Rua D Jerónimo Osório, 8-D (tel 610256) * **Tenera**, Rua Rodrigo Reinel 3-A (na encosta do Restelo) (tel 6118 4)
SALDANHA — (Ver Avenidas Novas)
SANTO AMARO — **Lisbonense**. Rua Leão de Oliveira 2-B (telef 637020)
SANTOS-O-VELHO — **Fontoura de Carvalho**, Rua Santos-o-Velho. 12 (telef 662075)
S. PAULO — **Central**, Rua de S Paulo. 108 (tel 320389
S. SEBASTIÃO DA PEDREIRA, **Sagres** Av Luís Bivar 69 (te 47213 * **Correia de Almeida**, Av Fontes Pereira de Melo, 21-B (te 47385)
XABREGAS — **Romana**, Rua B, 7 (à Rua Marquês de Olhão) (tel 383800)

● Linha de Cascais

ALGÉS — **Miramar**, Rua Ernesto da Silva, 81 (Tel. 212048)
CAXIAS — **Nova**, Rua Bernardim Ribeiro, 1-A (T. 242839)
PAÇO DE ARCOS — **Trindade Brás** — R Costa Pinto, 86 (Te 2432024)
OEIRAS — **Godinho** — R Cândido dos Reis. 98 (Telef 2430090)
PAREDE — **Macau** — R. J. Elias Garcia 60-C (Tel 2471785.
ESTORIL — **S. João**, S João do Estoril, (telefone 26 11 86)
MONTE ESTORIL — **Lopes** — R Hanger, 3 (Tel 260008).
CASCAIS — **Misericórdia**—R. do Regimento, 19, 41 (T 280141) * **Cascais** —R. Conde de Monte Real — Bairro Caixas (Telef. 282407).
S. PEDRO DO ESTORIL — S. Pedro (tel. 263052).

● Linha de Sintra

AMADORA — **Mota** — P. D João I Lote 46 — Bairro Janeiro (T 932756) * **Central** — Av Cardoso Lopes, 25 (Tel 932210) * **Igreja**—P da Igreja, 22-A (Tel 937740) * **Jardim**— Av. Conde de Oeiras, Loja X-1, Reboleira (T 938424)
DAMAIA — **D João V** — Av Gurgel do Amaral. 2-A (Tel 970461)
QUELUZ — **André** — Av Elias Garcia 51 (Tel 950043). **Queluz** — Aven Miguel Bombarda 123-A (Te 95 84
CACÉM — **Central** — R. Elias Garcia 55 (telefone 2940034)
MEM MARTINS — **Quimica** Est Mem Martins. 285 (Te 29 00 2
S. PEDRO DE SINTRA — **Valentim** (tel 980456)
SINTRA — **Marrazes** — L Rainha D Amélia, 20 (Tel 980157)
COLARES — **Colares** — Abreio (tel 299088)

● Outra banda

ALCOCHETE — **Gameiro** — L António dos Santos Jorge, 5 (Tel 234100)
ALHOS VEDROS — **Portugal**, Av da Bela Rosa, 81 (Tel. 224).
ALMADA — **Magalhães** — R Capitão Leitão. 8-A (Tel 270242)
BAIXA DA BANHEIRA— **Nova Fátima** — Estrada Nacional. 221-B (telefone 224141)
BARREIRO —**Avenida** — Av Alfredo da Silva. 88 (Tel. 227342).
COVA DA PIEDADE — **Rainha Santa** — Estrada dos Barrocas, 50-A (telef 2760182).
MOITA — **União Moitense** — Av Dr Teófilo Braga (tel 239025)
MONTIJO — **Moderna**, R Bulhão Pato, 60 (telefone 230156)
SESIMBRA — **Lopes** — R Cândido dos Reis 67 (Tel 229028)
SETÚBAL — **Seromenho**, P. Machado Santos (Telef. 22691) * **Alice**, P do Quebedo (Telef. 23743).
SEIXAL — **Godinho** — L da Igreja 51 (Telef 2218580)

● PORTO

Alves, R, Exército Libertador, 62 (Tel 60002) * **Alves Moreira** Av Rodrigues de Freitas 61 (Tel 51889) * **Antiga Porta do Olival** Campo M da Pátria, 22 Te 24262) * **Avenida**, Av da Boavista, 106 (Tel 60342) * **Barros**, Rua do Bonjardim, 292 (Tel 47032) * **Batalha** P da Batalha, 26 (Tel 29524) * **Boa Hora**, R da Boa Hora, 80 (Telefone 28783) * **Campo**, P da República, 8 (Telefone 25166) * **Couto**, L de S Domingos, 106 (Tel 25963) * **Estácio**, Rua de Sá da Bandeira, 20 (Telefone 22664) * **Menezes de Lima**, P Dr Pedro 1 Pereira, 227 (Tel 51764) * **Nau Vitória**, Rua Nau Vitória, 123 (Tel 490427) * **Silva Pereira**, Rua Costa Cabral, 293 (T 40761) * **Foz**, Rua Senhora da Luz, 382-Foz (T 680 27)

● COIMBRA

Estádio — Rua do Brasil (tel. 24410) * **Miranda** — Praça do Comércio (tel. 23261) * **Baptista**—Praça da República (tel. 23747).

Diário de Lisboa
Renascença Gráfica, S.A.R.L.
Administração e Publicidade
Rua Castilho, 185-1.º
Telef. 65 45 31-2-3-4
Redacção e Serviços Técnicos
Rua Luz Soriano, 44
Telef. 32 02 71-2-3 e 32 11 54-5
End. Tel. DIBOA. Telex 1363
Lisboa — Portugal

A nova Direcção-Geral das Construções Hospitalares entra em funções a 1 de Maio

Dada «a necessidade de ampliar e modernizar a rede hospitalar nacional, e de assegurar íntima colaboração com a Direcção-Geral dos Hospitais» foi aprovado pelo último Conselho de Ministros um decreto-lei que cria no Ministério das Obras Publicas a Direcção-Geral das Construções Hospitalares, para a qual transitam a competência e as atribuições da Comissão de Construções Hospitalares, que é extinta.

Compete á nova Direcção-Geral o estudo, projecto, construção, ampliação, adaptação restauro, conservação e apetrechamento dos estabelecimentos hospitalares, das escolas de enfermagem, das residências de enfermeiras e de outros estabelecimentos oficiais que prossigam actividades de Saude Publica, de idêntica índole gerais ou especializadas, de acordo com os planos e programas elaborados pelo Ministério da Saude e Assistência

A Direcção-Geral das Construções Hospitalares compor-se-á de um gabinete de estudos e planeamento, de uma direcção dos serviços de projectos e outra dos serviços de obras, bem como de uma repartição dos serviços administrativos e de direcções de construções hospitalares no Porto, Coimbra, Lisboa e Évora.

Junto da Direcção-Geral das Construções Hospitalares funcionará um conselho orientador.

O novo diploma especifica a constituição dos quadros de pessoal, vencimentos e provimento. Também determina quais os cargos providos por escolha do ministro das Obras Publicas.

Este decreto-lei entra em vigor no dia 1 de Maio próximo

Soldados portugueses feridos em África são tratados na Alemanha

BONN, 25 — (R.) — Soldados portugueses gravemente feridos em combate nos territórios de Angola e Moçambique têm estado a receber tratamento em hospitais militares da Alemanha Ocidental, anunciou ontem um informador do ministério da Defesa de Bonn.

A assistência está a ser dada aos soldados portugueses ao abrigo do acordo existente entre os Estados membros da N. A. T. O., que tem apenas fins humanitários — acrescentou o informador.

Só num hospital — prosseguiu —, dez camas encontram-se regularmente ocupadas por soldados portugueses vindos dos territórios ultramarinos de Portugal.

O tempo

INFORMAÇAO DO SERVIÇO METEOROLOGICO

TEMPERATURAS EXTREMAS OBSERVADAS NA REDE NACIONAL DO CONTINENTE ATÉ AS 9 HORAS DE HOJE — Monte Estoril, 20°; mínimo Penhas do Saude, — 2°

SITUAÇÃO GERAL — em Portugal Continental, o céu estava em geral limpo e o vento era bonançoso de leste

TEMPERATURAS — Porto, 11°; Penhas Douradas 7°; Coimbra, 12°; Portalegre, 1°; Lisboa, 2° Faro e Funchal, 4°

TEMPERATURAS OBERVADAS ÁS 9 HORAS NA COSTA DO SOL — Na atmostera, 6°,5; na água do mar, 3°,4.

PREVISAO GERAL ATE AS 24 HORAS DE AMANHA

Céu geralmente limpo; vento fraco a moderado dos quadrantes de Norte; formação de geada nas regiões abrigadas do Norte e Centro.

Amanhã
Nascer ás 7 e 33
Ocaso ás 19 e 53

Hoje Dia 2 Dia 10 Dia 18

MARÉS:

PREIA-MAR: **Hoje** — 3 e 52 (4,4 m); 16 e 20 (4,3 m) **Dia 27** — 4 e 34 (4,5 m); 17 (4,3 m) **Dia 28** — 5 e 24 (4,4 m); 7 e 47 (4,3 m).
BAIXA-MAR: **Hoje** — 9 e 8 (0,5 m), 21 e 36 (0,6 m) **Dia 27** — 10 e 0 (0,5 m); 22 e 8 (0,5 m). **Dia 28** — 10 e 42 (0,6 m); 23 e 02 (0,6 m)

ÚLTIMAS NOTÍCIAS

EM JUNIORES

FRANÇA, 0- -PORTUGAL, 0

PARIS, 25 — (E.) — A selecção portuguesa de juniores veio esta tarde empatar (sem golos) com idêntica formação da França no Estádio Jean Bouin. O futebol exibido por ambas as equipas não foi notável. Entretanto, Portugal ficou apurado para a fase final do Torneio de Juniores da U. E. F. A., pois vencera por 3-2 em Lisboa.

DR. ARTUR CUNHA LEAL

Encontra-se internado no Hospital da Cruz Vermelha Portuguesa o conhecido advogado dr. Artur Cunha Leal que ontem de manhã foi vítima de grave acidente.

O dr. Cunha Leal tem diversos traumatismos e costelas partidas.

Fazemos votos pelo seu pronto restabelecimento.

A LOTARIA DE HOJE

NÚMEROS PREMIADOS

43474 — 4 200 000$
22687 — 420 000$
7938 — 240 000$

APROXIMAÇOES AO 1.º PRÉMIO

43473 — 12 870$
43475 — 12 870$

PRÉMIOS DE 12 CONTOS

1531 2721 5771 6140 6185 6715 7288 9913 10008 10118 10295 12006 16538 19755 23758 25492 25844 27278 29451 30845 32354 33292 37131 37175 37405 37698 46211 47243 47370 47676 48346 e 49601.

PRÉMIOS DE 480$00

(Centenas)

7901 a 8000; 22601 a 22700 e 43401 a 43500.

PRÉMIOS AOS ALGARISMOS FINAIS

Todos os numeros cujos três algarismos sejam 202, 288, 396, 433, 633 ou 929, são contemplados com 960$00, em cada bilhete. Aqueles cujos dois ultimos algarismos sejam 03, 15 ou 55, tem direito a 600$00, de prémio. Por ultimo, todos os restantes numeros cujo algarismo final — terminação — seja 4, são premiados com 300$00, também em cada bilhete.

Esta informação não dispensa a consulta da lista oficial.

Dois ciclistas colhidos mortalmente por um autocarro

BRAGA, 25 — Ontem, cerca das 19 e 30, ocorreu na freguesia de Martim de Além concelho de Barcelos, um acidente de viação em que perderam a vida os jovens Joaquim Fernando da Silva Araújo de 17 anos e David da Costa Fernandes, de 9 anos.

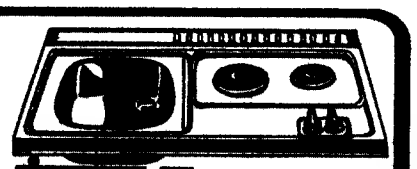
Ambos seguiam numa bicicleta a pedal quando foram colhidos por uma camioneta de passageiros conduzida por António Ferreira.

O primeiro teve morte imediata e o segundo foi levado para o Hospital de S. Marcos, onde faleceu esta manhã.

O MINISTRO DA EDUCAÇÃO

FARO, 25 — Vindo de Lisboa, em avião da TAP, chegou hoje, ás 11 e 45, ao Aeroporto desta cidade, o prof. dr. Veiga Simão, titular da pasta da Educação Nacional que se demorará três dias no Algarve, em visita de trabalho.

VIAGENS DE NÚPCIAS
ITINERÁRIOS SELECCIONADOS
DESCONTOS ESPECIAIS E FACILIDADES DE PAGAMENTO
Europeia
A PRINCIPAL AGÊNCIA DE VIAGENS PORTUGUESA
231, Av. da Liberdade, 235
Telef. 53 61 21
LISBOA - 2

Teka
LAVA-LOUÇA-FOGÃO ELÉCTRICOS OU A GÁS

FABRICADO POR Teka Hergóm
Representante — ANSELMO SANTOS
AVEIRO - APARTADO 130 / LISBOA - R. COR. BENTO ROMA, 12-A
REVENDEDORES EM TODO O PAÍS

FÉRIAS EM PALMA DE MAIORCA E TORREMOLINOS
Uma e duas semanas incluindo transporte de ida e volta, alojamento e todas as refeições desde 1.780$00.
Programas e inscrições:
WAGONS-LITS COOK
Av da Liberdade, 103 — Telef. 361541 e 361521
Av. de Roma, 4 — Telef. 722639 e 722654
Rua Rodrigo da Fonseca, 86 (Edifício Ritz) — Telef. 680632
Porto — Coimbra — Estoril
Funchal — Luanda — L. Marques
Um programa VIAGENS APOLO

FÉRIAS DE SONHO E SOL
VIAGENS APOLO
PALMA DE MAIORCA
pensão completa + avião
8 dias desde 2.980$00
15 dias desde 3.900$00
Partidas todos os domingos, 11 de Julho a 12 de Setembro.
TORREMOLINOS
pensão completa + autopulliman
8 dias desde 1.780$00
15 dias desde 2.840$00
Partidas todos os domingos, 6 de Junho a 19 de Setembro.
Claras-Turismo
Av. Fontes Pereira de Melo, 33
Telefone 560015-563451

LIVROS ESPANHÓIS
A única Livraria dedicada exclusivamente à venda de livros em língua espanhola.
LIVRARIA TORRENS
Rua Antero de Quental, 14-A e 14-B

MAIS UM PRÉMIO GRANDE
22.687 — 2.º PRÉMIO
420 CONTOS
Foi vendido hoje aos balcões da
CASA DA SORTE
A CASA DOS PRÉMIOS GRANDES

CONCESSIONÁRIOS Ford
CAPRI
CORTINA
ESCORT
TAUNUS
TRANSIT
SALÃO DE EXPOSIÇÃO: Av. Fontes Pereira de Melo, 15-A
STAND MODERNO
Rua João Saraiva, 15 — LISBOA (Alvalade). Telef. 71 10 65 (10 linhas)
e concelhos de: CASCAIS — LOURES — OEIRAS — SINTRA e VILA FRANCA DE XIRA
FAÇA GRÁTIS UM TESTE AO SEU CARRO
SERVIÇO DE MECÂNICA ESPECIALIZADO

«ORFEU» NASCEU HÁ 56 ANOS: E SEGUE

MÁRIO (ORPHEU) DE SÁ-CARNEIRO

NA MEMÓRIA DUM PERSONAGEM DA SUA "AMIZADE": ROGÉRIO PEREZ

«Alto, de movimentos descompassados, tinha então certa beleza física que, com os anos e gordura de tronco, foi perdendo até lhe chamarem, e chamar-se a ele próprio, «a grande ursa». Seu grande orgulho foram sempre as mãos, papudas mas de dedos esguios, que fazia tratar em «manicures», então raras em Lisboa.»

Sobre esta biografia (esquecida) **de Mário de Sá-Carneiro** (o poeta na rua e na intimidade), **publicada no Suplemento Literário do «Diário de Lisboa» e assinada por Rogério Perez, passaram já mais de trinta anos. Só que não era o jornalista (R. P.) a falar do poeta (M. S.-C.). Era o amigo a escrever do companheiro grande que, dias antes da sua morte** (sua), **de Paris, lhe mandara a (última) angústia num bilhete postal: «Se eu agora pudesse ir pedir conselho à tua casa da Estefânia...»**

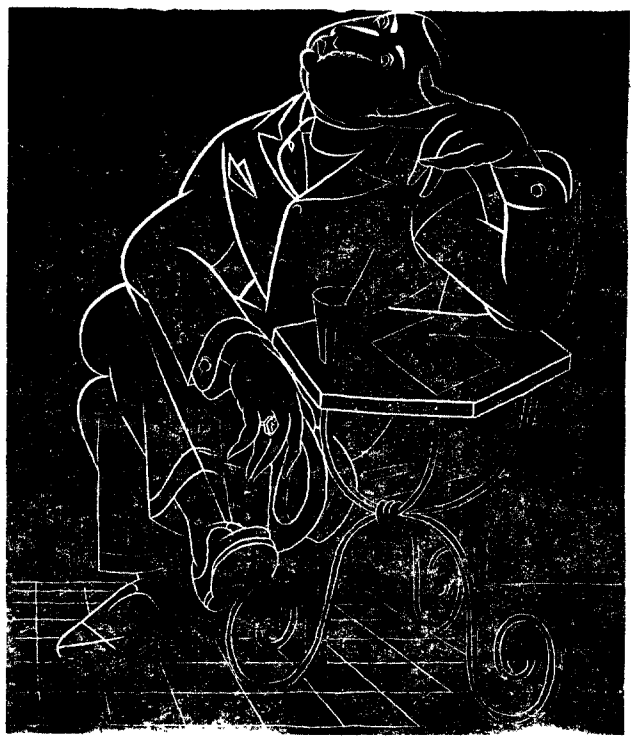
E Rogério Perez aí está, com os seus oitenta anos, a recordar tempos (*bem vivos*) e ainda anteriores a esse (*ultimo*) postal de Paris, escrito agitadamente na mole «letra garrafal mas elegante» do Mário Ele-Próprio:

— *Os primeiros numeros de «Orpheu» foram lê-los a minha casa o Mário e o Fernando Pessoa, e ambos se rebolavam a rir das chicotadas que davam. Luis Ramos, que também usou o apelido de Montalvão, foi também dos primeiros do «Orpheu» e até seu editor, se a minha memória não o baralha com o Ferro. Mas Almada foi dos primeiros em toda a Revolução, desenhada, escrita e vivida, e no companheiro especialmente no Verão, em Santo Amaro d'Oeiras, numa tertulia de que faziam parte o Jorge Barradas e o Roldão.*

TEMPO DE CRÍTICA

Mas o «Orpheu» foi uma consequência. Uma explosão. Uma viagem. Rogério Perez recorda o passado, aprendizagem (*autêntica*), que empurrou Mário de Sá-Carneiro para essa barca metida nas colinas literárias da cidade (morta) antiga.

— *Fomos condiscipulos nos liceus do Carmo e de S. Domingos. 'Recordo os anos a partir de 1905. Fomos companheiros de tertulia na própria casa do Mário, na Travessa do Carmo, com o ponderado Gilberto Rola Pereira do Nascimento.*



Mário (Orpheu) de Sá-Carneiro visto por Almada

E, á parte, uma explicação que pormenoriza o local:

— *Nessa altura, o Mário, já órfão de mãe, vivia, com o pai e uma ama, no segundo andar do prédio da Calçada do Carmo que faz esquina para a Rua do Almirante Pessanha. Daí, a pé, em passeio, ambos (o Mário e o Gilberto) me acompanhavam á minha casa da Estefânia.*

Esse foi o tempo importante. O tempo de crítica.

— *No Liceu do Carmo, o Mário de Sá-Carneiro, a suas expensas, publicou um pequeno semanário académico de que foi director e que intitulou «O Chinó». Nome tirado do postiço de um professor que tinha por aí publicadas umas notas de crítica literária. «O Chinó» era, pois e simultâneamente, uma crítica aos professores e á velha estética dos «consagrados».*

Mas, como tudo o que perturba a quietude das águas (*furtadas*) estagnadas, «O Chinó» teve vida curta:

— *'Moveram-se influências e o pai do Mário retirou o semanário do quiosque do Largo do Carmo (que era o seu depositário) e reembolsou os assinantes. Claro que os professores continuaram quase todos com seu chinó.*

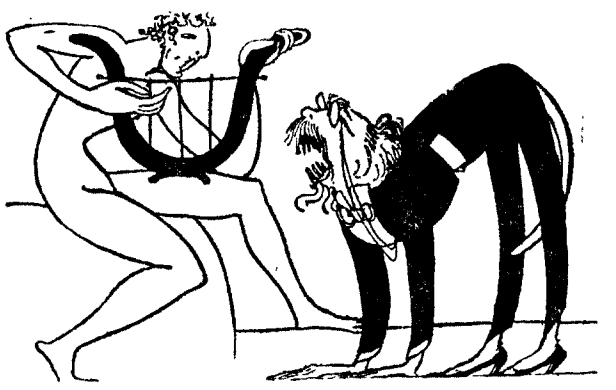
TEMPO DE LEITURA

Rogério Perez revela-nos que Mário sempre leu muito. Sobretudo teatro.

— *O pai levava-o a Paris todos os anos. Quase em todas as férias. E os «vient de paraitre» ou eram lá adquiridos ou comprados na Livraria Ferreira. Ali, na*

(Cont. na pág. 2)

Adelino Tavares da Silva



A Literatura Oficial contempla Orpheu

O 1º TESTEMUNHO HISTÓRICO SOBRE "ORPHEU"

O NÚMERO UM de «Orpheu» explodiu em Lisboa a 21 de Março de 1915. Porém, só vinte anos depois (a 8 de Março de 1935) um colaborador da revista que tanta tinta de escândalo fizera correr adianta um primeiro testemunho histórico: José de Almada-Negreiros, nas páginas do Suplemento Literário do «Diário de Lisboa».

SEXTA-FEIRA, 8 DE MARÇO DE 193[illegible]

Diario de Lisbôa
Suplemento literario

DIRECTOR: JOAQUIM MANSO—PROPRIEDADE DA RENASCENÇA GRÁFICA

UM ANIVERSARIO

"ORPHEU"

Quais as caracterisiticas dessa revista literaria que tão profundamente influiu no pensamento português

21 de Março de 1915
LUIS DE MONTALVOR
+ RONALD DE CARVALHO
FERNANDO PESSOA
+ MARIO DE SÁ-CARNEIRO
+ JOSE PACHECO
JOSE DE ALMADA-NEGREIROS
+ SANTA-RITTA PINTOR
EDUARDO GUIMARÃES
ALFREDO GUISADO
CORTES RODRIGUES
+ ANGELO DE LIMA
RAUL LEAL
ORPHEU

ESTE SUPLEMENTO NÃO PODE SER VENDIDO EM SEPARADO

OS VIVOS & OS MORTOS

UM DESENHO, muito ao estilo do Almada de então, acompanha o artigo evocativo dos vinte anos de «Orpheu»: vê-se nele que à data estão mortos (cruzes) Ronald de Carvalho, Mário de Sá-Carneiro, José Pacheco, Santa-Ritta Pintor e Ângelo de Lima. Fernando Pessoa morreria pouco depois, a 30 de Novembro. Hoje, mais cruzes haveria a acrescentar: Luís de Montalvor, Raul Leal, Eduardo Guimarães, José de Almada-Negreiros. Sobram, portanto, dois da grande aventura «orphaica»: Alfredo Guisado e Cortes Rodrigues.

No artigo em questão, Almada salienta Luís de Montalvor e Ronald de Carvalho como «os primeiros nomes que aparecem»; seguem-se Fernando Pessoa e Mário de Sá-Carneiro; juntam-se a estes José Pacheco, Santa-Ritta Pintor, José de Almada-Negreiros, o brasileiro Eduardo Guimarães, Alfredo Guisado e Cortes Rodrigues; colaboradores especiais: o poeta Ângelo de Lima e o filósofo dr. Raul Leal.

AGORA COMO ENTÃO

Cumprida a missão informativa (o quanto basta), Almada passa logo ao depoimento:

«O escândalo que o aparecimento de «Orpheu» produziu no público, foi e ficou inédito na vida literária portuguesa. Portugal leitor, de Norte a Sul, delirava de regozijo, exactamente como se cada português tivesse sido o achador daqueles loucos à solta. Nem mais nem menos.

Foi essa a reacção mais viável encontrada pelos leitores de «Orpheu» para justificar o incómodo que a revista lhes causou lá em seus ripanços.

Não tinha sido tão conscientemente que fizemos tais rivais. Não os tínhamos adivinhado tão concretos. Pelo contrário, julgávamos os erros que atacávamos e a rotina que queríamos rom-

(Cont. na pág. 6)

S. L.

Folhetim-artístico de José-Augusto França

DO ENSINO DAS ARTES VISUAIS NO ESQUEMA DA REFORMA EM DISCUSSÃO / 5

A PREPARAÇÃO museológica em Portugal, desde que existe, é feita em cursos legais funcionando no Museu Nacional de Arte Antiga, assim, e necessàriamente, na conjuntura portuguesa, considerado museu «normal». Deve-se isso nomeadamente a João Couto, que foi seu diligente e ilustre director — e os museus do País beneficiam ainda hoje de equipas de senhoras por ele formadas.

Assim se constituiu uma rede de conservadores, com certeza que competentes, sem os quais não pode haver uma definição tradicional de museu.

Parece, porém, que essa definição, hoje em dia, tem de ser profundamente *discutida — contestada e reestruturada.*

Por outras palavras: aos museus tal como têm existido (e Portugal não é senão um caso particularmente pobre de uma situação geral) convêm os museólogos que há; conviràn eles a outra definição de museu, necessária no futuro? De museu já não «templo de musas», mas sítio de trabalho e de encontro, foco local de actividades culturais — «Casa da Cultura», em suma, lembrando a ideia malreausiana que, aliás, um recente titular da pasta da Educação, pensou pôr em prática.

NÃO É, certamente, descabido falar em museus quando se fala na reforma da educação, e, mais especìficadamente, na reforma no domínio das ex-Belas-Artes. Eu direi, até, que nestas *não é possível acertadamente falar sem falar em museus.* Na verdade, a reforma não pode confinar-se ou satisfazer-se numa relação docente-discente — ou será apenas de «instrução». Ela terá que exigir (e tal me parece ser, honradamente, o seu espírito) uma projecção ou uma abertura de estruturas — em termos de «educação permanente» que, no domínio em questão, o museu auxilia ou (quase) comanda. O Museu-Casa de Cultura, entenda-se — e não o que lhe faz tristemente as vezes, por esse País fora.

Daí que ao falar, no anterior artigo, num *Instituto de Estudos de Arte* nele tivesse considerado a formação curricular de museólogos — que pudessem vir a ser os directores de tais centros de «permanencia de educação», de «abertura de estruturas», de «projecção» de uma reforma então adequada às necessidades do futuro nacional.

«MUSEU-Casa de Cultura. Museu tradicional e museu moderno. *Museu ainda?...*

Colecção privada, colecção real aberta ao público e entrada, por doação ou revolução, no domínio nacional, o Museu cumpriu durante alguns séculos (uns cinco ou quase dois — depende da maneira de contar) uma função educativa, dinamizada ou acelerada em alguns casos — ao romper a estrutura depósito-de-obras e ao assumir um carácter informativo vivo, mutável e activo, no local ou meio social a que se destina. Assim cumpriu (ou não cumpriu) o museu o seu destino inicial — em *termos de conservação*, mais ou menos melhorados ou actualizados.

O museu guarda e conserva o que há para guardar e conservar, tem, até, descoberto e, até, inventado tais coisas; mas nisso se detém. O caso português é particularmente triste. como efeito de uma *vida socio-artística desde sempre indiferente* (oh «astro maligno perseguindo as Belas-Artes», de que falava o bom Machado de Castro!...). Nenhuma experiência, nenhuma vida cultural polarizada nas suas salas cheias de coisas e não de pessoas. Excepção de boa vontade do Museu de Arte Antiga; regra de má vontade do Museu de Arte Contemporânea...

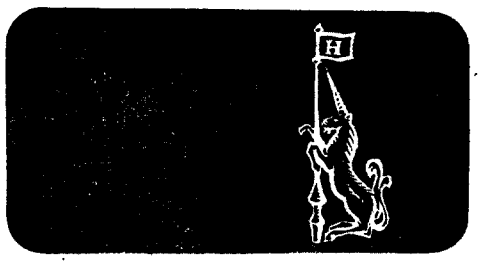
Não é da política deste ou daquele museu, ou de outro qualquer, que aqui quero tratar. Nem da necessidade de um museu de arte moderna — nacional e internacional. Nem da maneira possìvelmente municipal de resolver o primeiro, nem da maneira paradoxalmente mais simples de resolver o segundo... Apenas cabe neste folhetim pôr *a hipótese actual de o tempo ter deixado de ir para museus, ou seja, de não fazer mais sentido a convenção museu, com o seu código e a sua praxis.*

E de relacionar aquilo que o substitua (até com o mesmo nome...) com a reforma do ensino artístico e outro. Necessàriamente, indispensàvelmente.

FAZER de cada museu regional ou municipal um centro vivo de cultura onde se prolongue a referida reforma — que de mais apropriado à intenção cultural que parece norteá-la?

Por outras palavras: os museus que existem entre nós não existem — não prestam serviço. A culpa é deles, mas também do esquema cultural em que se inserem e de que são vítimas. *Aproveitemos a conjuntura para lhes propor outro esquema.* Parece possível e oportuno. E, sobretudo, não nos esqueçamos de que este é, ou pode ser, um elemento fundamental de uma mutação cultural da Nação.

...QUE NAÇÃO sem arte não o é. Limito-me a lembrá-lo.



Mário (Orpheu) de Sá Carneiro

(Cont. da pág. 1)

Rua do Ouro. Ou na Tabacaria Mónaco. Ainda, ali, no Rossio.

Mas, para ele, o teatro era um acto de leitura comum.

— *Comprava muitas peças na Livraria Franco e no Napoleão da Vitória. Depois, lia-as ou líamo-las em casa, dando grandes discussões ou motivo a cenas coléricas. É que Mário de Sá-Carneiro era um exaltado. Tinha furias que acabavam, mais tarde em ternura. também exagerada.*

E, á conversa, vem a cena de uma dessas «leituras» em sua casa da Calçada do Carmo.

— *Mário chamou-nos, a mim e ao Gilberto Pereira do Nascimento, para nos ler uma peça. Mas, essa, escrita por ele. Como, no final, o contestámos, Mário colérico expulsou-nos de sua casa. Atirou-nos, depois, pela escada abaixo, as folhas onde, em letra garrafal mas elegante, tinha escrito a peça. No dia seguinte, estava terno a pedir-nos desculpa a ambos. Era assim o Mário.*

Mas, fora este episódio, Sá-Carneiro, pode dizer-se, era mais um homem de ler os outros do que de se ler a si próprio.

— *Mário lia tudo. Tinha sempre actualizadas as suas leituras. O que acabava de aparecer. Apenas, aos domingos, parava. Ou para ir á quinta que tinha em Camarate. Ou, só, para andar interminàvelmente a passear de automóvel na Avenida. Era o seu capricho.*

TEMPO DE TEATRO

Sá-Carneiro foi representado por Rogério Perez — actor na passagem de amador a profissional, quando trocou a sua carreira pela de jornalista. Foi assim:

— *Um dos seus primeiros contos, o «Sexto Sentido», foi-me dedicado e sua foi uma peça de teatro, «Amizade», que eu, com o Mário Duarte, levei a cena no Clube Estefânia. Ainda lá esteve uns dias e, nas primeiras representações, altamente contestada. Era natural. A «Amizade» defende que, entre pessoas de sexo diferente, tal sentimento era, no fundo, apenas isso, sexo. Ainda que nos doesse, muito nos rimos com a reacção do publico.*

Mas esta «amizade» de Sá-Carneiro ao Teatro vinha de longe. Não só de o ler, mas até de o representar

— *No Liceu de S. Domingos eu e o Mário tomámos parte em muitas récitas anuais. Ele foi mesmo o autor duma revista que se representou no Ginnásio e de outras peças que não chegaram a ir a cena. Mais tarde, quando se falava muito do Teatro Livre de Antoine, quis-se imitá-lo criando a Sociedade de Teatro Novo. Sá-Carneiro era quem organizava recitais e, duma vez, para pagar as despesas, chegou até a pôr no prego o seu belo Longines de ouro. Por essa altura, queria-se levar «Les Fossiles» de François de Curel, uma das peças escolhidas em leituras comuns. O próprio Mário foi quem escreveu a pedir a sua autorização.*

Isto sem deixar de se preocupar com o trabalho próprio.

— *Dessa data e de Mário de Sá-Carneiro tenho livros dedicados «ao mais querido amigo velho». Por esse tempo, escrevia ele a «Confissão de Lucio», onde aparecem retratadas algumas figuras daquela época.*

TEMPO DE IR DE BURRO

Entretanto, Sá-Carneiro vai para Paris. De lá escreve o postal a Perez, invocando a casa da Estefânia, longe da qual ia morrer com aquele grande desejo de *(quando morresse)* ir de burro. Rogério Perez, o personagem constante da sua «amizade» conta:

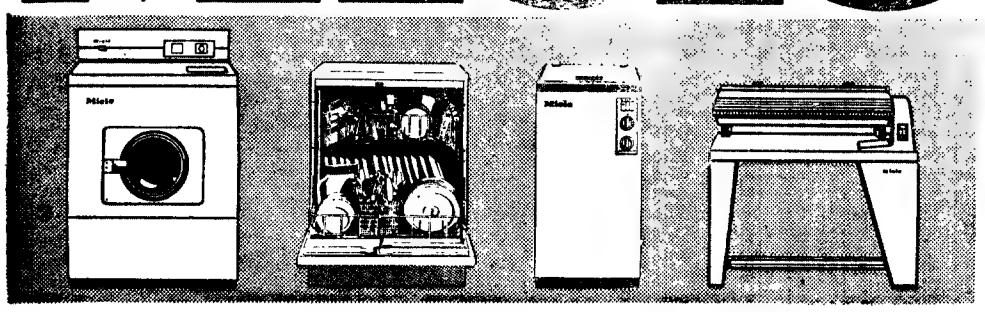
— *O fim do Mário julgo haver tido como causa a sua incapacidade para afrontar a vida material e estar ausente em Africa o pai que sempre lhe havia resolvido o problema. Houve no final uma mulher que não conheci. Quem ao Mário assistiu no final foi o Araujo que vivia em Paris e a quem ele chamou ao hotel, mas quando já era tarde. Araujo foi encontrar o Mário já morto, terrìvelmente inchado o ventre, pela droga que tomou. Ao Araujo dei em agradecimento, por ter acompanhado o Mário até á campa, alguns dos livros que dele tinha.*

Mário de Sá Carneiro morreu pouco depois do «Orpheu».

ADELINO TAVARES DA SILVA

Rogério Perez, Rolla Pereira e Sá-Carneiro

Miele



O conforto total
entra em sua casa com **Miele**

Os electro-domésticos MIELE evitam-lhe todas as fadigas e preocupações. São criados "inteligentes" que cuidam, como V. Exa. própria, de tudo quanto lhes confia.

Distribuidor oficial :

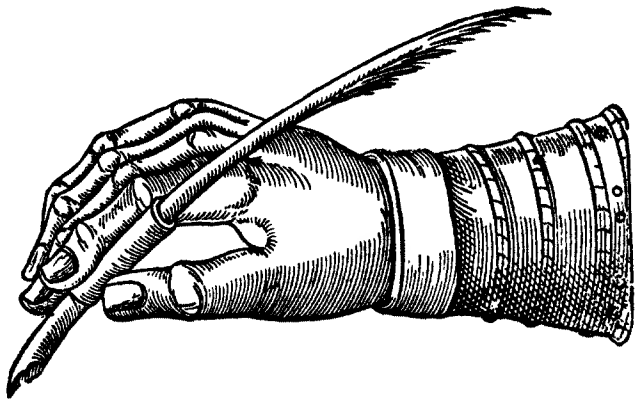
AGENTE OFICIAL:

LAR INDÚSTRIA

de João da Silva Pires

Av. António José Gomes, 2 — Tel. 2761497 — COVA DA PIEDADE

Poesia & Não



(ESTAS) DÚVIDAS

por Nelson de Matos

FIAMA HASSE PAIS BRANDÃO
(ESTE) ROSTO
INICIATIVAS EDITORIAIS
LISBOA, 1970

A dúvida do tempo incerto
não aquieta,
nem a guerra, o lenço muito
molhado das mulheres
deixadas
em campos rentes com o gado
sem cuidado esparso em plantas
secas.

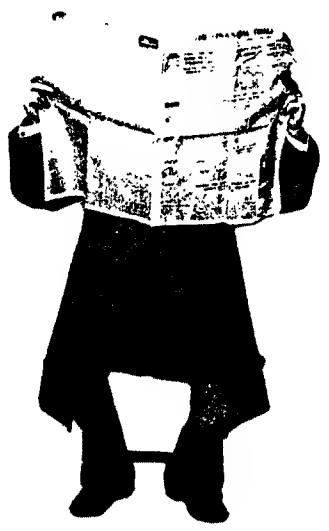
O LIVRO de Fiama é um livro difícil. Quer isto dizer que ele nos põe sérios problemas de leitura: constantemente se nos furta, nos obriga a reformular, com persistência, a nossa posição perante ele. Trata-se sem dúvida de uma linguagem «*obscura*» — no sentido em que uma certa ideologia deixou de poder aí reconhecer-se. Esta «*obscuridade*» é portanto a marca de uma ruptura — precisamente a que as formas do pensamento moderno acabaram por introduzir no universo tradicionalista e burguês. Natural, portanto, que este universo aí se não encontre e esta escrita se lhe escape como a névoa dos valores em que se apoia; natural, pois, que ele seja levado a recusar um tal livro que assim lhe foge e o repudie com a mesma força com que se aniquila o que nos nega.

(ESTE) ROSTO é no final apenas o reflexo de cada um dos nossos — e talvez por isso (mas não só) o pronome *este* se encontra aqui elidido pelo parêntesis. Trata-se de um jogo de espelhos em que constantemente nos somos obrigados a rever, de vários discursos que se entrelaçam através de itálicos, de travessões, de parêntesis, na própria figura da estrofe encarada autònomamente. Trata-se, sem dúvida, de um círculo cujo centro é o nosso próprio rosto — este rosto comum, incerto, ressequido, paralisado pela dúvida como as plantas que não crescem:

Não terão fortuna as plantas, mas vergastas de vimes,
nestes canais de rega (...)
. . . . . .

O que fundamentalmente este texto nos propõe é um trabalho de nomeação: a dos sentidos que nele se entrelaçam. Ler é pois percorrer esta escrita através de uma outra escrita, encontrar relações, desfazer laços obscuros, restabelecer ligações procurar-lhe os sentidos. Mas procurar os sentidos é nomeá-los. Nomeá-los é encontrar novas relações, novas semelhanças, novos sistemas que exigem também, por sua vez, ser nomeados. E é neste perpétuo movimento, neste círculo em que o nosso discurso desvenda e se encontra com um outro discurso emerso no texto, neste entrecruzar de duas vozes que a si mesmas se definem que o único *sentido* do texto verdadeiramente acontece e se produz.

Esta sem dúvida a única justificação de uma leitura. Interpretar um texto não é dar-lhe *um* sentido (ainda que fundamentado) mas percorrê-lo num movimento paralelo ao da sua própria produção de modo a encontrar o sistema de relações que a esse sentido constituem. Ler não é portanto um gesto de expectativa, um puro acto de ver, de estar perante a imagem de uma escrita *fetichizada* pela «criação». Ler é um trabalho, uma prática sem dúvida semelhante à da própria produção do texto,



um acto lexicológico — ou lexicográfico já que, como diria Barthes (1), eu escrevo a minha leitura. Ler é pois nomear. E nomear é interpretar, produzir:

Seriam os nomes ver-se-iam assim árvores
toda a paisagem a sua implantação: eis
mais uma vez árvores (já floriram já antes
emurcheceram) são chamadas: cyparissus,
[silvas,
símbolos. Assim não permanecem, não ger-
[minam
antes de palavras — sendo a abelha (o nome
[apis)
que as fecunda: disse-se o léxico óvulo a
[semente
a terra (a terra) os séculos as línguas mor-
[tas estas
novas palavras. É neste fio que o insecto
[segue
o seu percurso (vivo) sobre o nome apis
[aracne teia
. . . . . .

O léxico, o óvulo, a semente, a terra — o material da produção; a abelha que fecunda — o trabalho, a produção; as novas palavras os símbolos — a matéria; a árvore. Vê-se pois como o próprio texto sobre si mesmo vai reflectindo, nomeando, descrevendo. Um círculo que se intenta encerrar. O lugar de um nome que as palavras vão envolvendo, explicitando, produzindo. Nesse movimento o texto se re-cria e se prolonga na expectativa de uma leitura que lhe dê por fim um outro modo de ser.

Ler é pois acompanhar o trabalho da escrita, re-produzindo-a e re-formulando-a em novas dimensões, articulá-la, re-compô-la, conceder-lhe a existência e o sentido que a letra morta sobre a brancura da página fazem momentâneamente esquecer. A letra é a matéria; ler é um trabalho, a produção, o gesto de violência que instaura a letra no espaço, na história, lhe confere um lugar, um tempo e um sentido. Mas ler é também um gesto de destruição, uma tentativa de fractura, a instauração de uma linha onde o texto se desliga do discurso que o produziu e se torna ele próprio uma nova matéria disponível e produtora.

Produtora de quê? — diremos. Sem dúvida que de um *sentido* (ou de vários *sentidos*); de uma verdade que se instala na teia de outras verdades; da ironia corruptora do já feito e do já dito; da violência que destrói, que constrói, que aponta; da *diferença*, da distância, da ruptura com os códigos e as referências precedentes; sem dúvida que também dos novos textos, das novas palavras com que chamaremos as coisas, analisaremos as coisas. É neste movimento que o texto se descentra, se anula na sua figura de objecto para depois se alargar distender se instalar no espaço das ideias e marcar na história uma presença indelével.

★

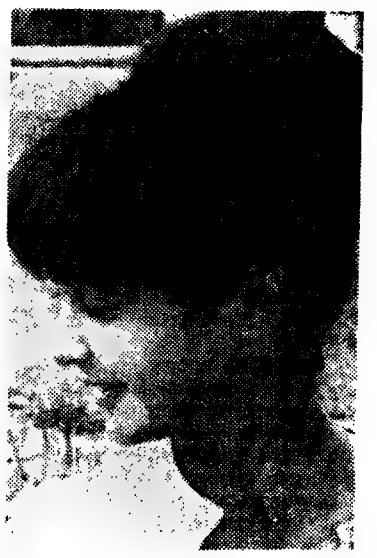
Dizer que Fiama surgiu integrada num grupo de poetas que se tem designado por *Poesia 61* não diz de facto muita coisa — a não ser talvez o situá-la em relação a uma geração que de certo modo a enquadra. Mas se é apenas de certo modo que a enquadra é porque ela também de certo modo a excede. E é nesse seu excedê-la na diferença que este seu livro aí irremediàvelmente marcou, na superação de um pressuposto de *escola* que afinal, diga-se, nunca esteve de facto vincadamente presente, que nos será possível escutar a voz que ao seu discurso anima e o modo como essa voz (através desse discurso que a diz) afinal se inscreve num tempo.

. . . . . .

Não só as areias mas as terras que pode-
[riam erguer-se
semeadas
agora põem grãos sobre outros grãos e nada
progride entre sulcos e vultos
de semeadores pensando
as várias razões da vida.
. . . . . .

Não existe de facto um «grupo» *Poesia 61*. Como aliás não existe um «grupo» *neo-realista* ou um «grupo» *presencista*. Isto, evidentemente, se tomarmos *à letra* o significado de «grupo». Que semelhanças haverá por exemplo entre as poéticas de Gastão Cruz e Teresa Horta, ou entre Carlos de Oliveira e Joaquim Namorado, ou entre Régio e Casais Monteiro? Bem poucas, decerto, para além dos pressupostos da *geração* em que surgiram e aos quais a crítica, por mera comodidade ou até por incapacidade de análise mais aprofundada, se habituou a ligá-los.

O que quase sempre os relaciona, mais do que uma linguagem, mais do que uma mesma concepção do fenómeno poético, é afinal a voz que os inscreve num tempo no qual todos eles contraditòriamente se situam. Tempo de que de algum modo nos dão testemunho através da forma como o *lêem* e nos seus textos se acaba talvez por esclarecer um pouco. Tempo que, evidentemente não é aqui apenas uma mítica referência mas sobretudo um sistema de relações em que essa voz fatalmente se move e por ele é em grande parte motivada.



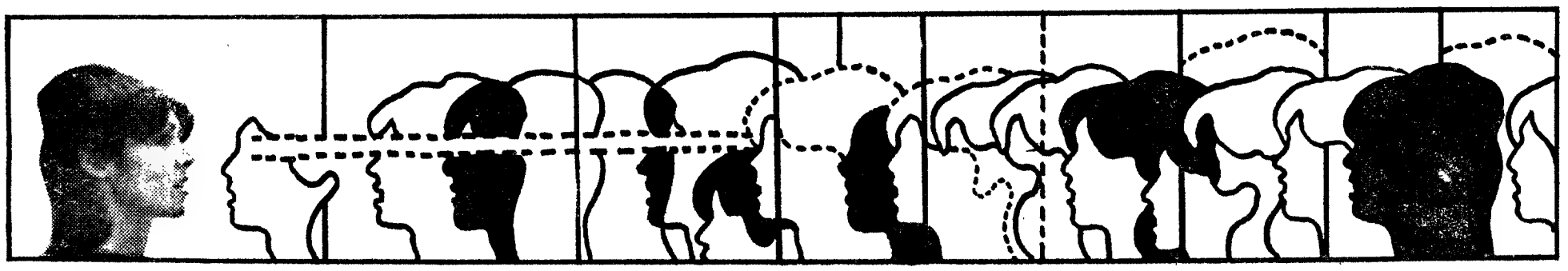
Fiama: um livro que põe sérios problemas de leitura

Foi a fragilidade do acto crítico (temporal, provisório, inacabado quase sempre de circunstância) que como «grupo» os acabou por ligar. Tal ligação tem pois muito mais que ver com a situação num tempo que a todos foi comum do que pròpriamente com um projecto de trabalho em que se envolvesem. Tal projecto, se existiu, diz apenas respeito ao modo como polèmicamente eles se situaram em relação à poesia que os antecedera (Régio, *neo-realismo* sobretudo) e também àquela que no seu próprio tempo se estava praticando. Tratava-se fundamentalmente de pôr em causa uma linguagem, um processo, uma elaboração, um modo de dizer e pensar esse dizer e, simultâneamente, a formação ideológica que esse discurso sem cessar recobria e apagava.

Dos conseguimentos atingidos nos fala não o «grupo» mas a trajectória individual que cada um deles acabou por percorrer. No caso de Fiama isso é agora mais do que evidente. Em muito pouco este seu último livro terá a ver com aquilo que a crítica mais apressada se habituou a ler em *Poesia 61*. A não ser talvez pelo mesmo cuidado na elaboração da escrita, a mesma exigência de rigor (que Eduardo Prado Coelho e Teresa Horta confundiram com *austeridade*), qualidades que há muito não encontrávamos assim tão efectivamente conseguidas. Devemos aliás desde já reconhecer — embora entrando num tipo de discurso de cujo rigor não só duvidamos como procuramos sobretudo pôr em causa — que *(Este) Rosto* é um texto que se destaca da nossa actual produção poética, que a excede, que lhe aponta e lhe abre um caminho novo, que a provoca e ironiza, que a faz enfim (e nos faz) estremecer de espanto e alegria. Este rosto é o nosso — o rosto de um país.

(Continua)

(1) Roland Barthes, «S/Z», Ed. du Seuil, Col. Tel Quel, Paris, 1970, pág. 17.



Prontuário das Letras

Borges, a avaria e António Ferro

Em 1921, regressando de Espanha a Buenos Aires por via marítima, o então jovem Jorge Luís Borges escalou casualmente Lisboa, aonde o trouxe uma inesperada avaria do barco. Aqui travou conhecimento com o então jovem António Ferro Cinquenta anos depois o superfamoso escritor argentino, entrevistado por Joaquim de Montezuma de Carvalho (cf. «Diário de Notícias», Funchal, 9-3-1971), dirá de sua justiça:

— Foi então que me surgiu nesse hotel um jovem de minha idade. Não sei como nos conhecemos. Sei que foi no hotel e desde o primeiro contacto, ficámos amigos. Chamava-se António Ferro. Todos os dias aparecia no hotel e todos os dias conversávamos. (..) Como recordo bem António Ferro, muito vivo, muito gentil, muito imaginativo! Não posso recordar Portugal sem recordar António Ferro. O único escritor português deste século XX que realmente conheci, tratei e estimei.

Tentando reconstituir o Ferro e o Borges dessa época, Joaquim de Montezuma de Carvalho acrescenta: «António Ferro andava mergulhado em modernidade e saboreava todos os «ismos» (o futurismo, o paulismo, o interseccionismo, o sensacionismo), fixando-se sobretudo neste, na sua posição de antilírico e no gosto gongorizante pelas extravagantes metáforas. Em 1920, um ano antes de Borges arribar a Lisboa, publicara um livro de poemas modernos. *Árvore de Natal*, que seguramente terá oferecido ao seu amigo argentino, mais novo do que ele apenas quatro anos. Um António Ferro que vinha do modernismo. Um Borges que se iniciara no modernismo ultraísta, também com seu apego a metáforas gongorizantes, seu antilirismo».

Abonando-se de Montezuma de Carvalho, o Prontuário dirá apenas que qualquer semelhança com personagens reais não é pura coincidência

O filho do cervejeiro

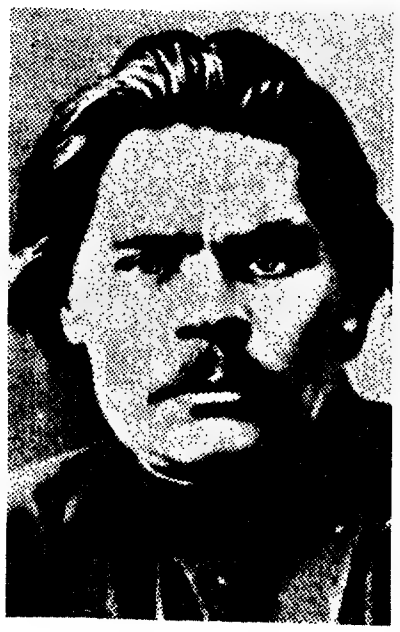
Filho de um cervejeiro de Besançon, Pierre-Joseph Proudhon (1809-1865) **foi um dos teóricos mais em voga do século passado, com grande influência em muitos socialistas portugueses coevos. Crítico de Fourier, Louis Blanc, Karl Marx (este dedicou-lhe a violenta *Miséria da Filosofia*), pensador por vezes confuso, marcou não obstante toda uma geração europeia. A Estampa acaba de traduzir-lhe *Qu'est-ce que la propriété?* (1840), em português *O que é a propriedade?*, aliás complementado por um volume posterior, *Théorie de la propriété* (1865). A ler, se se quiser, com o apoio dos levantamentos históricos de Victor de Sá**

Borges: avarias

Alexei amargo

Alexei Maximovitch Pechkov, nascido em Nijni-Novgorod há 103 anos, ficou órfão de pouca idade. Desprovido de cultura, levaria uma vida errante e difícil antes de se lançar corajosamente (como autodidacta) no mundo das letras. Conhecêmo-lo hoje pelo nome de Máximo Gorki — e talvez muita gente não saiba que a palavra russa «gorki» quer dizer «amargo».

A sua obra conhece agora em Portugal um interesse redobrado. Depois dos Estúdios Cor e da Presença, duas outras editoriais resolveram publicar Gorki: no Porto a Inova e em Lisboa a Início. São da Início as recentes traduções de *As minhas universidades* (1923) e *Correspondência*. Qualquer delas a ler, sobretudo a última, extremamente curiosa pelo estilo epistolográfico do romancista e pela personalidade dos seus interlocutores.



Gorki: interesse redobrado

Pronto para ler.

CAMILIANA — Mais uma achega: *Camilo visto por Freitas Fortuna, seu Amigo e seu «Irmão»*, de Adriano Coutinho Lanhoso. Edição da «Casa de Camilo», com abundante material fotográfico.

TEÓFILO, Eduardo — Crónicas na Editora Pax: *Tempo para meditar*. Do racismo às enfermidades da democracia passando por Gheorghiu, Ehrenburg e Fidelino de Figueiredo Textos publicados, na sua maior parte, em *A Província de Angola*.

WEYERGANS, Franz — Um guia para o cinéfilo: *Tu e o Cinema*. Tradução de Ruth Delgado, com a chancela da Livraria Civilização.

INFLAÇÃO — De Inglaterra para o nosso País: *Inflação e Sociedade*, de Graham Hutton. O tradutor, Manuel Henrique Pereira, juntou-lhe o apêndice intitulado *A inflação na sociedade portuguesa* (ed. Livraria Civilização).

BRAND, Millen — Autor de *O sono selvagem* (Ed. Minerva), romance que a crítica norte-americana classificou de «obra-prima», «documento excepcional» e «livro admirável e intrigante». Tema: as psicopatias no mundo contemporâneo.

ARRIAGA, Noel de — «O poeta cristaliza o exercício da redondilha, em que é mestre consumado, da rima e da cantiga trovadoresca. Faz lembrar, naturalmente, António Nobre, Cesário Verde, António Boto. Acolhe as ressonâncias da quadra, da composição que nasce inspirada, quase pronta, de um comportamento poético que se compraz em observar a vida com ares de filósofo triste, sem penetrar no seu fluxo poderoso. Reflecte a herança portuguesa do mar, nos campos das amadas subtis. É uma poesia-resumo da trova portuguesa, revestida de modernidade». Ou Noel de Arriaga, editado agora em terras de Vera Cruz, visto pelo sr. Hélio Pólvora, crítico (?) do *Jornal do Brasil*.

PATTON, realização de Franklin Schaffner Argumento de Francis Coppola. Fotografia: Fred Koene Kamp. Música: Jerry Goldsmith. Intérpretes principais: George Scott, Karl Malden. Em 70 m/m

CLARINS AO LONGE

APÓS um estrondeante genérico, a primeira ave que vemos no «écran» de 70 mm agora fotografado em dimensão 150, não é o presumível falcão mas um abutre. A câmara desce por colinas, por dunas e espreita para um imenso vale. As tropas expedicionárias americanas acabam de sofrer, em Kasserine, uma derrota face ao *Afrika Korps* de Rommel. O campo está juncado de cadáveres e as mulheres árabes encarniçam-se sobre os soldados mortos, despojando-os de relógios, anéis, correntes, roupas.

Esta cena de rapina passa-se no silêncio. No entanto, ao longe, os clarins começam gradualmente mas sempre com mais força, a soar no deserto.

Depois desta *ouverture*, o quadro está pronto para o filme e para o seu herói. O pré-genérico era uma declaração de princípios feita por Patton, uma mistura de Billy Graham, senador Mac Carthy e América à frente, num uniforme que lembra o dos ditadores sul-americanos (ou dos europeus passados de moda).

Mas agora vai haver acção, movimento — ou seja, a especialidade de Patton, tanques a rolar apoiados por um tremendo poder de fogo e total cobertura aérea — o célebre furacão de ferro e de metralha que, na Normandia, através da brecha de Avranches, iria dar a estocada mortal no Exército Alemão de Oeste.

No entanto, esse momento marca, neste filme militar (mas não militarista), a inteligência táctica do realizador (Franklin Schaffner) e do argumentista (Francis Ford Coppola).

'A história não vai ser uma mastigação das campanhas de Patton, com uma série monótona de batalhas. É o retrato psicológico de uma personagem, controversa e ainda mal estudada que está em jogo. O abandono do filme de guerra rotineiro torna-se a primeira vitória de uma obra ambiciosa. A segunda é a insistência no tratamento polémico da personalidade de Patton. O seu fascínio e a sua repugnancia. A sua eficácia e o seu amor sensual pela guerra («Meu Deus, como eu gosto disto!»).

UM MAGNÍFICO ANACRONISMO

PATTON — sabe-se logo desde o início — foi produzido dentro da máquina de Hollywood. Talvez já nem valha a pena repetir que, embora a estrutura comercial da mesma Hollywood se tenha modificado profundamente, os limites á liberdade criadora continuam a fazer lei. Por isso Schaffner jogou no seguro. O resultado dessas cautelas é a ambivalência e a ambiguidade da personagem Patton acabar por banhar todo o filme. Ou, por outras palavras,

O TRIUNFO D

por Jos

«Meu Deus, como eu gosto disto!» — gen. biografado num filme militar mas não mil

MOZART: O AMOR SEM FIOS

por Jo

— «Je ne puis t'expliquer mon impression: c'est une espèce de vide.. qui me fait très mal...une certaine aspiration, qui n'est jamais satisfaite et ne cesse donc jamais, qui dure toutours et même croit de jour en jour».

(Carta de Mozart à sua cara-metade, Constance)

TENDO-SE EXECUTADO o D. João, e tendo estado — poucos suplementos atrás — a maldição na ordem do dia pelas constantes briguinhas e tomadas de posições (o lugar ao sol e à sombra) de quem por aí viciosamente circula, será bastante oportuno falar de Wolfgang Amadeus Mozart e da sua maneira de não estar no mundo, e da sua estética da desarrumação higiénica. Tanto mais que a depuração dos malditos (muitos são chamados, mas...) é resultante da geometria mental e da carência de se ter o miolo arrumado, além das necessidades oficiais de uma zoonomia actualizada (estamos em tempo de Recenseamento), isto é: a classificação da fauna urbana e as suas posições úteis para um funcionamento eficaz O Progresso.

Para um cidadão orbitando numa zona centrifugada, pouco sujeita a pressões sensíveis do exterior (normas, deveres, tempos, etc.) a maldição aparece como tentativa à posteriori de religação ao meio social, tanto mais que é o uso (mas não abuso, claro) de receitas e fórmulas (bebedeiras, metafísicas; folclore; o elemento lúdico introduzido nas hierarquias sociais pelo copo de 3) que justificam esse tipo de comportamento. Será possível um comportamento a solo, possível de uma não contaminação e não absorvido?

Consideremos os seguintes dados:

— O maldito precisa tanto de comer como um funcionário público, a não ser que ande de dieta.

— A evasão é impossível, porque todas as zonas são vigiadas, não só pelos fiscais, mas pelos deveres prévios.

— O bem-estar-ordem-progresso absorvem todos os interesses particulares desde que rodem na faixa própria.

— A Madalena só está comigo às quintas-feiras (geralmente).

Dado que a centrifugação não resulta porque a marginalidade já foi absorvida, a única coisa a fazer é a descentralização, ou utilização lúdica das orientações, sentidos, finalidades, como meio possível de imunizar o centro geométrico. Veremos como Mozart conseguiu isso através da sua estética e da sua vida, isto é, da (in)disposição da escrita.

Como o leitor deve estar lembrado, a força centrífuga varia directamente com o quadrado da velocidade; isto é muito importante se atendermos a que a velocidade — não só no aspecto de mais ou menos notas por tempo, mas na relação entre as grandezas sonoras espaciais e as temporais que produz um certo «ethos» contagiante — é um elemento fundamental em Mozart.

Como me dizia a Ana há um ano num «self-service»,

DA AMBIGUIDADE

Por José Vaz Pereira

quando se pretende criticar sucede-se a glorificação.

Mesmo assim e, no plano histórico, encontram-se elementos positivos. A máquina de guerra aliada conduzia operações contra um polvo monstruoso e as tropas do Eixo em parte alguma eram recebidas como libertadoras o que não sucedia (com razão ou sem ela) com os seus adversários. Mas isso não impede de, pela primeira vez e corajosamente, o cinema mostrar que alguns comandantes aliados estavam obcecados pela glória pessoal, não hesitando para isso a sacrificarem os seus soldados ou a retardarem a libertação de populações oprimidas. Estão nesse caso a corrida de Patton para entrar em Messina antes dos britanicos ou a teimosia

— gen. Patton, não militarista

de Montgomery em ser sempre a vedeta, quando não o comandante-em-chefe n.º 1. Os conflitos de um e de outro com Eisenhower demonstram que a camaradagem de armas era frequentemente obscurecida por caprichos de *prima donnas*.

O temperamento de Patton tem, aliás, um magnífico retrato *robot* logo no pré-genérico. Toda a figura do homem exala fetichismo: as botas altas tão raras nos oficiais norte-americanos de alta patente, os revólveres á cintura, estilo «cow-boy», o pingalim autocrático, a constelação de medalhas, os anéis agressivos e a corrente no pulso. Claro que essa arrogancia está em desacordo com quase todas as fotografias ou filmes reais de Patton, que fardava mais democráticamente. Mas o exagero aqui não deixa de sublinhar o carácter deslocado deste guerreiro perdido na tecnologia do século XX — um «magnífico anacronismo» como o classificava o oficial de inteligência alemão, encarregado de coligir informações sobre o seu demolidor inimigo.

FORJANDO O MITO

PATTON é outro triunfo — o de um actor excepcional que domina o filme George C. Scott e que dá perfeitamente a agressividade e o irrequietismo (e também o reaccionarismo) do homem que queria chegar primeiro a Berlim, mas também «marchar» sobre Moscovo. A hipótese dos aliados atacarem Berlim e a conquistarem e serem daí afastados por decisões políticas é uma das lendas da guerra fria.

A marcha das colunas blindadas de Patton deteve-se a «90 km de Praga». A sua operação foi, mesmo na fase de desmantelamento da máquina de guerra nazi, algo de fulgurante. Patton, já com louros na Africa do Norte e na Sicília, rompeu a frente alemã em Avranches e sem se preocupar com operações de limpeza dos milhares de inimigos cercados, lançou as suas vanguardas sobre Chartres e Orleams. Levantou o cerco de Bastogne, nas Ardenas, e fez uma contra-ofensiva vitoriosa. Conquistou Metz e o III Exército, passado o Reno, penetrou profundamente na Alemanha.

Patton *(filme)*: *retrato psicológico duma personagem controversa*

Patton era, no entanto destituído do seu cargo logo após a vitória. As suas catelinárias contra os russos (os verdadeiros inimigos, segundo ele dizia) provocaram o afastamento. Patton queria transformar em quente uma guerra fria que ainda não fora declarada. Executaria assim um dos sonhos de Hitler e para o qual a agonizante diplomacia nazi tanto lutou e intrigou: levar a vias de facto os aliados de Oeste e Leste — ideológicamente tão separados.

E, no encerrar da carreira, situa-se uma nota das mais curiosas do filme. E possivelmente a mais em-

ga: Patton, o guerreiro anacrónico, passeia por um prado um *bull terrier* de formas ridículas enquanto, em *vox-off*, um narrador evoca a entrada triunfal dos generais de César em Roma com todo o seu aparato de trombetas, escudos, carros, flores, lanças e escravos. O homem que comandou le-

(Cont. na pág. 7)

OS

Por José Alberto Gil

D. João e o Comendador (décor de Cassandre)

«vocês andam todos a correr, para a frente e para trás, e mais nada. Esfalfam-se, é a vossa resposta.»

Cia foi enxertando-se através dos diversos tipos de velocidade que Mozart, com um discurso instável e indeterminante foi tornando o percurso ex-cêntrico e assim, sem escrúpulos, se foi escrevendo e inscrevendo.

As características da disposição da escrita de Mozart são únicas em toda a história que ainda o não conseguiu absorver totalmente, pelo que Wolfgang tem ainda muitas pernas fora do ficheiro. Não é tanto uma escrita no que ela tem de disposição (inovações, alargamentos sonoros, uma escrita fàcilmente referenciável, como se fosse um autor burocrata ao serviço da história) mas uma escrita integral, um modo de comportamento.

Como ainda se não tinham inventado as vacinas e o B. C. G., Mozart procede a outros exercícios de IMUNIZAÇÃO.

Vista a História, da esquerda para a direita, há uma característica comum aos compositores do período clássico: é a sua fuga a um *determinismo* expresso ao nivel do material de composição: a tonalidade e o seu *sentido* de construção. Em todo o caso estas tentativas eram geralmente manobras de alargamento do percurso sonoro não anulando esse determinismo visto que o discurso não sofria desordenação ou desorientação.

Musicalmente essa disposição determinada encontra-se sistematizada ao nivel da harmonia tonal, como uma *hierarquização* das diversas notas cada uma com uma *função* determinada ao serviço da tónica, a nota base do sistema. E o alargamento clássico foi um processo de extensão sonora (quase como os Descobrimentos) com vista a novas tónicas através de modulações.

Mozart, compositor de ofício, situado dentro das relações de produção da época, trabalhava a música com finalidades concretas e oportunidades tais como festas e danças na corte, etc.. por outro lado, é por alguns autores apontada a sua necessidade de aceitação do público. A família

Qual o mecanismo de um comportamento equívoco. no sentido de indeterminado, em relação a uma aderência corrosiva ao circuito?

Vendo a música fora de uma perspectiva analítica, mas pelas ressonâncias atmosféricas que provoca no auditor, Mozart apresenta aspectos contraditórios de superfícies emotivas: desde a ternura à violência, da galanteria à gravidade, dos punhos de renda às levis, da melancolia aerodinâmica à dilaceração inexorável, etc.

A utilização simultânea ou quase, destes aspectos contraditórios (assim como a utilização lúdica, sem pecado, de todas as fórmulas e escolas da época) originam uma posição equívoca, uma maneira de (não) estar, uma ubiquidade, um desconcerto, em suma, uma maneira de não ser agarrado, visto que, ao não ser possível auscultar-lhe os interesses e sentidos (a descontinuidade atmosférica) não é possível a subornação, a compra, venda e troca de propriedades.

Esta descontinuidade e incoerência superficial é, de certo modo, anti-social visto que com um comportamento arlequinesco distorcia as necessidades e finalidades que motivavam a oportunidade da obra: anti-«natural» porque atentava contra as propriedades da individualidade (dentro duma tradição ocidental e cartesiana): a continuidade, a coerência, a unidade. Isso é bem notável na melodia mozartiana e evidente no género concertante.

A melodia apresenta constantes flutuações de velocidades (supracitadas) violando continuamente a unidade-finalidade do protagonista concertante e contribuindo para a queda do Ancien Régime. Por essas e outras é que Mozart é o marquês de Sade disfarçado.

A porta do cavalo para o D. João é o *concreto para clarinete* (usado por Godard no fim da carreira no «à bout de souffle»), onde no 2.º andamento o tema evoca o Dissoluto (unido, mas só no fim), mas evoca também a sagrada eucaristia com o motete Ave Verum Corpus. Introduzindo no clarinete um estilo concertante pianístico, fá-lo dialogar consigo próprio, como se tivesse a mão esquerda e a direita, atingindo um estado de ubiquidade muito útil para quem tem o amor fora do país.

II

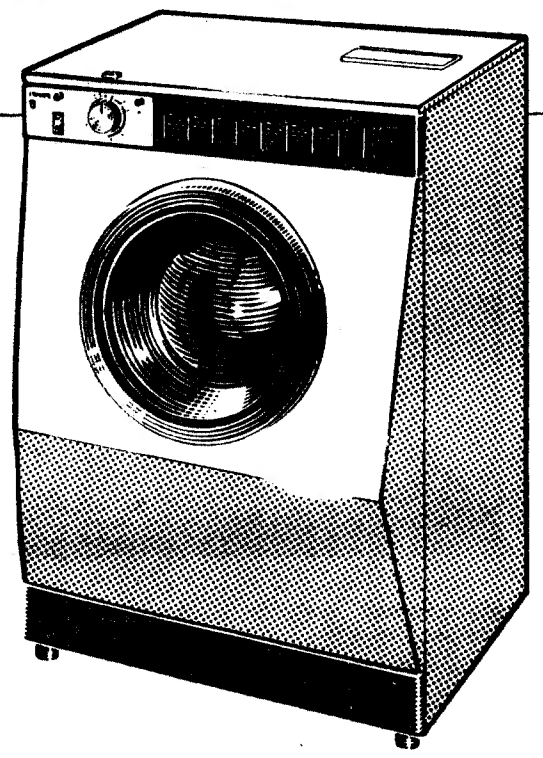
Alguns dos tipos «exemplares» que têm caracterizado D. João, criado nos princípios do séc. XVII por Tirso de Molina: o grande pecador mas (lá no fundinho) crente que se converte quando o pano está a cair; o romântico volupioso a farejar o infinito: o revoltado, com espírito de segurança e libertino aos sábados à noite.

Ora o «modus vivendi» donjuanesco é bastante difícil (talvez impossível) de definir e de caber em etiquetas na medida em que (como Mozart ao intervir criativamente ao nível das relações de produção) não tem o sentido do pecado, é uma criatura sem retorno, em movimento uniformemente acelerado, em contradição permanente. Como diz o mozartógrafo Onilibicheff: «La terre, rien que la terre, mais toute la terre».

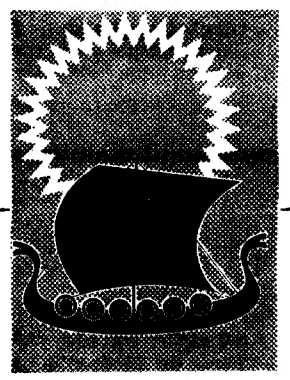
Deste modo é bom de ver que D. João é uma perso-

(Cont. na pág. 7)

uma máquina de lavar roupa Philips uma semana de férias gratis na Escandinávia



Dupla vantagem para quem prefere Philips: a certeza de comprar o melhor e a oportunidade de viajar gratuitamente.
As novas máquinas automáticas de lavar roupa Philips, Inclimatic e CC1000, dispõem de programas especiais para lavagem biológica e para lavagem da lã, aprovados internacionalmente.
Até 30 de Abril, as máquinas de lavar roupa Philips dão-lhe a oportunidade de ganhar uma viagem à Noruega, Suécia e Dinamarca, para duas pessoas, com todas as despesas pagas.



Decida já a sua compra e participe no
GRANDE CONCURSO PHILIPS
"VIAGEM AO SOL DA MEIA-NOITE"

PHILIPS

«ORPHEU»

(Cont da pág. 1)

per como defeitos de nós todos, mais do que apenas de alguns que se sentiram lesados nos seus prestígios.»

Actualíssimo, na doença literária que permanece. (Sublinhados nossos).

APOLÍTICO E PORTUGUÊS

Depois de salientar o apoliticismo da revista («Orpheu» era honradamente literário!»), Almada passa a adiantar algumas considerações (nele, saborosas sempre) quanto à «essência» da publicação e ao teor do seu portuguesismo:

«Sem programa, a não ser o de reunir autores, assim se fez «Orpheu». Todos autores e sem chefes, o que de verdade só é possível entre gente de Arte. Independência da colaboração. Até a ortografia era a dos autores. E foi esta independência da colaboração o que afinal deixava perceber uma unanimidade de ideias entre os seus colaboradores: A necessidade da «élite» portuguesa, a qual não estava no seu lugar, a qual não estava em parte nenhuma!

Estava desabitada a cabeça de Portugal!

A razão de «Orpheu» era profundamente aristocrática, não no seu efémero sentido de sangue, mas na sua verdadeira essência de valores.

Orpheu era uma consequência fatal de determinismos portugueses, desligando-se dos outros portugueses, porém ligados entre si pela mesma fé na «élite» de Portugal. As suas personalidades vinham já esclarecidas o bastante para uma dignidade comum. Por isso mesmo éramos portugueses sem sermos nacionalistas, nem regionalistas, nem indigenistas. Queríamos apenas o mais difícil dos títulos portugueses: sermos portugueses simplesmente!»

Exemplos, seguindo Almada, deste portuguesismo (literário): *Histoire du Portugal par coeur*, do próprio, e *Mensagem*, de Fernando Pessoa. E mais não diz, da matéria literária, mas, citando o Pessoa *(«há já muito tempo que deixou de haver portugueses em Portugal»)* e transcrevendo uma quadra enviada de Madrid em 1928 por outro colaborador de «Orpheu» (ele mesmo; e eis a quadra: *É fado nosso / é nacional, / não há portugueses. / há Portugal.)*, Almada reflecte uma certa amargura quanto ao *despaisamento* (ideológico, filosófico) das lusas gentes

«Ora o que queriam os colaboradores de «Orpheu» era que houvesse Portugal e também portugueses. Portugueses sobretudo, visto que Portugal já há. «Orpheu» dirigia-se especialmente ao caso das várias pessoas portuguesas, aos vários casos do português, ao português.»

Dois do «Orpheu»: o Pessoa do Almada e o Almada. Ao ataque!

«ÉLITE» E EUROPEISMO

E, sempre pouco jornalista e mais inventor, volta á questão da *élite* necessária a Portugal. Que é isso da *élite?* É «coisa muito séria, é até a mais séria de todas onde haja um povo; não cuida apenas do governo do povo pois que reconhece já a pessoa humana também»; mais: «não se resume na ciência política», pois que «é sobretudo o conhecimento do humano, o que é de carne e osso». «Orpheu», claro, apontava para esta *élite*. Mas não isoladamente do contexto europeu:

«Outra característica de «Orpheu» era o europeísmo. Dirão: Como pode ser se estavam em «Orpheu» dois brasileiros? dois americanos?! Isto mesmo ajuda-vos a responder. E na resposta fica também demonstrada a independência que dissemos já dos colaboradores de «Orpheu».

Ronald de Carvalho, precisamente o escritor brasileiro, colaborador de «Orpheu» escreve nos «Estudos Brasileiros»: «O nosso dever é destruir o preconceito europeu... Deixemos de pensar em europeu. Pensemos em americano». Isto quer dizer: o que para o português representa o eu-

VER PARA QUERER JULGAR PARA COMPRAR

TESTE O VAUXHALL 2000 SL

Descubra-o tal como ele é:
– Motor de 1975 c.c., 108 HP;
– Árvore de cames à cabeça;
– Distribuição silenciosa comandada por correia de borracha dentada;
– Direcção directa desportiva de pinhão e cremalheira, com cardans de borracha;
– Travões de circuito duplo, de disco à frente e polias atrás, com grande área de travagem, assistidos por servo-freio;
– Coluna de direcção amortecedora de choques e volante com raios almofadados;
– Suspensão traseira com tensor de segurança;
– Amortecedores reforçados de duplo efeito;
– Alternador;
– Sistema de quatro faróis;
– Dispositivo anti-roubo: fecho de direcção acoplado com o interruptor de ignição.

O 2000 SL NÃO TEME AS DEMONSTRAÇÕES E ESTÁ À SUA DISPOSIÇÃO EM QUALQUER CONCESSIONÁRIO VAUXAHLL PARA UM TESTE GRATUITO.

QUEM VÊ UM VAUXHALL 2000 SL É LEVADO A QUERÊ-LO: É ELEGANTE, ESPAÇOSO, CONFORTÁVEL E LUXUOSO. PORÉM, HÁ COISAS QUE NÃO SE PODEM VER. É PRECISO EXPERIMENTÁ-LAS. POR EXEMPLO: A SEGURANÇA, A CONDUÇÃO, A POTÊNCIA, A PERFORMANCE.
JULGAR PARA COMPRAR.

VAUXHALL 2000 SL – JUNTE-SE A ELE E JUNTE-LHE OS SEUS.

VAUXHALL GM

ropeismo, é evidentemente para o brasileiro o americanismo. O brasileiro há-de encontrar a sua humanidade dentro do americanismo. O português é que não pode deixar de ser europeu, e cada vez menos pode deixar de o ser, pela simples razão de que a Europa é cada vez mais Europa.»

Fora (ou dentro?) do objectivo imediato do artigo, Almada passa a filosofar sobre as relações Portugal-Europa: cita uma passagem do seu texto *«As 5 unidades de Portugal»*, de 1930, então inédito (surgiu) publicado, em Junho de 1935, na revista *Sudoeste* n.º 1, mas não demos pela passagem transcrita), refere-se ao ensaio «Portugal», do conde de Keyserling, e á incompreensão que por cá ele suscitou, tudo para nos dar a entender que o Portugal de então (1935) continuava alheio ao sentido europeu que o *«Orpheu»* procurara consubstanciar: *«Vai ser difícil o português entender o Portugal europeu. Bem mais difícil do que o brasileiro entender o Brasil americano»*

«ORPHEU», O PIONEIRO

A parte final do artigo evocativo dos vinte anos de «Orpheu» toma a força de um importante testemunho pessoal, vinda de quem vem. O tom é ainda aguerrido, esperançoso («e segue»), longe portanto da memória recriada no livrinho que Almada dá á estampa no cinquentenário da revista:

«Enfim, foram estas as duas características mais importantes de «Orpheu»: portuguesa e europeia.

Para a conquista da «élite» portuguesa encontrara «Orpheu» o caminho heróico: cultura individual. portuguesa e europeia.

Não se há-de enganar quem vir no escândalo produzido pelo aparecimento de «Orpheu», a preguiça portuguesa fortemente incomodada por este desafio de acção. A preguiça individual portuguesa, digo, que é pelos vistos incomparávelmente maior do que a preguiça colectiva portuguesa.

Almada (auto-retrato): «não há portugueses, há Portugal».

É que «Orpheu», meus senhores, foi o primeiro grito moderno que se deu em Portugal.

«Orpheu» é o pioneiro do movimento moderno em Portugal!

E segue.»

«Orpheu» não seguiu: teve dois números publicados e um terceiro que não ultrapassou a fase das provas de granel Mas segue, noutro sentido: hoje, passados 56 anos do seu aparecimento, a sua intervenção, o seu decidido antiprovincianismo, a sua acutilancia iconoclasta (mais do que as variadas tendências estéticas dos seus colaboradores, algumas demasiado *datées)* continuam a servir de exemplo e trampolim para quem, em Portugal, procura contrariar o imobilismo, a fronteira regional, a cultura em sentido fechado.

S. L.

Mozart: o amor sem fios

(Cont. da pág. 5)

nagem não exemplar, isto é, que não SERVE de exemplo (nem bom nem mau, porque hoje em dia já nem se pode dar mau exemplo sob o risco de se chapar num poster).

Os efeitos visíveis de D. João observam-se nas outras personagens — Ana, Elvira, Zerlina, etc. — que em Mozart são tão importantes como D. João.

Compondo tonalmente, usando a linguagem comum (o sistema determinante: tonalismo) Mozart como qualquer autor clássico, procurava uma maneira própria de articular — ordenar os elementos da linguagem comum. Assim verifica-se na ópera, a própria expressão verbal é subordinada à forma geral, e consequentemente, a própria individualidade conferida a cada personagem é mais um «modo de reacção» de tessitura, que pròpriamente um modo de escrita que individualizasse as personagens («leit-motiv» de Wagner). Outra consequência é a evidência das situações cénicas, a medida justa, o «mitteldung», do conflito cénico-verbal e musical.

Este arrazoado serve de ajuda à compreensão do D. João distintamente mozartiano, e a renegar as concepções tipo «Aventuras & Desventuras...», e outras classificações que caracterizam suficientemente o personagem para tomá-lo mitificante e comovedor.

Os estragos irremediáveis nas personagens circunferentes a D. João traduzem-se igualmente em atitudes indeterminadas, corrosivas, sendo o melhor exemplo a cena da sedução de Zerlina no próprio dia do casamento com Maseto.

A política de relações públicas de D. João — pseudópode da decadência senhorial — é o amor, desordenado, confuso, como único meio de reestabelecer as relações, dar a máxima plurivocidade à organização social, envolvê-las com a transparência e semiconsistência do «pudim-flan» como diz a Quenina, que tem muito bom gosto e é mais doce que o chocolate.

Este amor sem fios, sedução-evacuação das pessoas que o QUEREM (para funcionário familiar) foi totalmente incompreendido pelo encenador, senhor Tito Gobbi, que estrábica e senilmente o caracterizou (mais uma vez) de espécime trôpego de Marialva, que talvez se chamasse João. Enganando o povo como Nero tangendo no COLISEU (repare-se na identidade de lugares), e tentando fazer uma leitura literária e simbólica de um conflito que o não é, Gobbi, no sopé da estúpida rampa (que para ele era o declínio, **sic**) lá ia cantando como um D. João na menopausa e fazendo uma marmelada epidérmica com as cantoras muito chateadas com os seus destinos. E na menopausa andam todos eles, desde a conferência erudita pelo dr. Freitas Branco ao ziguezagueante maestro. Decididamente esta cidade está estéril. Sem Pílula.

JOSÉ ALBERTO GIL

O triunfo da ambiguidade

(Cont. da pág. 5)

giões de blindados e agora tem a companhia dum cão triste num cenário onde, em pequenas elevações, giram compassadamente as velas de moinhos de vento (mais uma alusão ao quixotismo do personagem?)

O final do filme é muito bem escrito mas a sua ambiguidade parece-nos perigosa na medida em que cria um clima de simpatia pelo herói incompreendido, pelo grande chefe solitário que os burocratas expulsaram.

Igualmente parece certo que Patton — três estrelas e três pistolas (dois dos quais revólveres com cabos em marfim e não em madre-pérola como ele faz notar a um repórter) — representa, tal como Schaffner e Coppola o mostram, uma força da natureza, um bruto inteligente capaz de esbofetear (mas também de beijar) um subordinado, um monstro de sinceridade perante os manobradores do Estado-Maior. Ora, homens chamam imediatamente a simpatia e não a antipatia do publico e, ainda há poucos dias, um motorista de praça nos dizia ao ver o cartaz gigante do Monumental: «Patton! Aquilo é que era um tipo. Se o tivessem deixado, os americanos hoje dominavam o mundo inteiro...»

Assim se faz a lenda. E é curioso como este filme inteligente, carregado de muscularidade e de truculência, termine por obter uma mensagem que possìvelmente está longe das suas intenções e até da sua escrita.

Ou, colocando o assunto doutra maneira, são os detractores prudentes de Patton que ajudam a forjar o seu mito.

JOSÉ VAZ PEREIRA

TAP
TRANSPORTES AÉREOS PORTUGUESES

DIÀRIÀMENTE, sim, porque os negócios não podem esperar. Pois bem, pode partir já amanhã, porque a TAP voa diàriamente para os Estados Unidos abrindo-lhe ao longo do ano, através de New York ou de Boston, esse mundo de negócios que é o MERCADO AMERICANO.

Todos os dias, sim, assegurando aos seus passageiros-homens-de-negócios uma assistência permanente: em terra, na origem e no destino; no ar — à ida e no regresso — graças a um serviço de bordo impecável de atenções. Acerte a sua hora pela hora da TAP.

através do mundo
em boa companhia

Escritórios em: BOSTON - CHICAGO - LOS ANGELES - NEWARK - CLEVELAND - NEW YORK - FILADELFIA - S. FRANCISCO - WASHINGTON

Consulte o seu Agente de Viagens... e deixe a viagem a nosso cuidado

MARCA 70

Artes Visuais

UMA FLORESTA PARA OS TEUS SONHOS

por Rocha de Sousa

OS COMPROMISSOS da tua fruição dizem respeito a todas as tuas vinculações.

Diz não às fórmulas de empacotamento da cultura. Serve-te dela para descobrir a tua pureza.

A arte não está na presença física do bisonte de Altamira, mas sim na posse que ele significa.

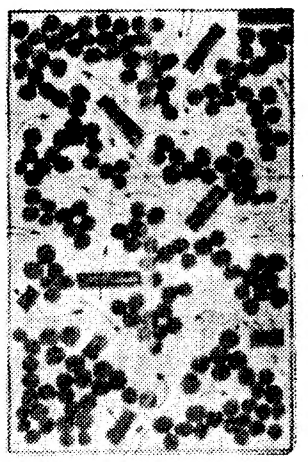
A arte é um «medium» para; a sua função define-se no prolongamento da sua própria transformação, na renovação permanente do seu campo de acção.

As mensagens da arte que te proponho serão significantes na autenticidade dos significados que lhes encontrarás.

Deita-te no silêncio do teu dia e pensa que a vida é mais importante que toda a arte-para-burguês-fruir e terás então a tua própria arte, uma arte para a tua acção.

Alberto Carneiro

EFECTIVAMENTE, a arte é uma forma de acção. Mas nem toda a acção é arte. Alberto Carneiro situa-se no limite, de propósito e com ênfase. Pensa ingénuamente que combate a fruição estética do burguês, esgrimindo no seio da crise pela consciência do esteticismo decadente, mas comete ainda o erro de usar os meios oferecidos pela sociedade burguesa. Declara-se contrário ao empacotamento da cultura, descobre-se não reconciliado com o seu meio social, mas consente que a distribuição da sua «mensagem», apesar da transitoriedade e da manejabilidade da forma, se realize segundo os acessos instituídos pelo complexo económico existente, vinculando-se ás relações consagradas pela conjuntura. No fundo, é apenas pela via poética que procura romper essa conjuntura. A obstrução da galeria com uma sedutora proposta de envolvimento decide um circuito fechado que se convencionaliza no local e se determina ao fruidor pelas suas implicações especulativas. Isso respeita as convenções do bom comportamento, não invade a rua, nem a fábrica, nem o itinerário quotidiano do indivíduo. Encerra-se, como acção, numa espécie de diletantismo, perde o dom da verdadeira provocação.



Plano da exposição

«As mensagens da arte que te proponho serão significantes na autenticidade dos significados que lhes encontrares». Afinal, o mecanismo poético desta aventura propõe-se ao indivíduo, considerado singularmente. Não parece muito inclinado a votar-se á experiência colectiva, condição que nos parece necessária para se ultrapassar a subjectividade burguesa e o condicionamento da comunicação. As técnicas do *environment* e as do *happening* conduzem justamente á acentuação do colectivo, impondo formas de participação que mergulham o indivíduo no agir desinibido do todo. A experiência individual e subjectiva é posta em crise, e condicionada, pelo confronto violento do convívio na acção. Ora uma das virtudes do *environnement* proposto por Alberto Carneiro consiste precisamente na possibilidade de estimular e conter grupos de fruidores, conjugando a experiência pessoal com a experiência colectiva. A imensidade dos troncos dispostos num espaço arquitectónico fechado, apertando-se á noção de floresta e ao símbolo do labirinto, abre ao imaginário as potencialidades da memória, as capacidades de associação de ideias e um forte sentido lúdico ao gesto possível, uma determinação física difícil de conter. Uma arte para a nossa acção, como preconiza o autor, mas justamente uma acção que se esclarece pelo confronto com as outras acções, que se subtrai ao acto contemplativo e é assumida na dimensão do apelo físico. «A arte não está na presença física do bisonte de Altamira, mas sim na posse que ele significa». Esta posse é uma conquista do grupo, o artista serve de intérprete ao gravar a voz colectiva, associando a imagem aos destinos da acção.

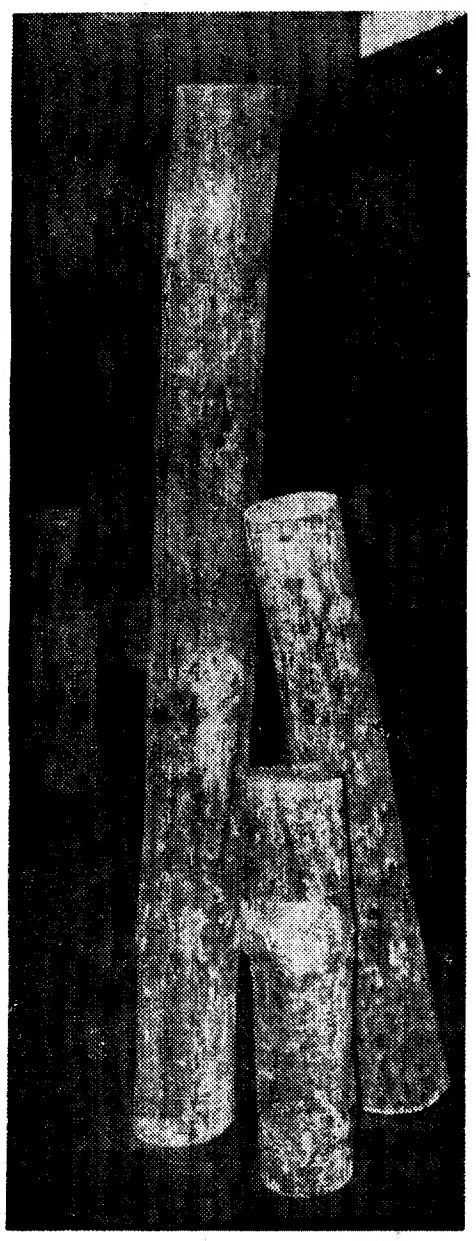
UMA FLORESTA NA CIDADE

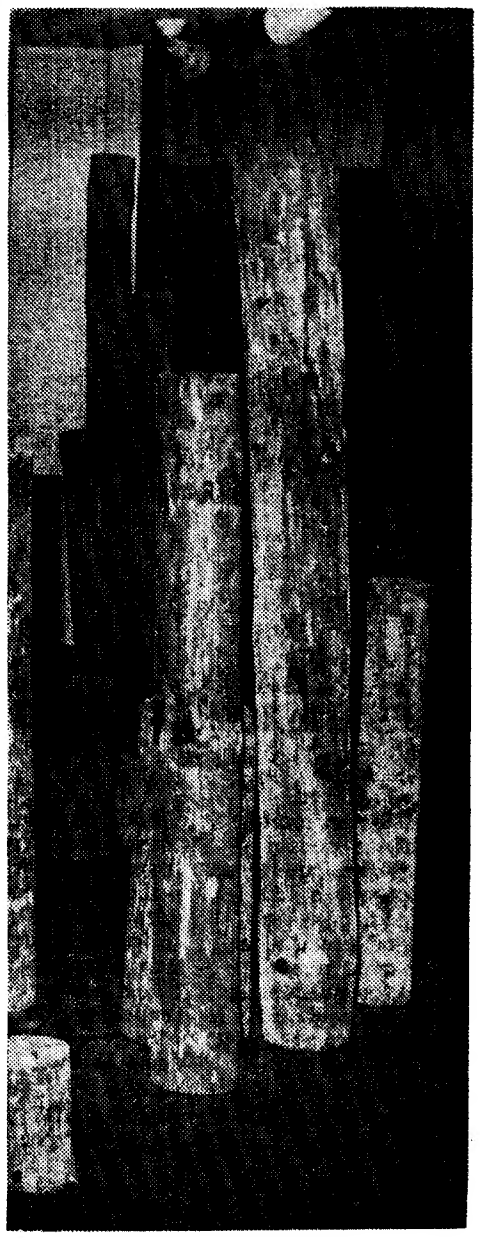
ALGUNS artistas contemporaneos têm procurado interferir profundamente no processo das aparências e no código da representação, não pela experiência de laboratório, adstrita a uma galeria e ainda aparentada com a estética convencional, mas pela acção directa na realidade. Não se trata portanto de destruir ou reinventar o espaço de uma galeria, mas antes de agir sobre o mundo, cancelando com violência a sua lógica ou a sua natureza. Isso pode reconhecer-se em *Forest Piece*, em Jan Dibbets, imposta negação de um facto natural, quando todo o sistema perceptivo é alterado pela deformação da perspectiva de uma avenida. Noutros casos, é a própria paisagem envolvida por materiais da produção industrial e o espaço reconstruído por uma posse violenta e irónica, breve e esmagadoramente actuante.

Vista geral da exposição de Alberto Carneiro

«Uma Floresta para os Teus Sonhos», de Alberto Carneiro, é susceptível de assumir idêntica vocação, interferindo de forma mais directa no quotidiano da cidade e portanto excluindo-se dos circuitos onde a arte consumível se recolhe. A «Floresta» define a obstrução dos itinerários estabelecidos, reinventa esses itinerários pelo inevitável convite á circulação, propõe a opção e o sonho, é a petrificação simbólica do nosso devaneio antigo, do nosso devaneio de infância, e ao mesmo tempo confirmação kafkiana do nosso emparedamento. Modifica o espaço e a percepção do real, impede a comodidade de uma leitura feita *de fora*, mobiliza as pessoas para a acção e dá-lhes consciência da sua capacidade inventiva e das suas emoções. Não se determina apenas como *environnement;* é também *happening*, ironia e convívio, desmistificação e sonho, lugar geométrico onde o agir se opõe definitivamente á solidão.

Cuidado, no entanto: e se os burgueses se encantam com a inegável beleza formal da floresta e encomendam duas ou três para as suas casas de campo?





A «Floresta» é (também) a confirmação kakiana do nosso emparedamento

AUTORES de HOJE

Alberto Carneiro

ALBERTO CARNEIRO nasceu em Setembro de 1937, em S. Mamede de Coronado. Trabalhou como Santeiro dos 10 aos 21 anos. Frequentou as Escolas de Artes Decorativas Soares dos Reis e António Arroio (cursos nocturnos), a Escola de Belas-Artes do Porto e a Saint Martin's School of Art de Londres

Exposições-colectivas: cinco magnas da E. S. B. A. P., Missão Estética de Férias, Funchal, Lisboa, I Exposição de Artes Plásticas da «Árvore», Porto, três Extra-Escolares da E. S. B. A. P. (que co-organizou), duas colectivas na Saint Martin's School of Art, VI Bienal de Paris, colectiva-retrospectiva «35 Artistas», Ogiva, Óbidos.

— Individuais: Escultura e Desenho, Porto, 1967, Desenho, Porto, 1967, Escultura, Porto, 1969 «Acontecimento», Porto, 1971, Coimbra, 1971.

Convidado a participar e expor no Museu de Arte Contemporânea de Skopje, Jugoslávia, exposição prevista para o Canden Art Centre. Londres.

Prémios: Rocha Cabral da Academia Nacional de Belas-Artes, 1963, Meireles Júnior e Teixeira Lopes, E. S. B. A. P., Nacional de Escultura, 1968.

Bolseiro da Fundação Calouste Gulbenkian em Portugal (1962-1966) e em Londres (1968-1970).